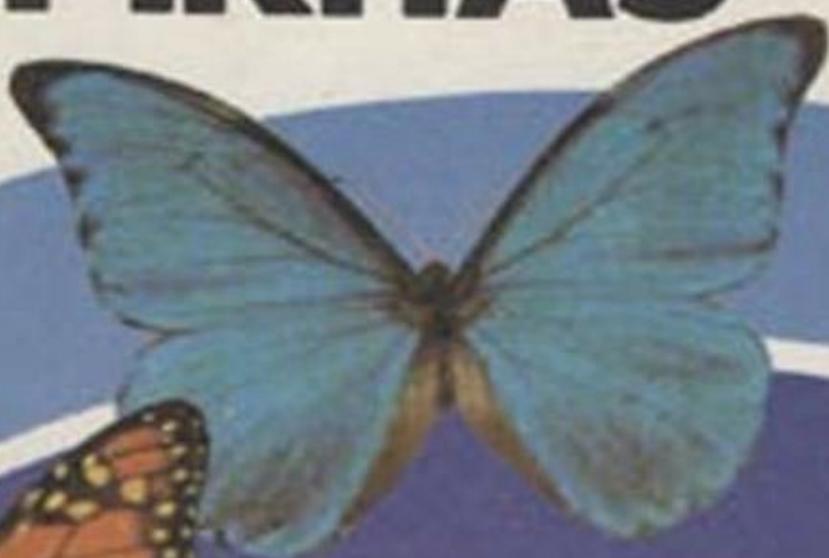




DIVALDO P. FRANCO
Pelo Espírito VIANNA DE CARVALHO

ENFOQUES ESPÍRITAS



Capemi
EDITORA

ENFOQUES ESPÍRITAS

DIVALDO P. FRANCO

APRESENTAÇÃO

Reestruturando suas atividades culturais e educacionais através da CAPEMI — Sociedade Educacional Ltda. (SOCEL), o Sistema CAPEMI enseja a reavaliação e a reativação de um dentre os muitos e nobres ideais de seu saudoso fundador, Cel. Jaime Rolemberg de Lima.

Dentro deste enfoque, ressuma o primado do livro, mormente se ele se constitui no agente de alquimia espiritual do homem, espantando-lhe as trevas da ignorância e renovando-lhe o campo mental ao toque mágico da fé e da esperança.

Não poderia ser mais promissor o início desta atividade editorial; nem mais promissor, nem mais coerente com o posicionamento filosófico em que nos situamos.

Isto poderia ser bastante para justificar o entusiasmo com que entregamos este livro ao carinho certo do público.

Mas há outro forte motivo para que nossos corações se sintam gratificados, qual seja a alegria de podermos colaborar, na singeleza de nossa tarefa, com a sublime obra de amor de Vianna de Carvalho, com quem, por muitos títulos, nos sentimos fraternalmente ligados.

Continua ele, na espiritualidade, a cumprir o mandato para o qual foi separado pela misericórdia divina. E ainda, e sempre, intemorato, ardente, veraz e sincero.

Vivendo a fase heróica da implantação do Espiritismo em nossa Pátria, foi ele o paladino da fé, o arauto do Evangelho, arrebatando os auditórios lotados com seu verbo inspirado e conduzindo os corações em aflição e sem rumo para os remansos da consolação e da paz.

Ainda ecoa, na lembrança dos que tiveram a ventura de ouvi-lo, o magnetismo profundo daquela voz bem timbrada, no encanto sublime da forma, na força extraordinária do conteúdo.

Por obra de sua vida de militar, mas certamente conduzido por superior ascendente, Vianna fez inúmeras andanças pelo País, de Fortaleza, o berço natal, ao Rio Grande do Sul. Em Cuiabá, Porto Alegre, Santa Maria, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Aracaju, Maceió, Fortaleza e em inúmeras cidades na área de influência do Rio e de São Paulo, deixou a marca indelével de sua presença.

Desencarnando em 1926, aos 52 anos, dele falou o "Reformador", sempre tão cuidadoso em emitir juízos: "como bandeirante da ideia, como desbravador de searas, é força convir que sua obra doutrinária não tem paralelo no Brasil, ninguém fez mais nem fez melhor".

E é ele que volta, pela voz e pelo braço solícitos de Divaldo Franco, mediano fiel, sintonizado na mesma faixa do serviço cristão.

Se Divaldo fala, se Divaldo escreve, lá está, quase sempre, o "Vianinha", em simbiose de generosa frutescência.

Sentimos nós que Vianna, parafraseando a Paulo, poderia dizer: "ai de mim se não pregar o Evangelho".

Aqui estão enfoques magníficos. Aplicando as próprias palavras do autor, ao se referir ao "Livro dos Espíritos", repetiríamos que as páginas que ides ler são, também, "respostas do céu às perguntas aflitas da terra".

Que continuem a jorrar, para nossa edificação, estas vozes dos céus.

Que Vianna de Carvalho prossiga na tarefa redentora e que continue a encontrar em nosso dileto Divaldo o afinado companheiro de trabalho.

CAPEMI EDITORA*

* Apresentamos ao Sr. Ruy Kremer, Presidente do Conselho Deliberativo da CAPEMI, sinceros agradecimentos pela magnífica apresentação que elaborou em nome da CAPEMI Editora.

SUMÁRIO

Págs.

<i>Enfoques espíritas</i>	9
1 — Salve, Codificador!	11
2 — Mensageiro da luz	13
3 — Cristianismo e Espiritismo	15
4 — Fanal do Espiritismo	19
5 — Cristianização do homem	23
6 — Além da vida	28
7 — Realidade espiritual	31
8 — Sofrimento espiritual	35
9 — O enigma das distâncias	39
10 — Função da fé	42
11 — Ante os tempos novos	45
12 — Justiça divina	48
13 — Justiça da vida	51
14 — Penas futuras	55
15 — Provações e expiações	58
16 — A fé no futuro	62
17 — Reencarnação — Ato de justiça	65
18 — Olvido do pretérito	69
19 — A dor missionária	73
20 — Por quê?	77
21 — Considerações sobre a mediunidade	81
22 — Escolhos à mediunidade	85
23 — A serviço da mediunidade	89
24 — O problema da insatisfação	93
25 — A lei do trabalho	96
26 — Tecnologia e Evangelho	99
27 — Tecnologia e caridade	102

28 —	Exaltando a caridade	106
?		
Págs.		
29 —	Lição de vida	1 109
30 —	O sucesso	112
31 —	Coragem e valor moral	115
32 —	Oração e vigilância	117
33 —	Aos difamadores do Espiritismo	119
34 —	Espiritismo e rituais	122
35 —	Esquisitices e Espiritismo	125
36 —	Na divulgação espírita	129
37 —	Duelos	133
38 —	O sono inimigo	135
39 —	Dúvida	138
40 —	A tarefa de Allan Kardec	141

ENFOQUES ESPIRITAS

O aturdimento que varre a Terra e envolve as criaturas tem gerado lamentáveis colocações filosóficas e estranhos cultos religiosos, que se caracterizam pelo barbarismo e pelos disparates das suas manifestações.

Embora não nos caiba a tarefa da censura ou a posição do crítico por sistema, fiel ao conteúdo primoroso da Doutrina Espírita, permitimo-nos, ao largo dos anos, examinar algumas questões e comportamentos humanos, apresentando sobre eles o enfoque espírita.

Reconhecemos a temporária necessidade na Terra dessas seitas estranhas, como das várias doutrinas ora adotadas pelas massas, como expressões de fé e filosofias de vida. No entanto, transcorridos mais de cento e vinte anos desde o surgimento da Codificação Kardequiana, afigura-se-nos oportuna uma tomada de posição coerente com os ensinamentos e estudos da Doutrina Espírita, que objetivam libertar a criatura do misoneísmo, das lendas e superstições, das credulidades e das evasivas culturais, tanto quanto das antigas informações religiosas destituídas de fundamento científico, que pretendem manter a ideia absurda de um Deus antropomorfo sustentando a fé cega.

Não acalentamos a presunção de apresentar os assuntos abordados no seu melhor enfoque, animando-nos o propósito de contribuir de alguma forma para a iluminação das mentes e do discernimento humano diante da problemática de grave importância, que é a imortalidade da alma e suas implicações na comunicabilidade, na reencarnação, na justiça divina, na vivência evangélica...

Estes enfoques espíritas baseiam-se na lógica da razão, tendo como suporte a veraz linguagem dos fatos constatados pela investigação científica.

Há muito por dizer sobre a gama de fatos que são hauridos no organismo da Doutrina Espírita e que vem desafiando as últimas décadas iluminadas pela Ciência e pela Tecnologia,

períodos esses não menos portadores de sofrimentos, misérias e angústias que aqueles que lhe foram precedentes.

■ *Em tempo próprio, várias das mensagens que constituem o presente volume foram publicadas em diversos periódicos espíritas do nosso país.*

Ao serem aqui enfeixadas, foram por nós próprio revisadas e refundidas, objetivando dar-lhes melhor harmonia de conjunto.

Côncios de estarmos contribuindo com a nossa melhor parte, exoramos ao Senhor Jesus que nos abençoe e guarde na Sua paz.

Vi ANNA DE CARVALHO

Salvador, 29 de maio de 1980

1 SALVE, CODIFICADOR!

Corria o reinado de Napoleão III entre desesperos e inquietações. Prometendo a República, fizera-se Imperador desde 1848, deixando a França ansiosa e insatisfeita.

Nas ruas de Paris e nas Academias, a revolução das ideias parecia repetir o pensamento de Voltaire, Condorcet, Montesquieu... os pré-revolucionários.

As igrejas digladiam-se sob as ameaças do materialismo ateu e do racionalismo niilista que começam a vencer a ignorância e os dogmas.

Kardec é chamado à faina da renovação dos ideais e à preparação do porvir.

Começam os embates.

Na vitrina da Galeria d'Orleães, no Palácio Real, o Sr. Dentu põe em destaque o livro do Sr. Allan Kardec.

O abade de Leçanu, que representa a nobreza intelectual do Clero livre, fascina-se com "O Livro dos Espíritos" e afirma que ele contém o de quanto é necessário para, posto em prática, conduzir "qualquer criatura ao Céu".

A intolerância, porém, fermenta a revolta e o crime baba sua peçonha através de preconceitos entre as paredes estreitas da inveja.

Em Barcelona são incinerados 300 volumes que trazem o pensamento revolucionário, como se, queimando os livros, destruíssem as ideias.

O sol da Crença, porém, espalha seus raios como dardos de vitória e a mensagem do Espiritismo faz renascer das cinzas do esquecimento, à semelhança de Circe, as filosofias que foram a glória de Civilizações passadas, para deslumbramento e júbilo dos tristes, ansiosos e escravos.

Gabinetes de empirismo e cientificismo são transformados, e a experimentação metapsíquica revela a imortalidade da alma, vitoriosa, após a morte.

O próprio Napoleão III abre as portas das Tulherias, ouve o Sr. Rivail, entre encantado e atencioso.

Os mortos voltam, as vozes falam...

Da mesma cidade de Lião, onde o Cristianismo conheceu tantos testemunhos de fé, através do martírio, nos primeiros séculos, o mundo recebeu, com Kardec, a mensagem portadora da luz e da consolação para a Humanidade inteira.

Cumprem-se as promessas de Jesus.

O Paracleto chega, consola e fica; a fé esclarece-se, perdura e guia; a filosofia explica, orienta e ilumina; a Ciência afirma a Crença e o conhecimento apóia-se na fé, em termos exatos e reais.

Novos horizontes rasgam-se à indagação. Outros rumos se abrem ao saber.

As premissas da paz estabelecem as diretrizes da felicidade, e o Cristo, triunfante e vivo, volta ao saudoso coração de quantos O aguardam expectantes, em confiança.

Glória a ti, ó Kardec! vitorioso construtor dos tempos novos. Teus discípulos, jubilosos e gratos, homenageiam- te e saúdam-te.

2 MENSAGEIRO DA LUZ

Nada que se lhe equipare. Nenhuma força maior do que aquela de que se faz medianoiro.

De fácil manuseio, é depositário de incomparável persuasão e, ao alcance de quem o deseje, transforma homens, modifica estruturas e abala construções de vários portes.

Desprezado, não se apequena; compulsado, não reage; exaltado, não se eleva.

Miniaturizado, nada perde; fechado, parece inútil; relegado às prateleiras, torna-se adorno...

Usado e meditado, desdobra possibilidades e enriquece de bênçãos, facultando sorrisos de júbilo, lágrimas de emotividade, sonhos de esperanças, ensinamentos imorredouros.

Esse mensageiro é o livro — o maior tesouro de que o homem pode dispor para a própria evolução.

Há, porém, livros que conduzem e orientam;

livros que pervertem e envenenam;

livros que educam e instruem;

livros que desequilibram e corrompem;

livros que retratam vidas com enobrecimento;

livros que narram a História e que contam estórias;

livros que preparam para a vida;

livros que conduzem à morte;

livros e livros...

Usando o vigoroso livro da Natureza, onde o Pai inscrevera as lições da Sua Suprema Sabedoria, Jesus cantou

a epopeia do amor, facultando à Humanidade, depois, compulsar o Novo Testamento, retratando as "Boas Novas".

Antes dEle, Sócrates se utilizou da experiência humana em observações preciosas e Platão narrou os seus ensinamentos em livros imortais...

Não obstante as guerras a que foi constrangido manter, Marco Aurélio exarou em um livro seus pensamentos e meditações superiores.

Meditando, muitos séculos depois, solitário monge traçou rotas de místico amor, que fulguram no "Imitação de Cristo".

Mas outros homens escreveram panfletos mordazes e livros trágicos, opúsculos venais e tratados científicos, grafaram discursos torpes e coletaram páginas de inefável sabedoria...

Em clausuras *herméticas*, nas praças arejadas, nas escolas como nas prisões, no silêncio asceta ou no tumulto das cidades o livro tem estado presente, exercendo o mister a que se destina — conduzir, silencioso e forte, a mensagem de que é portador.

Luxuoso ou de cordel, raro ou popular, vale pelo conteúdo, pelo bem que faz, nunca pelo preço com que pode ser adquirido.

Acima, porém, de qualquer exame, o livro espírita é o mensageiro da luz, sintetizando a sabedoria dos séculos, oferecendo os celeiros da imortalidade, promovendo o homem às culminâncias da existência, libertando a vida.

Elaborado pelos Espíritos Excelsos, através de Allan Kardec, deu início à Era Nobre, dirimindo dúvidas e arregimentando Espíritos para o fanal glorioso da felicidade.

Livro espírita — Deus te abençoe!

3 CRISTIANISMO E ESPIRITISMO

Impossível dissociar o Espiritismo da doutrina cristã.

Por mais se deseje antepor argumentos negativos ou de cunho cepticista, a Mensagem Kardequiana, sem qualquer sombra de dúvida, é o Consolador prometido por Jesus.

Inobstante o respeito que nos merecem todas as correntes de pensamento espiritualista, em particular as que se derivaram do Cristianismo primitivo, a Doutrina Espírita cumpre todas as cláusulas do anúncio de Jesus, clarificando-Lhe os ensinamentos, graças aos postulados por cujos meios se expressa.

Ao declarar que enviaria o Consolador¹ para a Humanidade, a fim de que ele repetisse as Suas sábias lições e trouxesse outras que ainda não poderiam ser apreendidas naqueles dias, o Mestre foi tácito em reconhecer que nós, os homens, esqueceríamos a incomparável mensagem, adulterá-la-íamos, desfigurando-a do seu significado profundo, outrossim, não possuindo, então, as condições mínimas para compreender a magnitude da revelação em toda a sua totalidade.

É indubitável que as conveniências humanas, acumpliciadas com as paixões de grupos e de Governos arbitrários, procuraram adaptar o pensamento superior do Cristo, dele se utilizando para os desvarios a que a História se refere em largas e lamentáveis considerações...

Da lição inicial restaram, apenas, as palavras do Senhor, algumas convenientemente adaptadas a situações

que deveriam prevalecer, muitas outras ajustadas e colocadas para servirem aos interesses subalternos.

Apesar disso, o vigor do exemplo do Rabi e a estrutura dos Seus ensinamentos extravasam dos limites das formas, oferecendo uma visão complexa e perfeita do ministério que Ele veio exercer e o apelo permanente para a reforma do homem desarvorado e vencido...

Igualmente, inúmeros ensinamentos não poderiam, àquela época, ser ministrados, porque o processo intelectocultural das mentes não facultava assimilá-los, não estando mesmo a Ciência em condições de comprovar-lhe o acerto das situações, palavras e informações.

No entanto, embora veladamente, referiu-se à pluralidade dos mundos habitados,² dando uma ideia global do Universo, conforme a moderna teoria Einsteiniana, quando o conceito vigente sobre a Terra e o Firmamento era tacanho e ingênuo...

Ato contínuo, adentrou-se na Embriogenia, afirmando sobre o "nascer da água",³ antecipando o conhecimento da origem da organização humana, através da fecundação *aquosa*, ao mesmo tempo afirmando a reencarnação, identificada pelos contemporâneos como "ressurreição da carne".

Precedendo à Física Nuclear e à Ciência Atômica, a ação que multiplica os pães e os peixes atestou a Sua sabedoria e perfeita manipulação das moléculas que elaboram as formas, facultando provar ser Ele o responsável pela vida na Terra, da qual é o Governador Excelente.

A Doutrina Espírita, mediante a comunicabilidade dos Espíritos, oferece a consolação imprescindível à vida, em face do *mistério* diante do túmulo, elucidando um dos mais complexos e tresvariantes problemas da filosofia religiosa de todos os tempos.

O suporte reencarnacionista demonstra a inalienável justiça divina, propiciando uma perfeita visão espiritual para a viagem comportamental da ética humana por Ele exercida e lecionada com exemplificação ímpar.

Graças à conceituação espírita, as formulações em torno de Deus abandonaram o antropomorfismo atribuído à Divindade, transcendentalizando a ideia sobre o Pai, conforme Jesus reiteradas vezes o declarou, "poder pensante e atuante fora do Universo" e antes dele, como se referiu o insigne matemático e concepcionista que foi Einstein.

A filosofia espiritista é o conteúdo moderno, lógico, de toda a formulação do Evangelho, especialmente no que tange à caridade, a virtude maior, de que Allan Kardec se utilizou para fazê-la pedra angular do comportamento religioso do homem, consoante o declarou: — "Fora da caridade não há salvação".

Otimista, em todos os seus informes, é psicoterapia relevante, por estruturar-se no amor, na experiência do bem incessante, dos quais defluem os resultados salutareos para os que os vivenciam, liberando-os das amarras do primarismo que ainda vige nos homens.

Numa abrangência comovedora, é Ciência que, através de técnicas próprias e das tradicionais, comprova os seus postulados, não fugindo ao desafio dos modernos descobrimentos, que em nada lhe desnaturam os postulados, tampouco os contestam, antes confirmando-os de forma expressiva, surpreendente.

Sem os fatos espíritas trazidos pelos Imortais através do intercâmbio mediúnico, inúmeras narrações evangélicas pecariam pela obscuridade, senão pelo inverossímil fantasioso...

Afirmou, porém, Jesus "que a letra mata e o espírito vivifica".

Dando vigor e lógica, ênfase e atualidade ao *espírito* das lições evangélicas, a doutrina cristã, toda, inteira, na sua moral incomparável, ressurge no Espiritismo, o Consolador que as repete, trazendo novas revelações, atuais rumos para conduzir com segurança o homem intelectualizado destes tempos, não, porém, necessariamente moralizado, já que nem sempre esta conquista acompanha aquele progresso.

Sem o Cristianismo não há Espiritismo; todavia, sem este, o Cristianismo perde a força e o vigor da sua lógica, da sua contemporaneidade de todos os tempos.

Jesus e Kardec são termos preciosos da equação da vida humana.

Jesus é Vida.

Kardec é sustentação da vida.

Jesus é o Caminho.

Kardec torna-se a vitalidade e segurança para a marcha exitosa.

Jesus é a Verdade.

Kardec faz-se o elucidador da revelação da verdade.

Jesus é o Pastor.

Kardec é a voz que chega às ovelhas, reconvocando-as para o redil.

Jesus é o Mestre Incomparável.

Kardec permanece como discípulo fiel, despertando mentes e corações para as lições da vida eterna.

Jesus trouxe a Mensagem.

Kardec explica-a, atualizada.

Consolador inexaurível, o Espiritismo é a renascença do Cristianismo primitivo, resposta do amor do Cristo aos aflitos apelos da humana criatura terrestre.

4 FANAL DO ESPIRITISMO

Inatingido pelas hábeis urdiduras das acusações gratuitas, com que, no passado, os adversários ideológicos desejaram empanar-lhe a luminosidade estelar, o Espiritismo prossegue fulgindo, nos céus da Humanidade, conceituado como a lídima doutrina do Cristo, em considerando a limpidez que reflete nos seus ensinamentos superiores.

As impugnações que lhe foram apresentadas, porque destituídas de legitimidade, esboroaram-se, desaparecendo a agressividade de que se revestiam e perdendo o aparente fundamento em que pareciam sustentar-se.

Nem loucura como consequência imediata da adoção dos seus conceitos, nem desvarios demoníacos predominando entre os seus profíctos.

A excelência dos postulados trazidos à vivência cotidiana dos seus adeptos traduz a grandeza de que se reveste a mensagem espiritista, ao mesmo tempo construindo homens de

bem, perfeitamente integrados no consenso social, trabalhando, ativamente, por melhorar os quadros humanos da comunidade em que se movimentam.

Superada a fase do combate acérrimo, que mais fortaleceu os seus arraiais, no movimento, corporificado entre os trabalhadores dedicados, novas e apressadas agressões teóricas surgem, decorrentes da atitude comodista daqueles que preferem o marasmo à ação, a indiferença mórbida à definição, o interesse imediato à atitude profilática e acautelatória' em referência aos males que chibateiam o dorso das criaturas, que se comprazem na insensatez e no

utilitarisme) que terminam por preservar, em detrimento da paz e da felicidade verdadeiras.

Num mecanismo de evasão da responsabilidade, afirmam muitos neófitos nos estudos espíritas que a Doutrina é muito fácil, não lhes exigindo maior soma de esforço para o estudo, nem a reflexão, já que pode ser compreendida de um golpe, na amplitude de um só gesto.

Ao mesmo tempo, confirmam outros, que não se deram ao trabalho de realizar uma análise mais cuidadosa das diretrizes espiritistas, se eximirem de maior aprofundamento nos conceitos doutrinários, a fim de se pouparem preocupações e perturbações ante a complexidade dos seus ensinamentos filosóficos.

Nem uma nem outra afirmação merecem apreço ou consideração, já que falsas numa estruturação ilegítima.

O Espiritismo é simples, o que não implica em ser fácil, já que convida o homem a acurado estudo e imediata reflexão, de cujo comportamento decorre, como efeito mais próximo, a renovação de conceitos ante a vida, a própria transformação moral de que ninguém se pode furtar, transferindo o mister para outrem.

A sua complexidade, por outro lado, está na razão direta em que o aprendiz, logrando a compreensão de determinadas questões, adentra-se por outras, que lhe surgem, fascinantes, como desafio que se propõe vencer.

Toda filosofia parte de princípios estabelecidos para excogitações em torno de problemas e enigmas que devem ser equacionados, oferecendo um suporte de segurança para o comportamento vivencial dos seus membros.

A vasta gama de investigações que a Ciência oferece, nos múltiplos campos do conhecimento, impõe, sem dúvida, tirocínios e pesquisas, exames e observações que se sucedem, ensejando adentramento, cada vez maior, no mecanismo íntimo da vida, em permanente incógnita.

Conquistada uma etapa, outra se apresenta em painéis nebulosos, que a argúcia e o trabalho da inteligência buscam aclarar.

Religião integral, na sua feição cristã, o Espiritismo reconduz a criatura ao Criador, utilizando a metodologia mais austera, aquela a que se reportam todas as religiões enobrecidas: adoração a Deus em espírito e verdade; meditação em torno da imortalidade da alma; oração; análise das causas e finalidades da vida; exercício e vivência do amor e da caridade; consideração a respeito da justiça divina através da reencarnação, alicerces poderosos que se robustecem com o testemunho dos fatos, que demonstram a sobrevivência

do Espírito e os efeitos morais que este experimenta como resultado das atividades e hábitos a que se vinculou antes da desencarnação.

O estudo é indispensável, sem dúvida, para oferecer mais amplo entendimento do mecanismo espiritual da vida, através de cuja aquisição se arma o aprendiz para a utilização dos seus conceitos, no cotidiano.

Face e graças à comunicabilidade dos Espíritos e à reencarnação, cada qual insculpe no íntimo o código de responsabilidades, educando-se na escola do bem como adepto sincero e honesto, porque compreende que colherá *A* conforme semear, fruindo o que lhe é melhor para o próprio *V* progresso e eliminando as antigas falsas alegações de culpar Deus, a sociedade e outros pelos insucessos pessoais, *A* pelos acontecimentos desagradáveis de que foi objeto...

O conhecimento espírita dá dimensão real à vida, liberando a consciência dos anestésicos da ilusão, ao mesmo tempo das muletas de falso apoio do desculpismo quanto da acusação indébita contra quem nada tem a ver com a procedência dos males que afligem o combalido, o enfermo, o atormentado...

A identificação de que cada qual é o que de si próprio fez ajuda-o a tornar-se melhor, porque lhe demonstra que os expedientes da ilicitude não culminam em paz interior, em realização eficaz.

Quando os ensinamentos espíritas forem bem compreendidos, examinados, absorvidos pelos homens, estes mudarão o comportamento social, em razão da modificação moral que cada ser se imporá, erguendo-se uma comunidade pacífica e justa, a espalhar-se, generosa, por toda parte, au-

xiliando a transformação da Terra, regenerada e luminosa, que seguirá no rumo da destinação que a espera como aos seus habitantes, hoje em lutas cruentas e rudes, por haverem abdicado das armas do amor, da mansidão e da fraternidade.

Este é o grande fanal do Espiritismo.

5 CRISTIANIZAÇÃO DO HOMEM

Tarefa árdua, mas gratificante, a da educação.

Imprimir hábitos salutaríssimos onde se encontram expressões impulsivas fixadas, retificar conceitos da emotividade e substituir acomodações por deveres constituem, no educando, um desafio para o educador realizar.

A educação é programa de relevante significação para o aprimoramento do indivíduo, por nele plasmar as condições e valores que o capacitam para a luta, mediante os métodos corretos de que se deve utilizar na luta pela sobrevivência, assim como nos recursos hábeis para o relacionamento com as demais criaturas.

Muitos problemas de conduta, de comportamento, são resultado de distúrbios do curso educativo, na vivência das ações disciplinantes.

A educação, que se responsabiliza pela condução e conduta do homem, não dispensa o contributo da disciplina, sem a qual mui dificilmente se fixam os seus valores na personalidade.

Espíritos há récalcitrantes a qualquer metodologia educacional, só aquiescendo na aceitação dos valores educativos quando acoimados pela dor, que submete aos seus ditames os mais rebeldes temperamentos.

A pouco e pouco, no suceder das reencarnações, os processos diretivos do comportamento impelem o indivíduo à adesão e incorporação dos seus ditames na conduta, por cujo intermédio evolui.

Por esta razão, não é fácil o ministério da verdadeira cristianização do homem. Porque cristianizar é educar com Jesus.

Mudar o conceito utilitarista que se encontra arraigado no indivíduo, demonstrando que a mensagem evangélica não é artigo de uso apenas para os momentos do paroxismo, da dor, do jogo dos interesses comezinhos, mas toda uma alimentação vital para o dia-a-dia da alma significa reverter a ordem atual dos valores religiosos tradicionais, dando-lhes dinâmica mais consentânea com a vivência cristã.

Os primitivos cristãos compreenderam o significado do Evangelho, pelo que aprenderam com o Mestre e os seus seguidores contemporâneos. Mais do que a admissão tácita e cômoda dos seus postulados, fizeram-se mensagens vivas, eles próprios infundindo, pelo exemplo, o respeito e a aceitação da filosofia revolucionária do amor e da solidariedade.

Não se entregaram à torpe competição, antes se deram uns aos outros, auxiliando-se reciprocamente, com o que lograram sensibilizar os homens e o mundo do seu tempo.

O utilitarismo, a hierarquia, o culto, frutos das ambições desconcertantes de alguns pretensos conversos, enxertados nos seus ditames, ao longo dos tempos, descaracterizaram-lhe o conteúdo, tornando o Cristianismo uma doutrina dominadora e competitiva, materialista nas expressões externas, quanto outra qualquer, na qual os seus membros passaram a viver e fruir de proventos e proveitos próprios, sem viver a mensagem de que ela se faz portadora.

O abuso decorrente da infância espiritual do homem, como o despotismo resultante da imaturidade moral dos que dele se aproveitaram, distorceram-lhe a imagem grandiloquente, reduzindo-o a uma organização poderosa, exterior, em detrimento da sua força íntima para a modificação do indivíduo.

De perseguido, passou a perseguidor, embrenhando-se em dogmatismos e cultos externos que lhe retiraram a pujança e a grandeza do ensino puro e vitalizador.

A acomodação das mentes às fórmulas e aparências distanciadas da ação vitalizadora, que é o compromisso de renovar e conduzir o homem, aplicou o "golpe de misericórdia" com que o tornou religião das massas, desvitalizada do espírito do Cristo e desgastada de significação profunda.

Como consequência imediata, o homem aceita a fé, mas não a vive.

Vincula-se a uma denominação religiosa, todavia, não se modifica para melhor.

Diz acreditar no "reino dos céus" mas, sem embargo, não se desapega dos fortes atavismos das coisas terrenas.

Participa do culto, entretanto, não lhe incorpora os ensinamentos ao comportamento.

Conhece o mandamento do amor, que tem regime de urgência, e não o impõe a si mesmo, tornando-se, não raro, o *lobo* do seu irmão.

Teme a morte, e afirma a sobrevivência.

Detesta a dor, e exalta o martírio.

Sabe da excelência do perdão das ofensas, e persevera no ódio aos seus ofensores.

Promove a resignação, e revolta-se quando surpreendido pelos sofrimentos necessários.

Insensatamente blasfema por nonadas, impondo a Deus que se lhe submeta aos caprichos, e *perde* a fé quando as ocorrências não sucedem, obedecendo-lhe ao talante...

O ardor evangélico tem sido substituído pela indiferença colorida e a abnegação na fé pelo estrépito das ruidosas celebrações.

Ressalvadas as exceções, a vivência do Cristianismo, na atualidade, está muito longe da realidade evangélica.

Sem nenhuma tendência de ordem masoquista, na evocação do conceito, a implantação da fé cristã exige a vivência da renúncia e da humildade, no discípulo sincero da Boa Nova.

Não havendo uma perfeita conscientização dos postulados doutrinários para uma posterior vivência deles, muito dificilmente se restabelecerá o seu objetivo entre os homens.

A dificuldade, no entanto, é de ordem íntima, pessoal.

Apesar dos problemas externos a enfrentar, os grandes impedimentos estão no próprio indivíduo. Isto porque a luta contra os outros, dirigida com a sua força agressiva para fora, é fácil, enquanto que trabalhar as imperfeições que teimam por dominar, enfrentar as tendências negativas até vencê-las, identificar os limites e superá-los, conduzir Jesus nos atos é o imenso, legítimo compromisso a assumir e executar, o que implica sustentar porfiada luta íntima.

Vivendo-se o programa imediatista do "salve-se quem puder", o homem esqueceu de que a finalidade precípua da existência física é desenvolver a individualidade, mediante o amor e o conhecimento.

A experiência do amor fá-lo irmão do seu próximo e a aquisição do conhecimento liberta-o das limitações que o aprisionam nas faixas primárias da existência por onde transitou.

Na corrida desenfreada das competições, muitos temem desvelar os sentimentos nobres que neles vigem, a fim de não serem tidos em condição de inferioridade, já que os valores de dignificação humana, de beleza, de elevação moral recebem chocarrice, passando à condição de debilidade mental, quando não, considerados como desvios da personalidade.

Faz-se urgente a coragem para romper com as colocações falsas e sobrepor-se às insinuações malévolas, não dando guarida à sanha contundente do pessimismo nem da agressividade para viver Jesus.

A implantação do Cristianismo, nos dias hodiernos, é um trabalho de reeducação dos velhos hábitos, revolucionando o comodismo e sacudindo a poeira acumulada sobre os seus mais graves comportamentos, a fim de que brilhe a luz...

É claro que muitos testemunhos se fazem exigidos, de modo a comprovar, para os outros, a excelência dos seus conceitos, no comportamento feliz de quem se candidata a esse mister.

Outro, porém, não foi o ônus exigido aos primitivos seguidores de Jesus.

Humilhados e subestimados, sob perseguições insidiosas e inclementes, eles souberam arrostar as consequências da escolha feita, logrando, pelo exemplo, sensibilizar, inclusive, os que os hostilizavam.

A situação, de certo modo, é quase a mesma.

Há enfraquecimento dos postulados da fé e descrédito quanto à legitimidade do ensino, naqueles mesmos que o professam.

Cumprir restabelecer a pujança da experiência cristã, não receando os discípulos espíritas do Evangelho as injunções humanas nem as humanas situações dominantes, reeducando-se nas linhas severas da Doutrina Espírita, em proveito próprio e no dos nossos semelhantes, num veemente apelo a que, com Jesus, a Humanidade e o mundo se transformem para melhor, mediante a real implantação dos seus ensinamentos, conducentes a superiores padrões de conduta.

Esse labor tem urgência, e todos aqueles que convivem com a Imortalidade, sabendo do alto e nobre compromisso da reencarnação, devem agir com segurança para que os "chegados tempos" não passem, deixando-os na retaguarda do progresso.

6 ALÉM DA VIDA

Não bastasse a farta documentação histórica, apoiando a imortalidade da alma e a sua comunicabilidade, esta natural corolário daquela; não valesse o testemunho de personalidades insuspeitáveis, no suceder dos evos, em torno do fenômeno da sobrevivência do Espírito à decomposição cadavérica; não fosse suficiente o conteúdo filosófico que ressuma das informações hauridas na boca mediúnica, em torno da vida além do túmulo, como da responsabilidade que cada um assume antes da desencarnação; não se desse crédito ao testemunho seguro de mártires da fé e da ação operante no bem, que marchavam para o holocausto apoiados na certeza da continuação da vida-após-a-vida; não se considerasse o valor das investigações das modernas ciências da *alma*, examinando, à saciedade, o intercâmbio entre os *mortos* e os *vivos*; não constituíssem fatos robustos as ocorrências probatórias da indestrutibilidade do ser espiritual, e a simples intuição, a latente certeza de que a morte não aniquila a vida, tudo isto constituiria evidência respeitável, merecedora de crédito sobre a anterioridade do Espírito ao corpo e da sua continuação após ele.

Afinal, a vida real é a que se expressa fora da matéria, causa legítima donde procedem as criaturas, sendo consequência natural e inevitável dessa realidade a lembrança, mesmo em forma inconsciente do *lar* primeiro, que ressuma em forma segura de conduzir o pensamento através das expressões espiritualistas, mais explicitamente, espiritistas.

Nada que comprove a mortalidade da alma, seu aniquilamento após o túmulo, a destruição do pensamento depois do decesso celular.

Nenhuma prova pode ser levantada, testemunhando a inequívoca dissolução da inteligência face à cadaverização da matéria.

Em verdade, as teorias que se apresentam contra a comunicabilidade dos Espíritos, estereotipadas numa teimosa negação, pretendem afirmar a indestrutibilidade da mente ou, mais especificamente, do inconsciente, em variada gama de manifestações, dando-lhe poderes muito superiores aos que se concedem ao Espírito na sua feição verdadeira...

Teorias escapistas são forjadas com complexidades muito técnicas, quando não apoiadas em abstrações que, realmente, não provam que a morte destrói a vida.

Ao serem arregimentados os argumentos negativistas, assevera-se que a mente possui poderes que *sobrevivem* ao cérebro gerador da razão, conforme os seus aficionados, não explicando, porém, como uma mente que perdeu o dínamo gerador da ideia deixa de ser estática, conforme foi projetada, para agir dinâmica, em termos de atualidade, com programação de informes que transitam do conhecimento do passado ao do presente, com lucidez, celeridade e precisão...

O fenômeno da imortalidade é resultado normal da vida, de que ninguém se furtará.

O *mistério* da morte perde o seu lado sobrenatural, o seu fascinante interesse antigo, a fim de desnudar-se e ser vencido com equilíbrio, compreendendo-se a estrutura em que se firma e a vida que estua, transposta a sua fronteira.

Gilgamesh, considerado o primeiro poeta épico da Babilônia, fascinado pelo *mistério da morte*, dedicou-lhe a maior parte do seu poema, que ainda sensibiliza o pensamento literário, demonstrando o interesse em penetrar-lhe a realidade.

Safo, compondo uma das primeiras peças líricas da literatura universal, na morte encontrou a emulação para legar à posteridade sua obra relevante e singular.

O Livro dos Mortos, dos egípcios, é toda uma epopeia ao estudo e à compreensão da vida através da morte...

... E os modernos estudiosos, sem a necessidade de repassarmos a vasta e valiosa documentação filosófica de um lado e histórica de outro, encontram-se atuantes pela constatação de que o decesso orgânico não interrompe a vida, haja vista as experiências em torno dos que experimentaram morte clínica, aparente, e foram "*ressuscitados*", quanto às catalogadas experiências da Parassêmica, que não encontram suporte esclarecedor pelas vigentes fórmulas, passando a aceitas como da sobrevivência do Espírito...

Sem embargo, ao lado de todo esse repertório valioso, ressalte-se o conteúdo ético, efeito inevitável da sobrevivência, que é a transformação moral do homem, de modo a torná-lo melhor, emocional e espiritualmente, portanto, capacitado para o traspasse, armado dos valores indestrutíveis com que se sentirá ditoso e avançará pelos rumos infinitos na busca da perfeição.

Cuidem dos tesouros morais os homens prudentes; das ações edificantes, as criaturas inteligentes; dos títulos de enobrecimento, os transeuntes da vida física, que breve passa, porquanto a morte, que a ninguém deixa incólume, ao chegar e despir da utopia, não produza uma defasagem inditosa, nas paisagens mentais, que continuarão conforme os labores éticos e envoltivos a que cada qual se permitiu.

Além da vida estua fulgurante e poderosa a Vida, sem disfarces nem pieguismos, retratando a grandeza do amor de Deus, intérmino, incessante, sem limite.

7 REALIDADE ESPIRITUAL

O atavismo religioso ortodoxo constitui um grande impedimento para quem toma contato com as vigorosas informações da Doutrina Espírita.

Acostumado, por anos a fio, ao "temor a Deus", a afirmação amorosa sobre a Divindade, encontra resistências psicológicas no indivíduo, caso este não se resolva por uma mudança radical no exame e na aceitação dos resultados desses estudos.

Submetido a uma lavagem cerebral de largo porte e curso, sobre a vingança divina, as punições arbitrarias e o perdão apaixonado, tem a crença firmada num Deus antropomórfico, com altos poderes, embora dotado de uma natureza igual à sua, capaz de rasgos de bondade exagerada quanto de violência inconcebível.

Em razão desse comportamento intelectual, no que concerne à fé, sem qualquer exame, porque dogmática, portanto, cega, adota superstições e fetiches com que procura, mediante o culto externo, contornar, aplacar ou modificar as inesperadas reações do Ser Criador.

Noutros casos, quando se resolve por uma análise da realidade da vida, defrontando a documentação da experiência científica a desmistificar as crenças firmadas no *temore* na *hereditariedade psicológica* — "nasci nisto, portanto, continuarei", como inúmeros afirmam — os valores de sustentação religiosa tombam, esboroam-se, e a pessoa, experimentando uma reação muito natural, salta para o extremo oposto ao que se encontrava: o da negação.

Arma-se, interiormente, contra outras situações religiosas, negando-se a ouvir e a reflexionar dentro de novos padrões filosóficos ou diante da possibilidade de examinar fatos que lhe dariam suporte seguro para refazer o caminho espiritual.

Sentindo-se liberado da conjuntura supersticiosa, deseja apagar quaisquer lembranças da *escravidão*, submetendo-se, porém, a outro tipo de servilismo, que é o niilista, com toda a sorte de efeitos perniciosos de que este se reveste.

No primeiro caso — o da fé cega —, quando são apresentadas quaisquer informações diferentes das esposadas, o ouvinte procura assimilá-las dentro do esquema da sua própria crença, adaptando tudo à sua compreensão e impedindo-se uma identificação real com os novos conceitos que lhe chegam.

Na outra hipótese — a da aceitação niilista —, estão cerradas as *aberturas* mentais, de início, dificilmente participando da análise das situações diferentes, quando não as combatendo enquanto ouve, sem dar margem a que se concluam os pensamentos, para um posterior confronto com as próprias ideias.

Outrossim, a noção do miraculoso, do sobrenatural, quando defrontando os fenômenos parapsicológicos e os mediúnicos, equivale a outro grave impedimento para a mente aceitá-los como normais, embora inusitados, naturais, não obstante dentro de leis que eram, até Allan Kardec, ignoradas ou propositalmente confundidas.

O homem é, acima de tudo, "o Espírito que nele habita", gerador dos seus valores psíquicos e morais, responsável pelo envoltório material em que transita.

Emitindo e recebendo ondas, vibrações, ideias e raios, constrói a felicidade ou adia-a até o momento em que a dor soberana impele-o à mudança total de comportamento.

A visão gneseológica do Universo, em consequência, ante a Doutrina Espírita, abandona a concepção ortodoxa para ensejar mais amplas perspectivas sobre a natureza do homem, a sua colocação na Terra e a sua função diante mesmo da realidade da vida.

Demonstrada a sua constituição paranormal, através da qual ele deixa de ser a massa de músculos, nervos, ossos e carnes que marcham para a decomposição, a vida nele se afirma não como uma possibilidade remota ou uma quimera religiosa, para tornar-se um fato que impõe atitude definida e ação bem dirigida, tendo em vista o seu futuro eterno.

São substituídos os velhos condicionamentos, que funcionam como válvulas de escape à responsabilidade, impondo-se-lhe uma diretriz consciente dos compromissos que lhe cumpre realizar, o auto-aprimoramento ao superior programa da existência, o serviço edificante em benefício próprio e do seu próximo.

Torna-se membro ativo da comunidade onde se encontra e participa, positivamente, das construções sociais, integrando-se no grupo humano que promove o progresso e a felicidade geral.

Como efeito, liberta-se do pieguismo ou do fanatismo religioso a que se submetia, ou descobre a *natureza* divina em dimensão dantes não percebida, compreendendo a própria origem, as finalidades do existir e o destino que o aguarda, acenando-lhe venturas, que desde então o sensibilizam. —

As concepções ingênuas sobre a vida cedem lugar a outras lógicas, racionais, que elucidam as muitas incógnitas que antes constituíam impedimento a uma aceitação total da realidade espiritual, que era apresentada num contexto fantasista, irreal entre sonhos formosos ou pesadelos aparvalhantes.

Toda a anterior estrutura conceptual do Espírito desagrega-se face ao demolidor camartelo dos fatos.

A vida espiritual não é apenas a continuação da orgânica, adredemente preparada para receber os viajores da Terra, mas também é o ponto de origem donde se parte na busca das experiências e da conquista de valores para o crescimento pessoal.

A existência física é condensação da energia, efeito natural da espírita, sem a qual não existiria.

Assim colocada a questão — preexistência do Espírito ao berço e conseqüente sobrevivência ao túmulo — a vida é um todo harmônico, constituída de etapas através das quais o ser galga e conquista as metas desafiadoras da sua evolução.

Já não se trata de um naufrago à sorte sobre os pélagos do oceano enfurecido da humana experiência ou de um agraciado por valores que não lutou pelo conseguir.

Adquire a sua condição, e vive-a, de filho de Deus, engajado na família universal, em processo de crescimento e de plena integração na infinita panorâmica da Vida.

8 SOFRIMENTO ESPIRITUAL

Os apologistas da negação inveterada recusam-se a aceitar a comunicação dos Espíritos, muito menos a daqueles que retornam da morte em sofrimento, assinalados pelas feridas morais que se alastraram durante a vida física e que transferiram para o além-túmulo...

Não aceitando o Inferno de sabor eterno, das religiões tradicionais, pretendem que, após a morte, caso houvesse vida, uma radical e profunda transformação sucederia, premiando com a ventura mesmo àqueles que a não merecessem.

Em última hipótese, haveria um estado de inteligência, porém, sem dor, sem os contingentes que, dizem eles, fazem parte do corpo.

Olvidam-se que, se as sensações melhor se expressam pela matéria, as emoções são da alma...

Muitos outros, aficionados da dúvida contumaz, embora acreditando na possibilidade das comunicações espirituais, refugam as informações pertinentes à turbacão espiritual, que sucede ao fenômeno da morte e se demora com lamentáveis consequências nos que da vida somente usufruíram, transformando a existência num sonho de prazeres, ou a usaram para gozar, enquanto afligiam os outros, ou, mesmo sofrendo, se derrearam na revolta, dominados pelo azedume e pelo ódio...

Não podendo descartar a realidade da sobrevivência, deixam-se dominar pelas suspeitas infundadas, quando deparam os sofrendores do além-da-vida, que voltam colcheteados pela dor, zurrizados pelo látego do desespero, quando

não hibernados em demorado letargo, em que a consciência não superou as fixações niilistas.

Pessoas sinceras, todavia desinformadas da realidade do mundo espiritual, invectivam contra as sessões mediúnicas de socorro aos desencarnados, procurando reduzir as expressões que fluem pela mediunidade a fenômenos puros e simples de animismo.

O trânsito da morte é semelhante ao dormir no corpo e despertar logo após, sem mudança estrutural da personalidade nem alteração do comportamento da criatura.

Impressões demoradamente fixadas, hábitos expressivos e arraigados, experiências de qualquer tipo amplamente vividas, atitudes definidas que assumiram, conceitos que foram por longos anos aceitos não se diluem ou se apagam sob um passe do miraculoso, que não existe, ou sob a magia da morte.

Morrer, afinal, é somente mudar de posição vibratória, sem que ocorra uma real transformação de quem se transfere de estado.

Cada qual acorda conforme dorme.

No processo da morte, transferem-se com o Espírito os seus valores éticos, os seus hábitos humanos, sociais e comportamentais.

As ocorrências que o impregnaram por demorado período, por largo tempo permanecerão fixadas, desaparecendo a pouco e pouco, na razão direta do esforço empreendido e do desejo pelo superá-los, mudando de aspirações, exercendo outros misteres, como, aliás, acontece na Terra com os homens.

As leis que regem a vida são as mesmas, em toda parte.

Hábitos muito arraigados criam verdadeiros atavismos, que se transformam em condicionamentos de erradicação difícil.

O Espírito, em todo cometimento, é sempre o agente, o autor e o responsável pelos seus atos e realizações.

Transferindo-se de uma faixa de ação para outra, no processo da evolução, não logra liberar-se do patrimônio acumulado nem dos valores que lhe pareçam legítimos ou pelo menos aos quais atribuiu significação.

Enfermidades que vitimaram as criaturas, que não as compreenderam nas suas finalidades educativas; sentimentos que se arraigaram, negativos; compromissos assumidos e sustentados seguem com o ser espiritual após este desenovelar-se das expressões carnis.

Da mesma forma, ressurgem os valores positivos da vida, as realizações enobrecidas, os ideais superiores esposados, os labores produzidos, as convicções sustentadas facilmente, liberando o ser dos fluidos densos que animavam os despojos materiais ora em decomposição, para rapidamente assumir a sua condição de liberdade, aquela que lhe é própria.

Os elos escravizantes retêm o ser na retaguarda, tanto quanto as conquistas evangélicas promovem-no à libertação.

Como a expressiva maioria dos homens são Espíritos em processo de superação das próprias paixões, em lutas, nem sempre vitoriosas contra as dificuldades, é compreensível e lógico que pululem na psicofera do planeta os que mais sofrem, os que se encontram necessitados, os que desejam recomeçar, os que ignoram o próprio estado, transferidos do corpo sem dar-se conta, ou retornando à matéria sem o compreenderem...

Verdadeira a necessidade de o homem libertar-se da inferioridade enquanto no trânsito da forma densa.

A educação da vontade, a disciplina mental, o exercício dos valores evangélicos são urgentes, a fim de se criarem condições para uma fácil adaptação fora da organização física, um despertar lúcido e sem pesadelos afligentes, após o decesso corporal...

Homens não se tornam anjos sob o impulso de um momento, de uma emoção.

O impulso inicial enseja-lhes o começo da atividade reparadora, do empreendimento de largo curso a realizar.

A intenção de ser bom, de mudar as próprias estruturas, constitui um passo, mas não representa, de forma alguma, a realização, que exige esforço, refazimento, inteireza moral, sacrifício na sua aplicação.

Muito valiosas, portanto, as tarefas mediúnicas de caráter socorrista, objetivando a desobsessão ou o esclarecimento dos sofredores do Além, mediante as quais se pode exercer a lídima caridade fraternal, modificando, em consequência, as cargas fluídicas negativas que pesam na economia psíquica dos domiciliados na Terra.

Durante incalculável tempo reopontarão entre as criaturas os céuticos e os atormentados pela dúvida, os teorizantes formosos e simpáticos, os críticos inveterados, que defrontarão, queiram ou não, a realidade a que se tentam subtrair...

Enquanto isso, que os espíritas sinceros, sem qualquer esmorecimento, ofereçam-se à assistência, sob este ou aquele aspecto considerada, não se olvidando daquela de natureza espiritual, em que, na condição de enfermeiro, amigo e colaborador dedicado, se faça, por sua vez, *médium* do pensamento de Jesus, no atendimento aos irmãos enganados ou enganadores, sofridos ou sofrendores, perturbados ou perturbadores, oferecendo-lhes o que gostariam de receber caso estivessem na situação deles.

9 0 ENIGMA DAS DISTÂNCIAS

As imensuráveis distâncias que separam os astros, no colosso das galáxias, que têm desafiado a inteligência humana, a pouco e pouco vão-se tomando calculadas e computadas, abrindo perspectivas dantes jamais sonhadas, oferecendo fabulosos tirocínios que deslumbram, pela grandeza e harmonia, ajustamento e equilíbrio sob o comando das soberanas Leis.

Tão expressivas distâncias vão sendo vencidas, pelo menos no Sistema Solar, graças à Cibernética, à Biônia, à Astronáutica, que atiram pelos espaços, à cata de informações, bólides laboratoriais para estudarem os corpos que constituem o cortejo da nossa Estrela de 5? Grandeza, na tentativa de se conhecerem melhor as origens da nebulosa donde provieram os elementos constitutivos da matéria, da vida...

Empenhados no tentame, cientistas audaciosos ganham as primeiras batalhas, nesse estudo desafiador, recebendo de fabulosas distâncias os esclarecimentos por que anelam, estabelecendo novas e mais argutas metas, tendo em vista os futuros passos fora do sistema que nos alberga...

Ninguém que ame a beleza, a cultura, a ciência, que fique insensível a tais formidandas conquistas.

No sentido inverso, após a incursão pelo átomo, devassando-lhe as partículas e penetrando nas moléculas do mundo subatômico, insuspeitáveis *campos de força* foram detectados e dimensões espaciais ainda indevassáveis prosseguem desafiadoras...

O homem insiste e conquista as distâncias exteriores, penetrando-as com galhardia, semideus moderno, em franca e desvairada competição contra o tempo.

Por mais complexas e respeitáveis, no entanto, essas vitórias exteriores, embora o muito que representam para o progresso tecnológico e científico da Humanidade, parecem-nos de pequena monta para o homem em si mesmo.

O homem, sim, continua a grande incógnita.

Assoberbado pelos valores externos e atendido pela aquisição deles, estiola-se, amargurado, com o cérebro enriquecido de dados e a vida tumultuada, sob dificuldades graves em que se abatem os sentimentos.

Sonhando com as estrelas luminíferas, deixa-se tombar em pesadelos terríficos no planeta que habita.

Vem resolvendo os enigmas do Universo, cada vez mais empenhado na elucidação dos *mistérios* da vida, porém esvaziado de ideias enobrecedoras, no campo das ações morais.

Superando as distâncias espaciais, insiste em manter aquelas que o separam do seu próximo, não obstante a convivência a que se vê obrigado pelas injunções sociais, comunitárias e humanas.

Vergastado por comportamentos neuróticos, alienantes, jornada na multidão, isolado ou isolando-se, e quando se vê impelido à comunicação evita a participação emocional, receando ser vitimado pela incompreensão, ou pisoteado pelo galopar infrene do desespero que supõe dominar o seu interlocutor.

As criaturas dizem-se carentes de afetividade e, receosas, não se dispõem a ser quem ame, sem a imposição de receber a resposta compensadora.

Alienando-se no torvelinho dos problemas que urde, portanto, imaginários, ou em que vai envolvido, conseqüentemente, reais, rebela-se, antes que reflexione, afronta-os com sofreguidão ou se abala, antes que se resolva por equacioná-los um a um, solidário com o seu irmão de vilegiatura carnal, conquistando valor moral e temperando as forças íntimas nos fornos da ação correta.

O receio de superar as distâncias que o separam das criaturas é, todavia, decorrência, antes de outros motivos, do ignorar-se a si mesmo.

Preocupado com a aparência e as complexidades externas, evita adentrar-se num exame íntimo, relutando conhecer-se realmente.

Anestesia-se com os vapores das frivolidades a que se agarra e adia os momentos do autodescobrimento, permanecendo frágil para as naturais vicissitudes, para os processos de promoção evolutiva de que ninguém se pode furtar.

Legatário do seu próprio passado, transita com as conquistas logradas, processando-se o seu programa de elevação com as experiências de que se tem feito objeto, nas sucessivas etapas reencarnatórias do pretérito por onde vem jornadaando.

Enquanto não se resolve por identificar-se, empenhando-se, corajosamente, no estudo da própria estrutura moral, permanecerá acessível às injunções dolorosas e amargurantes do dia-a-dia.

O problema do homem nele próprio tem a chave da solução.

Infere-se de tal situação a necessária, urgente, autenticidade pessoal, desvelando-se dos atavios a criatura, para volver às suas raízes. Espírito imortal que é, no rumo da felicidade.

Para tal cometimento, a programática espírita enseja o aprofundamento da questão, convidando à fraternidade real, em cujo labor caldeiam-se as imperfeições, superam-se as dificuldades, gerando o clima excelente do amor que induz à caridade, conforme a lecionou e exerceu Jesus.

Na caridade sem jaça está a técnica para superarem-se as distâncias que separam os homens entre si, unindo-os no mesmo fanal do bem, enquanto e simultaneamente contemplam

osinhos estelares que fulguram ao longe e para onde rumaremos um dia, graças à destinação gloriosa com que o Pai nos acena a todos, após superadas as imperfeições e vencidos os limites escravizantes, separatistas.

10 FUNÇÃO DA FÉ

Lamentável erro de interpretação acreditar-se que a fé religiosa e, em particular, a adoção dos princípios espíritas tornam o crente indene à dor, às provações redentoras. Se tal ocorresse, seria uma grave concessão para os privilegiados pela crença em detrimento dos que, embora não acreditando nas realidades espirituais, pautassem o comportamento nas seguras diretrizes éticas.

Mesmo ao crente que vive os postulados da fé religiosa libertadora não seria lícito conceder uma posição a que não fizesse jus pelo esforço pessoal, desse modo dando surgimento a uma casta de criaturas aquinhoadas com concessões que somente as rebaixariam, amolentando-lhes o caráter, simultaneamente anulando a legitimidade de quaisquer conquistas morais, porque, nesse caso, sem o sacrifício nem o testemunho da renúncia ou da abnegação, indispensáveis para tanto.

Uma das funções precípuas da fé é a de fortalecer o homem, para que possa lutar contra as vicissitudes, armado de coragem e mediante os instrumentos superiores da concórdia, da humanidade e da misericórdia, avançando intemerato pela senda do progresso moral.

A fé possui valor imunológico, auxiliando o homem a não se deixar atingir pelas farpas da inveja, pelas agressões da leviandade, pelo bafio das paixões comburentes, pelas adversidades, revidando-as.

Seu efeito na alma se revela através das atitudes que assume em face dos acontecimentos infelizes e quando da

eclosão dos insucessos naturais do caminho, reservando-se uma atitude otimista edificante.

Toda a história do Cristianismo, que se agiganta no testemunho de Jesus, na Cruz, é um ato de amor lavrado nos momentosos sacrifícios dos seus pugnadores.

A Humanidade recorda e cultiva mais o momento do Gólgota do que o do sermão da montanha, em que o Mestre revelou toda a grandeza da Sua doação às criaturas, não havendo sido menor a afeição enquanto cantava para os séculos de todos os tempos as insuperáveis bem-aventuranças...

Os Seus discípulos, que mais O amaram e aos quais muito amou, comprovaram a excelência da fé que os abrasava, no martírio, em que revelaram toda a grandeza da sua enfiatura moral.

Apenas João, dentre os que conviveram com Ele, não provou da morte em holocausto da fé e da abnegação.

Estêvão doa a vida ante Saulo em desalinho emocional...

Mais tarde, o próprio apedrejador, depois de tornar-se o "apóstolo das gentes", oferta-se, em sublime testemunho. à espada de um jovem soldado, que tem a infeliz tarefa de decapitá-lo...

...Os que os seguem fizeram-se lídimos heróis da edificação do reino de Deus, nas almas, cujos exemplos constituem, até hoje, a maior emulação para a vivência e desdobramento da mensagem libertadora.

Nas várias épocas, no suceder dos séculos, os discípulos do Cristo se permitiram conhecer pelo amor, pela coragem ante os testemunhos e o destemor diante da morte.

Ninguém se creia exonerado de resgatar as velhas dividas, pelo simples fato de mourejar na Seara Espírita.

A dor que se agasalha no espírito de quem serve à causa do bem é honra que todo cristão deve disputar.

Indaga-se, injustificadamente, por que ocorrem com os obreiros do Evangelho restaurado os mesmos problemas e desaires que alcançam as demais pessoas; pergunta-se por que os Instrutores da Vida Maior não impedem que doenças e acidentes, dificuldades e pobreza cheguem aos seus pupilos?...

A resposta é muito simples: porque Espíritos que somos, em processo evolutivo, necessitamos todos da aprendizagem compulsória a que somos submetidos na Escola terrena. O bem que façamos constitui-nos crédito para o futuro; as conquistas que realizemos se inculpem como tesouros que nos tornam felizes; as atividades de benemerência em que nos empenhemos dão-nos o selo da mansidão e da sabedoria com que nos enriquecemos para futuros cometimentos, na Terra ou fora dela...

Ninguém suponha que a falta do sofrimento constitua regime de exceção, sendo mérito para quem assim vive, já que merecimento devemos reconhecer ainda não possuir. Não raro, é misericórdia de acréscimo, com que os Construtores do progresso humano auxiliam os obreiros, que deverão devolver todas as concessões em bênçãos e dádivas multiplicadas.

Crer-se que a dor é punição, ônus de rude cobrança, igualmente não corresponde à realidade.

Avaliam-se as conquistas morais pelas resistências com que se suportam os embates da evolução.

A fé espírita credencia o homem com recursos de alta monta para o mister do progresso que persegue.

Jesus foi muito claro ao enunciar que "no mundo somente teríamos tribulações", ao mesmo tempo aludindo que Ele, porém, havia "vencido o mundo".

Vencer o mundo, as suas injunções transitoriamente perturbadoras, as suas paixões e gravâmes, superando os inimigos internos que se firmam no egoísmo — eis a primacial função da fé que, em se apoiando na caridade, auxiliará a criatura a despojar-se das velhas induções para o renascimento anelado, tornando-se novo, descompromissado com o mal, carta viva do amor e da paz.

11 ANTE OS TEMPOS NOVOS

O Espiritismo é claro como o Sol e benfazejo como fonte cristalina.

Programado por Jesus desde as horas messiânicas, chega hoje ao homem como a resposta viva dos Céus ao clamor aflitivo da Terra.

Quando as desconcertantes conquistas da Ciência põem o homem face a face com novas e vigorosas interrogações a respeito da vida, o materialismo não pode resistir às próprias conceituações, dando lugar a outras indagações que somente uma fé científica consegue esclarecer.

Depois dos roteiros difíceis, o homem moderno, mais do que os seus antepassados, sofre a angústia decorrente das atitudes infelizes, assumidas em múltiplos anteriores avatares.

Os descobrimentos *materialistas* não equacionaram o problema do espírito, elucidando as inquietações em torno da continuidade da existência além do sepulcro.

Para muitos, tudo nada mais representa do que um mergulho no aniquilamento, quando se desorganiza o aparelho carnal.

Quando as células do corpo físico são jovens e se renovam com vigor, a teoria atende às necessidades imediatas, por facultarem ao homem deter-se no campo do prazer. Todavia, à medida que o invólucro material envelhece, surgem novas perquirições e as vistas se voltam, então, para a vida futura. Nesse momento, graves questões assomam à mente, que constata, ante a evidência dos próprios fatos, a fragilidade dos conceitos esposados, afligindo-se por encontrar outras e mais consistentes respostas.

Na Doutrina Espírita, porém, que dispõe de recursos valiosos para o esclarecimento das mentes e a renovação dos sentimentos, surgem o manancial e a via de acesso para a felicidade, capazes de solucionar as severas exigências da alma encarnada. Todavia, não raro, aqueles que chegam ao pórtico do conhecimento espírita exigem respostas simplistas e fórmulas salvadoras, como se fosse possível resolver-se os intrincados fenômenos da Imortalidade da alma com as singelas expressões do currículo humano.

Quando se informa que o grande fenômeno, em Doutrina Espírita, é o da transformação moral do homem, muitos costumam, irreverentes, abandonar os propósitos que apregoavam como superiores, deixando-se arrastar, infelizes, na busca de outras manifestações espirituais descompromissadas com o dever da sua própria elevação.

Mesmo no Movimento Espírita, não faltam os que demoram receitando fórmulas salvadoras, em processo de simplificação, sem qualquer compromisso com a responsabilidade. Conquanto qualquer esforço nobre represente operação elogiável, é necessário que se recorde o indeclinável dever da responsabilidade ante os postulados que fixam convicções capazes de operar vigorosas modificações no panorama da existência humana.

Por isso, o Espiritismo é claro como o Sol. Assim sendo, suas diretrizes, a repousarem na mais austera moral, recordando os enunciados do Cristianismo primitivo, impõem radical modificação naqueles que o buscam, porquanto renovam as concepções vigentes, apresentando um panorama da vida mui diverso daquele que tem sido compatível com a acomodação dos frívolos e gozadores.

O Espiritismo é refrescante como água pura. Por essa razão, deve ser examinado com respeito e consideração, a fim de saciar indefinidamente a alma que lhe sorve os sublimes ensinamentos.

Independente de qualquer escola, livre de toda peia, por ser Doutrina dos Espíritos, é como “colo de mãe” amamentando as almas e fortalecendo-as, com o calor do próprio corpo de conceituações.

Em face das dores que esmagam, lentamente, o aturdido espírito humano, nesta hora singular de aflitivas e ingentes definições, só o Espiritismo pode conduzir a Humanidade aos santificados portos da Espiritualidade, no barco da fé raciocinada e lógica, que é compatível com os impositivos da Ciência atual, que, embora apoiada nos postulados da Filosofia sem Deus, constata a derrocada dos próprios conceitos, que reflorescerão, na Ciência Espírita, construindo o mundo novo de amanhã, a que todos aspiramos.

12 JUSTIÇA DIVINA

Expressando a inefável misericórdia de Deus, a Doutrina Espírita nos oferece uma noção da Justiça Divina que constitui nobre contribuição ético-filosófica das mais importantes para os cometimentos da fé religiosa.

Ensinava-se, antes, que a Justiça Divina possuía uma feição caótica, subalterna a sanções, recompensas e penalidades absurdas, tornando-se benigna àqueles que podiam contrapor as conquistas transitórias da vida material em detrimento dos valores íntimos da individualidade imortal.

Aprendemos, entretanto, com a Revolução Kardeciana, que a reencarnação é a abençoada porta por onde transitam os homens incursos nos artigos severos da Lei Divina, de acordo com as necessidades da evolução espiritual de cada um.

Há, sem dúvida, províncias de dor e sombra, além- túmulo, para os trânsfugas do dever e desrespeitadores da justiça.

Aos defraudadores da Verdade, a reencarnação enseja as bênçãos da retificação, mediante esforços ingentes para a expansão dos veros ideais.

Aos gozadores e imediatistas, faculta a limitação do prazer, nas estreitas paredes da aflição, em que retificam conceitos de vida e hábitos.

Aos triunfadores mesquinhos de ontem, ora propõe a aflição punitiva sob o látego de situações imprevistas, com que aprendem humildade e misericórdia.

Aos ambiciosos desvairados, concede a limitação dos anseios, nas experiências da pobreza redentora.

Aos dilapidadores da vida sob qualquer aspecto considerado, propicia as enfermidades lapidadoras, na organização celular deficiente, em que aprendem respeito e dignificação.

Aos violadores da esperança alheia, proporciona o patrimônio das reflexões nas tecelagens de enfermidades- resgate, santificadoras.

Aos que ergueram a mão para a vingança e o crime, fazendo correr o sangue dos seus contemporâneos, transformados em bandidos, aprisiona-os nas limitações teratogênicas ou nas mutilações naturais mediante as quais expungem e valorizam os preciosos atributos da vida.

Com muita propriedade considerou Jesus os danos que causam os escândalos e a conveniência de serem evitados, a fim de que não sejamos suas vítimas inermes, devendo sofrer a fim de repará-los.

Isto não quer dizer, entretanto, que o Senhor nos haja criado para o presídio dos resgates, porquanto Aquele que nos ensinou como evitar o escândalo conclamou-nos através da lei do amor e pelo perdão a olvidar todos os males para a edificação apenas do bem, que é geratriz de paz e de alegrias sem limite.

Refletindo as leis basilares do amor, compôs Ele, na montanha, um hinário de sabedoria, em nome da Justiça Divina, em superior concitamento aos viandantes da estrada terrena.

Nem piedade injusta, nem bajulação subalterna.

Apesar de "piedosos", Fernando e Isabel, os reis católicos de Espanha, após a expulsão dos mouros, compactuaram com os judeus, que podiam oferecer grandes somas à coroa, mais tarde, a instâncias de Torquemada, expulsando os descendentes que eram ironicamente chamados de "crucificadores do Cordeiro", não obstante fossem seus antigos colaboradores...

E, em nome de uma piedade mesquinha, foram os judeus a seu tempo, como os mouros anteriormente, destituídos de todos os seus bens na península ibérica...

Clovis I, rei dos francos, embora "piedoso", destroçou os exércitos inimigos nas lutas contra os Alamanos na bata-

lha de Tolbiac, quando, sentindo-se derrotado, invocou o "deus dos cristãos". Conseguindo a vitória, passou a fio de espada todos os sobreviventes.

Posteriormente, na guerra contra os visigodos, assassinou Alarico com as próprias mãos, em inominoso ato de selvageria.

A Justiça Divina não compactua com adutores nem com perdulários, com exploradores nem piegas. É austera e pulcra, convocando todas as almas ao cadinho purificador, que é base de redenção para todos os que falirem.

Por esta razão, Allan Kardec, desbravando o cipoal dos tiorcínios confusos dos religiosos do passado e sob superior inspiração, oferece-nos a revelação do reencarnacionismo como a única chave para elucidar os problemas humanos, complexos e tormentosos, nos quais se reflete a Justiça Divina.

13 JUSTIÇA DA VIDA

Arbitrária quão cruel seria a punição eterna, irrevogável, como resultado dos erros perpetrados pelo Espírito, durante o breve período da existência corporal que se inicia no berço e se interrompe no túmulo.

Uma condenação que tal seria irreconciliável com a justiça do amor, não podendo caber nos soberanos códigos da divina misericórdia.

Igualmente inaceitável é a concessão de perene felicidade, como prêmio a uma jornada humana que se escoou breve, prolongando-se pela eternidade do tempo e do espaço em forma de glória e de contemplação inoperante.

Esses conceitos foram cunhados no passado, para atenderem a um período cultural compatível com a vigente concepção da humana justiça, não encontrando, na atualidade, suporte de lógica em que se estruture para acompanhar os avançados processos da razão e as superiores colocações do amor.

A inexistência de um paraíso como a de um inferno definitivos, todavia, não quer significar que os Estatutos Supremos que regem a vida não disponham de recursos legais para amparar os que delinquem, quanto os que avançam pelas classes do bem.

Da mesma forma que os homens elaboram suas comunidades, que estagiam ou progridem conforme as condições morais e intelectuais dos seus habitantes ali domiciliados, multiplicam-se noutras dimensões vibratórias na Terra, e fora dela, as Esferas espirituais, que albergam as criaturas quando despidas da vestimenta carnal.

Conforme o estado emocional de cada um, mantido durante a vida de que se liberou, esse ser desperta ou permanece vinculado aos valores a que mais se fixou ou dos quais ainda sofre as contingências.

O ato de lúcido e honesto arrependimento, à hora da morte, certamente não propiciaria a eterna felicidade sem que incida o fato em suprema injustiça, tanto quanto o tresloucar da ignorância ou o eclodir das paixões animalizantes não poderia condenar indefinidamente aquele que lhe sofre a conjuntura infeliz...

As leis que regulamentam os povos, tão imperfeitas ainda, examinam a sanidade mental do delinquente e os fatores causais do erro antes de punir ou defender o criminoso, a fim de torná-lo inimputável ou não, elaborando técnicas e processos de reeducação com que se objetiva acabar com o crime, a doença infeliz — salvando-se o criminoso, o doente inerme, trazendo-o de volta à sociedade.

Obviamente, a Divindade possui os mais sofisticados e sutis processos para o aprimoramento do ser e para a reparação do delíquio, facultando a reencarnação do revel, mediante cujo comportamento ele cresce para a vida, redimindo-se e recuperando-se diante daquele a quem prejudicou...

Interpenetram-se as Esferas Espirituais, movimentando-se em variadas faixas vibratórias compatíveis com o estado evolutivo em que estagiam os que desencarnaram.

Hábil cirurgiã, a morte desnovela o Espírito do corpo físico, nem sempre liberando o recém-operado das sensações de que se encontra encharcado, como decorrência natural da densidade mental e da eleição dos valores a que se afeiçoou.

Morrer é somente despir-se do corpo, nem sempre, porém, dele libertar-se.

Espíritos há que enlouquecem de desespero e angústia quando contemplando os despojos diluindo-se na decomposição celular...

Outros atiram-se, perturbados, à matéria putrefata, em vãs tentativas de soerguê-la...

Diversos se demoram na névoa das recordações infelizes, em tremendo isolamento interior, atavicamente jungidos aos remanescentes cadavéricos...

Inumeráveis se disputam prosseguir no jogo da carne ilusória, embriagados de desejos ou atoleimados pela ausência dos meios de saciá-los...

Não poucos se agregam em hordas de desesperados, atirando-se, invejosos e revoltados, contra os homens, seus irmãos que ainda caminham na Terra, buscando esmagá-los...

Mediante natural processo de afinidade psíquica e de eleição mental, reúnem-se em determinados locais, que empestam com as vibrações deletérias que lhes são peculiares, aí gerando *infernos* de dor e de sandice transitórios, em cujas *fumas* se aturdem, se atacam, se *justiçam* através de inconcebíveis urdiduras da perversidade e do despautério...

Enxameiam nos lugares públicos, *atropelados e atropelando*, sem dar-se conta, hebetados, com fixações perniciosas, sem conhecimento da ocorrência da desencarnação...

Numerosos experimentam o despertar da consciência, tombando em arrependimentos dolorosos e desgastamentos, auto-supliciando-se sob acúleos de ira ou anestesiando-se, largamente, pelo desânimo.

Multidões deles, aflitos, tombam sob processos hipnóticos na dependência psíquica de outros mais impénitentes, dando lugar a demorados processos de obsessão, subjugados e exauridos por não luzir a claridade do amor nem a chama estelar do perdão, nos sentimentos pétreos dos que lhes foram vítimas anteriormente.

Como os homens se homiziam entre os semelhantes e se impõem condições para a superação da culpa, quase sempre preferindo a sumária liquidação dos desafetos, em tais círculos de sombra, igualmente, se demoram os mesmos códigos, até quando intervém o vigilante amor de Deus que modifica tais paisagens, liberando pela reencarnação uns e outros, que recomeçam a experiência, na Terra, onde malograram...

Não são poucos os cultivadores do *nada* como das superstições, que defrontam as construções mentais, supondo-se aniquilados uns, ou sob o domínio demoníaco outros, equivalendo à credice abraçada.

Sucedem-se em escala ascendente e descendente as regiões primitivas, as reparadoras, as abençoadas estâncias do progresso e da paz, na infinita marcha para a perfeição.

Pululam, também, ditosos, os locais de bênçãos, onde o amor enriquece as almas; as cidades erigidas para a felicidade; as regiões de refazimento, no interregno das reencarnações; os postos de recuperação e aprimoramento, que funcionam como avançadas escolas e hospitais para a renovação e o trabalho, que se tornam formosos núcleos para a elaboração de programas ditosos, com vistas ao futuro; surgem oásis de tranquilidade e beleza, facultando alegria íntima e estimulando a novos empreendimentos no trabalho fraternal em benefício de todos, ante a expectativa de fruir os ninhos e pousos de gozos referidos por Jesus...

A díspar caravana que se despede a cada instante do corpo somático, por processo automático natural, mediante a inevitável sintonia psíquica, integra a variada sociedade

espiritual, nunca, porém, longe da misericórdia divina ou relegada à eterna dita quanto à eterna desgraça...

O progresso é lei inamovível da Criação, de que ninguém se pode omitir.

Hoje ou mais tarde todos os seres serão alcançados pela fatalidade dele, liberando-se da dor, da doença, da morte, que são, por enquanto, os métodos eficazes para o crescimento espiritual de todo aquele que se não permite a sublime diretriz do bem.

Eterno é o amor, que a todos invita mediante os impulsos que jazem inatos na vida em todas as suas manifestações.

Conforme a experiência física, assim será o prosseguimento espiritual fora do corpo.

Vida e morte são estágios vibratórios, condensados na matéria ou diluídos fora dela, dentro, no entanto, da Vida com que o Pai Criador nos favorece o ser, mediante a sua inexorável Justiça.

14 PENAS FUTURAS

Embora a Penologia terrena padronize as técnicas punitivas e disciplinantes, com as quais, reeducado, o criminoso pode liberar-se do crime, as leis da Vida prescrevem aos infratores dos seus códigos severas penas, infinitas na variedade, de referência aos múltiplos erros. E não poderia ser diferente. Como padronizar-se os métodos de correção, considerando a multiplicidade dos deslizes e dos gravâmes morais?

Apesar disso, talvez a pena mais severa para o infrator seja constatar que além da morte prossegue a vida.

Nenhum Espírito se deterá na inação ou permanecerá imantado à prática do mal indefinidamente. Todos despertam, no além-túmulo, para as cogitações superiores. Esse despertar é, sem dúvida, o mais severo látigo que cada um a si mesmo se aplica, por sentir-se constrangido a contemplar os compromissos da irresponsabilidade, inscritos na memória estranhamente ativada e lúcida. Ao lado disso, o dissabor que experimenta, considerando as consequências dos seus erros, parecendo-lhe chicote, zurzindo na consciência, implacável, indefinidamente...

O adúltero sente-se contrafeito, repetindo o ato criminoso mnemonicamente, enquanto percebe o escárnio de companheiros inditosos, açulando desejos que não mais poderão ser atendidos, ao passo que a ferida do remorso faz-se brasa viva a arder no imo. O onzenário, avarento, contempla a polpuda fortuna adquirida a rudes penates, que legou aos filhos por imposição da morte, sendo dilapidada largamente pela leviandade dos moços, folgazões e indiferentes. Os filhos, relegados ao abandono pela negligência dos pais, estarão a maldizê-los, revoltados nas rudes jornadas da insensatez, sem que estes algo possam fazer por ajudá-los e ajudar-se. A enfermidade causada pela incúria registra nos tecidos sutis da alma terríveis viroses de aflições sem nome...

São penas que só a consciência individual pode impor-se e o Espírito em si mesmo pode considerar.

Nada que as defina corretamente.

Ninguém poderá descrever, em todas as suas expressões, o horror que assoma à consciência de quem se liberta do corpo e deseja acioná-lo como fazia outrora, qual condutor movimentando a máquina sem o conseguir.

Sentir hirtos os lábios, quando se deseja falar; sem luz os olhos, quando se quer ver; sem movimento o corpo, quando se propõe impulsioná-lo, consumindo-se, todo em ruína, cinza, lama e pó, é auto-suplício inenarrável.

Quem pode, sem antes haver experimentado, aquilatar a terrível agonia de um pai aflito ou de uma mãe devotada, procurando lábios que informem sobre a continuação da vida ao filho leviano ou ingrato, que se vai atirar no sorvedouro da loucura, envolver-se em crimes nefandos?

Não há como descrever-se as punições que a alma se impõe por desrespeitar os códigos de equilíbrio das Leis de Justiça.

Com muita propriedade o extraordinário Codificador do Espiritismo facultou à imaginação de cada um, sem ideia preconcebida, o tipo de retificação que padece o calceta, quando se propõe redimir e avançar.

Após ouvir e anotar as informações apresentadas pelos desencarnados, Allan Kardec se permite somente oferecer uma antevisão das realidades espirituais para justos e injustos, probos e réprobos.

Entretanto, simultaneamente, paira a misericórdia de Deus que sopesa na balança das oportunidades toda ação meritória, pois que nenhuma bênção derramada na Terra por quem quer que seja fica esquecida, sem o necessário valor que merece, mesmo que haja sido o singelo sorriso de simpatia dirigido a um sofredor ou a misérrima côdea de pão doada a um padecente da via redentora.

Demais, a bênção da reencarnação faculta oportunidades novas e, muito embora seja necessário a alguns trazerem as marcas indeléveis dos crimes pretéritos, como medida corretiva, desperta-se no oásis abençoado da carne em novo ensejo, qual primavera formosa após tormentosa estação...

Em razão disso, consolando-nos, o Mestre Infatigável, desejando concitar-nos à renovação diária e constante, asseverou-nos: "Eu ficarei convosco até o fim dos evos", esperando por vós.

15 PROVAÇÕES E EXPIAÇÕES

Inçado de problemas, assaltado pelas dores acerbas, sob o estrugir das aflições, o homem rebela-se, atirando-se, inadvertidamente, em pélagos mais vorazes e devastadores do que aqueles de que se pensa evadir...

Insubordinado, em razão da sua natureza animal em predominância momentânea, revolta-se contra o sofrimento, que tem a função lapidadora das imperfeições, emulação para fazer que o Espírito avance, crescendo na direção das mais altas aspirações da vida.

Não pode compreender, ou não quer fazê-lo, o porquê da necessidade da dor, mas reagindo se informado de que as aflições atuais têm suas nascentes no seu passado espiritual, e estas lhe chegam, em grande parte, por solicitação pessoal, quando se encontrava no estado de erraticidade...

Sem dúvida, quando o Espírito mergulha na névoa física, tem diminuída expressiva parte das percepções, como é facilmente compreensível.

Obnubila-se a visão sob o império do envoltório carnal, que lhe dificulta manter a coerência com os propósitos que o animavam antes de reencarnar-se.

Tendo da vida física somente uma compreensão estreita quão limitada das suas finalidades, olvida-se da eloquência da imortalidade e dos júbilos que o esperam, quando vencidas as etapas do progresso que lhe é desafio no processo evolutivo. Demais, o anseio pela libertação das conjunturas penosas, a que se vê a braços quando na experiência material, serve-lhe de motivação para requerer aos Espíritos programadores dos destinos a oportunidade de sofrer para sublimar-se, experimentar dores a fim de elevar-se.

Não são impostas todas as aflições aos homens como punição da Divindade, antes são-lhes concedidas como forma de apressar a marcha do seu crescimento moral.

Deus lhes faculta todas as oportunidades de resgatar os erros do passado como medida misericordiosa, em consonância com a metodologia da aprendizagem que foi desconsiderada, quando deparou o mecanismo do amor e sacrificou o futuro espiritual, em benefício das paixões dissolventes e embriagadoras de um momento, do que resultou a larga colheita de amarguras que chegaram depois.

Tem, portanto, o Espírito liberdade de rogar as provas que se lhe fazem necessárias para o progresso interior.

É certo que há uma relatividade de requisitos que facultam ou não o consentimento, da mesma forma que deve possuir o mínimo de condições para lograr permissão o candidato a qualquer cometimento.

Tendo a visão espiritual ampliada e compreendendo o que pode fruir, assim se liberte dos impositivos negativos, embora sob o experimentar de dores por um breve prazo, para um permanente gozo *a posteriori*, o Espírito empenha-se pelo conseguir, esforçando-se para que nas linhas mestras do seu futuro destino, na Terra, defronte tais e tais ocorrências, estes e aqueles sucessos dolorosos.

Não raro, prepara-se, procurando a intercessão de amigos melhor aquinhoados espiritualmente, de modo que lhe seja facultada a oportuna e feliz provação com a qual espera redimir-se, na pior das hipóteses, ter diminuídas as próprias penas...

Grande número de candidatos, porém, como ocorre em qualquer ministério humano, quando se depara com as primeiras dificuldades, em razão do amolentamento do caráter ou pela falta de vivências mais vigorosas, estremunha-se com queixas, batendo em retirada e deixando o campo ao abandono, sendo os desertores feridos, depois, por acúleos mais pontiagudos, por surpresas mais desalentadoras e tormentosas.

Não obstante, os verdadeiros *fiadores* da sua existência física atuai, aqueles aos quais rogaram apoio e permissão, continuam intercedendo, inspiram à perseverança, enviam mensagens diretas e indiretas, conduzem amigos de uma como de outra Esfera da vida para os auxiliarem, a fim de que se não olvidem dos compromissos voluntariamente assumidos. E quando tudo falha, tomam-nos no intervalo do sono fisiológico e reconvencem-nos, sem esmorecerem no labor, esperando e confiando que retomem o trabalho interrompido.

Por fim, como forma última de caridade, facilitam que os choques mais fortes os visitem, sacudindo-lhes os sentimentos, na perspectiva de que volvam ao caminho desprezado...

Teimosos, muitos rejeitam todos estes e demais expedientes socorristas, mergulhando na revolta insensata, no azedume inveterado, na amargura perniciososa, suicida...

Dir-se-á que melhor seria para eles a concessão do amor, da felicidade, da glória, da fortuna, da comodidade...

Recorde-se, porém, que o erro, ora sendo carpido, sugiu quando abundavam facilidades, teve início em razão do mau uso dos tesouros que deveriam ser aplicados para o bem geral e, no entanto, foram colocados a serviço da avareza, do egoísmo, da violência, da crueldade.

Aí estão as demonstrações, cada dia mais expressivas, dos afortunados por favores divinos que mergulham no paul dos desequilíbrios, asfixiando-se na irresponsabilidade, na agressividade, no despautério.

O livre arbítrio, a escolha da rota que a cada um apraz percorrer, é o grande conselheiro, ao mesmo tempo, o arquiteto da felicidade ou da desdita do ser espiritual.

Quando, porém, os mecanismos da livre escolha não logram alcançar as finalidades para as quais se destinam, as Leis soberanas tomam o delincente, e porque incurso no processo expiatório, fazem que retorne compulsoriamente na condição de galé, não se podendo liberar, nem reagir, limitado num organismo que funciona como cárcere abençoado, no qual, afinal, desperta por completo para os futuros avatares felizes, as experiências iluminativas de sabor eterno, que jamais se apagarão no firmamento interior da sua alma.

Provas e expiações são os mecanismos da lei divina para a felicidade do Espírito e ninguém conseguirá atingir as estrelas sem passar pelo vale das expressões terrenas, crescendo e amando a casa planetária, ajudando-a, também, no seu fanal de tornar-se um mundo feliz, habitação de seres ditos no futuro...

A rebeldia retarda e prejudica a marcha...

A insubordinação perturba o candidato.

A aceitação dos impositivos auxilia na conquista dos valores imperecíveis e dos resgates inadiáveis.

A complexidade das dores atuais que aturdem e afligem as almas em trânsito é temporal, por antecipar as horas ditosas que já se podem antever, utilizando-se da provação ou da expiação em que se encontra cada qual incurso, impelido a produzir o melhor ao próprio alcance e superando-se, a fim de que breves sejam os dias da ventura plena que a todos alcançará.

16 A FÉ NO FUTURO

A anuência do intelecto ante um fato é considerado como expressão de fé, do ponto de vista psicológico e filosófico.

A fé científica igualmente decorre da perfeita comprovação de um testemunho mediante a experimentação laboratorial.

Graças às colocações ultramontanas da fé, como decorrência de uma concessão gratuita da Divindade, sem qualquer contributo da razão, ao mesmo tempo fugindo ao estatuto da lógica, por condição de herança pura e simples, a fé religiosa foi considerada absurda pelos pensadores e científicos descomprometidos com as doutrinas espiritualistas do passado.

Abstraindo-se da condição teológica, a fé é imprescindível à vida racional. Ela decorre desse consentimento da própria razão, que comprova pela evidência a legitimidade do fato.

No entanto, a fé não tem limite.

Em algumas criaturas está ínsita, propiciando valores que impulsionam o progresso, a realização dos ideais do engrandecimento humano, do processo da evolução.

"No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade" — conforme esclarece *Um Espírito protetor* a Kardec (Paris, 1863).⁴

Em cada herói do pensamento, em todo modelo da arte e nos apóstolos de todos os ideais, a fé no futuro tem sido a grande impulsionadora.

Trazendo-a consigo, nos refolhos da alma — consequência natural de conquistas pretéritas, logradas nas reencarnações anteriores — sabem por impulsão espiritual dos resultados que aguardam ao iniciarem os cometimentos a que se dedicam com ardor e abnegação.

Outros, no entanto, inobstante a farta cópia dos fatos que os devem impelir à fé no futuro, fecham os *olhos* do raciocínio e negam-se ao exame, ou fazem-no sob angulação comprometida, em razão das disposições negativas a que se aferram sem aberturas intelectuais para o seu correto estudo.

Não poucas vezes, a fé tem sido confundida com a crença tradicional, em que se misturam as superstições e credices aos acontecimentos reais de difícil comprovação.

Para vencer a "fé cega", arraigada no pensamento histórico-religioso, o Espiritismo oferece a documentação da imortalidade da alma, ensejando a averiguação da sobrevivência espiritual, através da mediunidade.

Afirmando a continuação da vida após a morte do corpo, ao mesmo tempo facultando a confirmação dos seus ensinamentos éticos, a Doutrina Espírita abre horizontes à fé racional de que se arma o homem para avançar resoluto, perseguindo os objetivos superiores da vida.

Desses fatos surgem os efeitos morais do comportamento antes da desencarnação, o que faculta uma conduta factível de acordo com as metas futuras que cada um pretende lograr.

A fé religiosa, portanto, no futuro espiritual, alenta o ser e o fortalece, concedendo-lhe alegria e dinamismo para enfrentar as vicissitudes, porque sabe serem tais dificuldades

obstáculos naturais que lhe cumpre transpor, a fim de atingir as finalidades que lhe constituem motivo de viver.

Torna-se a Fé, em tais casos, a mãe da Esperança e da Caridade, já que para a experiência das últimas aquela se faz indispensável.

Sem a fé robusta, a esperança depercece, desfalecendo diante do primeiro impedimento. Ao mesmo tempo, a caridade se converte em filantropia apenas, porque a sua vitalidade é defluência dessa certeza intelectual e emocional de realizar o ministério do bem com abnegação, simultaneamente com perseverança sacrificial.

Torna-se indispensável, portanto, a aceitação da fé no futuro, para que se culminem os relevantes compromissos com a vida.

O que hoje não é possível, perseverando-se na ação positiva, no futuro se torna realidade.

Quanto parece irrealizável, agora, mediante a atitude constante e operosa do bem, se converte em produção abençoada.

Há, simultaneamente, a *fé* automática, expressão da divina determinação, ensino vivo para os transeuntes da viagem carnal.

A semente tem o destino da planta e *confia* hoje que desatará a vida vegetal amanhã.

A flor que viceja *sabe* que, libertando o pólen, este a repetirá mais tarde.

O fruto verde *espera* e se converte em dádiva que enriquece a vida.

O carvão perdido no amálgama do subsolo *crê* que se transformará, com a sucessão dos milênios, no diamante que rutilará.

A destinação para o progresso, para a perfeição que a todos e a tudo alcançará, dá fé automática no futuro, por cuja rota jornadaem os pés do presente.

A fé religiosa, como decorrência natural do conhecimento das leis que regem a vida sob a superior diretriz de Deus, constitui segurança e emulação para o espírito, que se despoja das imperfeições e luta por adquirir os títulos de enobrecimento que lhe proporcionam paz e felicidade perfeitas.

17 REENCARNAÇÃO - ATO DE JUSTIÇA

Ninguém de mediano equilíbrio permanecerá insensível diante dos quadros teratológicos, nos quais pequeninos seres se apresentam estiolados, e vivendo, não obstante os limites e as graves mutilações de que se fazem objeto.

O espetáculo deprimente da deformidade física, como da mental, em que se expressam milhões de seres humanos, não deixa de tocar, emocional e racionalmente, a quem transita pelas faixas da razão e do sentimento.

Contemplando-se as linhas e formas harmônicas da anatomia de determinadas pessoas em confronto com os aspectos simiescos e disformes de outras; considerando-se as expressões da idiotia e do retardamento mental, num paralelo com a acuidade intelectual do gênio e a lucidez psíquica do douto; examinando-se o atendimento emocional e a tendência nata para a criminalidade em que se movimenta incontável número de seres humanos e as

emoções superiores que conduzem à paz, ao belo, ao amor; reparando-se a impulsão congênita homicida ou autodestruidora e a conduta reta em marcha para os ideais da abnegação, do sacrifício pessoal por devotamento ao bem; confrontando-se a diferenciação de aptidão para a honestidade e para o furto, para o vero e para a mendacidade, para a compaixão e para a fraternidade, não há quem se não proponha interrogações...

A glória que a uns bafeja, enquanto que o insucesso a outros parece perseguir; a riqueza que se multiplica em determinadas mãos, embora noutras escasseie, o indispensável, assustadoramente; as facilidades que homenageiam determinados homens, fugindo de outros, que os buscam, incansáveis; as láureas que se acumulam sobre algumas cabeças, nem sempre credoras de cingi-las, e as coroas de espinhos que se cravam em inúmeras pessoas, numa aparente injustiça flagrante, levam a meditações inevitáveis...

As diferenças sociais e os apoios da sorte; os caracteres morais que fazem distintos os irmãos pela mesma consanguinidade; os ódios familiares destituídos de causas racionais, como se razoável fosse o ódio, onde quer que se manifeste; as enfermidades de longo porte, irreversíveis, e a saúde inalterável, incessante, convidam a inquirições contínuas diante da vida...

O alongar de uma existência encarcerada num corpo lacerado, com mutilações dolorosas, e o arrebatamento das vidas em flor, num estuário de saúde e de beleza; os devotamentos que levam à doação total e as traições por nonadas; os infortúnios morais e as risonhas jornadas entre ilusões e aplausos; a opulência cercada de sorrisos e a miséria entre sórdidas agressões e carantonhas deformadas; a amizade canora que gorjeia em volta de alguns ouvidos e os silêncios da soledade, na amargura, propõem buscas filosóficas que elucidem tais paradoxos...

A conceituação da unicidade da vida física de forma alguma responde a mil dessas interrogações perante a divina justiça de Deus e a Sua magnânima misericórdia.

Atribuir-se que assim é porque o Genitor Excelso experimenta as Suas criaturas, testando-as, além de retirar-lhe um dos atributos — a presciência que dispensa averiguações e exames — rebaixa-o à misérrima condição de sádico quão injusto, numa arbitrária criação, que a uns beneficiaria em detrimento da grande maioria, a qual degrada e malsina.

Se a explicação da existência física única se firma na finalidade de punir uns em lugar de outros, prima pelo absurdo e despautério, que sequer os imperfeitos códigos da humana justiça jamais se permitem, em nome de suas leis, mesmo quando arbitrárias.

Afirmar-se que todo esse confronto possui nos genes e cromossomos a resposta para os desequilíbrios orgânicos e mentais, físicos e psíquicos ou, para a perfeição dos caracteres, obedece a uma anárquica e maquiavélica "*lei do acaso*", diante das organizadas equações que mantêm o equilíbrio universal; da fatalidade biológica; do *milagre* da reprodução celular, repetindo as funções e especificidades das matrizes que as originaram; do desafio da flora exuberante e da fauna infinita é desejar anular, por paixão niilista, a causalidade, a destinação, a finalidade da própria vida.

Por mais se evite examinar ou se deseje violentamente negar, somente a reencarnação possui o suporte filosófico da divina justiça quanto às demonstrações científicas para elucidar com amor e sabedoria todos os enigmas da vida humana.

O espírito, no seu processo evolutivo, é o herdeiro de si mesmo, doador para si próprio.

Fadado à perfeição, evolui a penates de conquistas que o dignificam, mediante o processo da aquisição de valores e experiências com que se enriquece para os vãos da felicidade que o aguarda.

Quando erra é, naturalmente, impellido a repetir a experiência com os recursos de que se encontra investido.

Quanto malbarate, surge-lhe como escassez ou faut, e tudo quanto utiliza com probidade torna-se-lhe recurso que lhe propicia mais amplos investimentos para o futuro.

À semelhança de um aprendiz, a Terra se lhe apresenta como educandário onde é colocado para exercitar e desenvolver as aptidões inatas do bem, que nele jazem em gérmen, herança da paternidade de Deus.

O presente se lhe surge como o somatório das realizações passadas, mas o futuro é-lhe o desafio que a atualidade lhe propõe para conquistar.

Todos com as mesmas possibilidades, os Espíritos nascemos "simples e ignorantes", destituídos de experiências, renteando uns com os outros, no processo fatal do crescimento para o Bem, nosso ponto final de chegada.

Expressando a mais alta justiça, a reencarnação emula o homem a crescer, consola-o diante das vicissitudes,

apóia-o nas aspirações relevantes, pacifica-o quando das agressões, encoraja-o na luta contra o egoísmoe dignifica-o.

O êxito do seu próximo torna-se-lhe um estímulo para a própria vitória e a queda do irmão, um apelo para a solidariedade.

Amplia os laços familiares, tornando verdadeiros irmãos todos os homens, pelos múltiplos conúbios de afetividade, nas diversas etapas, pela sucessão das vidas, ensinando respeito e lúdima tolerância pelas fraquezas alheias, com austeras exigências aos erros que lhe assinalam a marcha.

Diz-lhe que poderá lograr hoje e agora a plenitude se se dispuser à total doação, reparando pelo bem todos os males que haja praticado.

Sem pieguismo, auxilia-o a sofrer com ação dinâmica, utilizando o testemunho reparador como lição edificadora da ventura pessoal.

A reencarnação é a alta expressão do amor divino, na sua mais bela manifestação, conduzindo a criatura ao rumo do seu Criador, pelos caminhos da justiça e da harmonia perfeitas.

18 OLVIDO DO PRETÉRITO

Os opositores da doutrina da reencarnação objetam com vigor que, dentre as graves dificuldades que se antepõem à aceitação da doutrina das vidas sucessivas, assume prioridade a que se refere ao esquecimento do passado.

Afirmam, apressadamente, que uma larga existência humana, assinalada por emoções profundas, sensações vigorosas e acontecimentos marcantes, não se poderia apagar da memória do Espírito, caso este volvesse ao recomeço através do envolvimento carnal.

Asseguram que, ante a hipótese de serem reais as vidas múltiplas, na matéria, o olvido do pretérito representaria grande injustiça divina, tendo-se em vista que seria muito mais fácil sofrer com resignação, conhecendo-se a causa desencadeadora do mal, do que a ignorando. Outrossim, mais proveitosa seria a lembrança dos acontecimentos felizes, por constituírem emulação pelo prosseguir nas realizações edificantes.

O apagar das recordações, conforme raciocinam, atiraria o homem num abismo de incertezas, de insatisfações, de sombras...

Pensassem, no entanto, sem preconceito e descobririam, esses adversários inconsequentes, que laboram em flagrante equívoco.

A perda da memória, no intercurso das reencarnações, não ocorre, necessariamente, em caráter absoluto para todas as criaturas.

Incontáveis pessoas recordam-se das vivências passadas com nitidez; crianças evocam conhecimentos de outras existências com naturalidade; indivíduos relembram, em inumeráveis ocasiões, os acontecimentos marcantes do *passado*, quando defrontam pessoas, retornam a lugares dantes conhecidos, reencontram circunstâncias familiares...

Além disso, os instintos, as tendências, as vocações, as inclinações artísticas e culturais, quanto as impulsões negativas, a preferência por este ou aquele aspecto da vida, são *reminiscências* das passadas jornadas, que se fixaram nos painéis do Espírito e *despertam* através da consciência, assinalando com firmeza o comportamento humano...

Mais além, nos intervalos do sono fisiológico, um número incontável de criaturas retorna aos sítios da sua preferência anterior, tendo desperta a *consciência espiritual*, afim de melhor prosseguir nos compromissos redentores abraçados.

Sem embargo, o esquecimento do passado é expressão de sabedoria da excelsa justiça de Deus, poupando, desse modo, os devedores e suas vítimas de se recordarem das causas da animosidade *gratuita* que experimentam, dos dramas geradores da antipatia que os domina desde o primeiro encontro...

Igualmente, no caso das simpatias e afetos que se identificassem conscientemente, das andanças e ligações precedentes, estes volveriam à continuidade dos vínculos, afastando-se, sem dúvida, dos deveres da fraternidade e da solidariedade geral que a todos devem unir para o ministério eficiente de uma família universal, cujos membros se tornem todos ditosos entre si.

Quão humilhante seria para o ofensor de outrem verse identificado, por todos espezinhado, sob o açodar da perseguição de mil formas, respirando revolta e asco!...

Mais áspera se apresentaria a tarefa do perdão.

A muitos é difícil desculpar àqueles que lhes inspiram animosidades, ignorando as razões profundas da aversão. Tenha-se, agora, em vista o conhecimento, a recordação dos fatores anteriores que produziram o rancor; quanto tornaria a situação penosíssima, dificilmente colimando em perdão espontâneo como recomendou Jesus, com o "esquecimento da ofensa"!

Nos casos dolorosos das expiações, não é a carne que sofre, mas o Espírito que, encarcerado na mudez ou surdez, cegueira ou paralisia, na alienação mental ou noutra aflição, tenta a comunicação com o mundo exterior sem lográ-lo, assim aprendendo humildade e compreendendo os impositivos das Leis que promovem a retidão e a dignidade, o bem e o amor.

Recorde-se que, na maioria dos casos, encontra-se destrambelhada, apenas, a máquina orgânica, que não exterioriza as mensagens emitidas pelo ser espiritual, não sendo este que se encontra em desalinho...

Embora se conheçam as causas atuais dos ódios, se recordem as dissensões, não se faz mais fácil a doação da fraternidade nem do perdão, portanto, sendo falsa a justificativa apresentada.

O olvido do passado constitui misericórdia de Deus para todos no processo evolutivo.

Entre os que reencarnam sob limitações dolorosas, missionários do amor e da caridade, apóstolos da renúncia e do sacrifício recomeçam para ensinar a vitória sobre o corpo, superando as contingências e desvelando-se, através do amor ao próximo, apesar da deficiência dos órgãos, que os portadores da normalidade aparente hoje desprezam, corrompem, não poucas vezes, desconsideram...

Some-se a estas considerações que numa mesma existência apagam-se, sem aparente razão, milhões de informações em torno de pessoas, fatos, dados, ocorrências, a tal ponto que se tem a impressão de que jamais sucederam, produzindo estranheza quando outrem no-los recordam e a eles se nos referem...

O aprimoramento espiritual a pouco e pouco faculta o descerrar do véu das recordações pretéritas, porque tal comportamento, então, somente influi de forma favorável para o progresso e o maior estruturamento fraterno das criaturas.

Ninguém se sentiria ditoso no trânsito com os homens ao saber expostas as suas chagas morais anteriores, sucumbindo, em decorrência, sob a constrição da angústia, da depressão, da loucura, do suicídio...

Sem que estejam exibidas as mazelas espirituais aos olhos impénitentes da multidão, pululam os neuróticos e psicóticos, os esquizóides, os complexados e dúbios, sem encontrarem a compreensão nem a amizade, por terem um comportamento especial, sendo tachados, normalmente, de "pessoas difíceis", "esquisitas", que quase todos evitam, por não quererem aplicar o tempo no exercício da solidariedade amiga, alimento este imprescindível para todos.

Reflexionando sobre a necessidade de progredir moral e intelectualmente, não obstante, sem a lembrança das existências passadas, cumpre ao homem aprimorar-se, exercitando os valores positivos na própria educação, de forma a "ganhar a vida", conforme o conceito evangélico exarado por Jesus, sem "perder a alma".

19 A DOR MISSIONÁRIA

Resultando de uma observação meticulosa, parece longe o dia em que serão levadas a sério as questões pertinentes ao Espírito.

Ante a problemática da indestrutibilidade do ser, da sua estrutura legítima e intrínseca, pairam duas situações conflitantes no seu conteúdo filosófico.

Dizem, os céticos, que os fatos observados são ainda insuficientes para uma conclusão favorável, formal e definitiva. Entretanto, sem quaisquer documentos que lhes atestem a negativa, assumem atitudes escapistas, desviando os resultados encontrados para teorias e hipóteses, por sua vez de difícil comprovação.

Para uma larga faixa dos que parecem aceitar a realidade imorta lista, a convicção permanece na trivialidade dos interesses de somenos importância, em que o corriqueiro e o vulgar assumem posição de realce, transformando ou pretendendo transformar os Espíritos em serviçais prontos a atender-lhes as paixões e caprichos.

Uns e outros, no entanto, se demoram em tais comportamentos sem se darem conta da relevante questão em torno da vida depois da vida...

O corpo, na sua estrutura fisiológica e anatômica, bela e harmônica, marcha, inexoravelmente, para a desarticulação. Por mais duradoura pareça a vida física, na sucessão do tempo, esta é sempre de curto prazo.

A fatalidade biológica trabalha em favor do transformismo material. No entanto, a vida não se consome, permanecendo como um desafio que cada qual defronta, quando atravessa a fronteira das vibrações carnis...

Os examinadores da paranormalidade humana, olvidando-se que o Espírito é o homem desencarnado, pretendem extorquir informes contínuos enquanto exigem maior soma de demonstrações da *cobaia* de que se utilizam, não contando com a reação desta, afinal, tão caprichosa quanto eles próprios, resultando seus trabalhos incompletos ou suas conclusões negativas suspeitosas.

Os que se distraem em experiências de servilismo mediúnico vinculam-se a comparsas irresponsáveis, permanecendo nas faixas do primarismo emocional; ora crendo, quando são atendidos nos caprichos; duvidando, quando demoram os resultados; ou negando, quando se vêem frustrados nos planos, nem sempre dignos, a que se aferram.

A mediunidade, que deveria receber maior soma de consideração e séria pesquisa, não encontra, ainda, inclusive por parte de muitos *sensitivos*, senão remoques, desaires, dúvidas e tentativas de pequeno esforço no disciplinar-lhe e desdobrar-lhe as possibilidades.

A filosofia ético-moral que resulta do fenômeno da imortalidade da alma, em si mesma, sequer é cogitada por aqueles comprometidos com a vã conceituação do aniquilamento da vida, ou por estes que dialogam com os sobreviventes da morte e não pensam nas consequências de tal intercâmbio. É como se todo o cometimento não passasse de agradável diversão que logo se encerra, levemente.

Há, também, e este é um grupo à parte, o expressivo número dos estudiosos sinceros da Doutrina Espírita, que encontraram nos fatos comprovados por homens de dignidade indiscutível, autoridades respeitáveis, o suporte científico que ofereceu as respostas filosóficas aos magnos problemas do ser, do destino humano, e a lógica para a dor, que se apresenta em toda parte como desafio ainda não vencido.

A dor, portanto, esse cinzel burilador da alma humana que extrai belezas de rara qualidade, mesmo das formas e situações brutas, cumpre a tarefa de apressar o dia em que todos se darão conta da real finalidade da vida, extraindo dessa conclusão os métodos comportamentais para melhor relacionamento social com o próximo, onde este se apresente, na consanguinidade ou fora dela, ao mesmo tempo crescendo interiormente para o bem e a liberdade.

À vida se devolvem todas as concessões que a vida propicia.

Ninguém avança marginalizado ou sob condições excepcionais.

Cada qual é a soma dos seus próprios valores, no computo das suas realizações.

Viver, por viver, é atavismo biológico, fenômeno compulsório, automatista...

O homem que raciocina tem um compromisso consigo mesmo, com o seu próximo, com a consciência divina, que não pode ser ignorado.

Programado por Deus para a perfeição relativa que logrará, é-lhe factível excogitar com honesto interesse quanto aos valores da existência, na qual se encontra mergulhado.

A vida, em si mesma, é única com inumeráveis existências físicas.

O Espírito embebe-se e desencharga-se das vibrações fisiológicas por impositivo natural do processo de evolução de que não se pode furtar.

Cada etapa significa-lhe valiosa experiência de que deve retirar os mais expressivos proveitos.

Por isso, preocupam-se os desencarnados em demonstrar, à saciedade, o prosseguimento da vida após a existência material que se desintegra, mediante o fenômeno da morte.

O corpo é oportunidade de aquisição de valores no relacionamento humano, nos estudos em torno do ser, no desdobramento de recursos, em face das necessidades e limites a que está imposto.

Processa-se na carne e fora dela o programa evolutivo. No entanto, em se considerando os mecanismos da reencarnação, conforme a realidade do planeta terrestre, esse cometimento é o método mais eficiente de promover e elevar a criatura aos rumos do seu destino grandioso. Nesse tentame, a investigação séria, através da mediunidade enobrecida, é relevante pelo que resulta, oferecendo a demonstração positiva da sobrevivência e os efeitos morais do comportamento, enquanto na enfibratura fisiológica.

Todos apoiamos as incursões conscientes, as contínuas inquirições e buscas de informes por parte dos estudiosos sem opinião preconcebida, ou que possuam conceitos negativistas, nos quais encontram uma escala para avaliação e controle a que submetem os fatos observados.

...Não obstante a teimosa permanência do cepticismo e da frivolidade raia, já, a antemanhã de mais felizes eventos, nos quais a consolação imortalista se tornará a terapia preventiva ou curadora, como já ocorre, para os nevrálgicos e angustiantes problemas que resultam da dor, no serviço missionário de que está investida.

Aguardando que essa hora alcance o seu clímax, trabalhemos todos, esforçando-nos por fazer que a vislumbrem os que estão equivocados, os renitentes nas suas colocações negativas apaixonadas e não desfaleçamos no gigantesco empreendimento de fazer que brilhe a luz do bem e do amor, apagando toda sombra gerada pelas paixões humanas e pelo sofrimento delas resultante.

20 POR QUÉ?

Estranham, os egressos das religiões ortodoxas que se aproximam do Espiritismo, não reencontrar as práticas rituais nem as soluções apressadas para os graves problemas que requerem ponderação acurada e labor de grande porte.

A magnitude de uma tarefa, porém, se expressa mediante o esforço sacrificial que exige de quem a empreende, não podendo ser executada de um momento para o outro.

Muito justo e racional que a paisagem da vida além do túmulo se encontre sob condições análogas à da Terra, desde que o Estatuto que rege o comportamento dos seres é o mesmo, quer estes se encontrem no corpo físico ou se apresentem fora dele.

Fortemente vinculados às fórmulas simplistas quão inóquas do culto externo donde provêm, acalentam os novos adeptos o desejo pueril de que, mudando de fileira religiosa, já teriam modificado o comportamento filosófico real.

Não se dão conta que o ensinamento espírita diverge da tradição religiosa, que foi elaborada pelos homens, em considerando que o corpo doutrinário do Espiritismo resulta das informações procedentes da esfera espiritual, que é a verdadeira, sendo a expressão física e a comunidade dos homens domiciliados na carne uma pálida, uma cópia imperfeita daquela, carecente de aprimoramento.

Poderia não haver existência física, o que, de forma alguma, implicaria na inexistência da vida, como aliás ocorre em inumeráveis círculos e esferas de elevação pelos quais transitam os Espíritos, no inevitável processo da evolução.

A estranheza dos neófitos, que ainda não reflexionaram devidamente nos postulados espiritistas, revela-se mais acentuada quando defrontam, nas tarefas da mediunidade com Jesus, os Espíritos em sofrimento, que se apresentam assinalados pela ignorância do estado em que se encontram, sobrecarregados de dores, atendidos pela falta de parâmetros com que se identifiquem melhor, enfermos, sofrendo achaques que pareceriam pertinentes apenas e exclusivamente ao corpo somático.

A perplexidade se lhes manifesta mais perturbadora diante dos processos obsessivos, quando são informados de que somente o esforço do paciente, empenhando-se na renovação moral e na mudança de atitudes para melhor, bem como daqueles que lhe compartilham o problema, é que consegue equacionar a parasitose, por demover o perseguidor dos seus propósitos insanos, do que decorrerá a cura, ou, ainda, através da psicoterapia da doutrinação de ambos os litigantes da prebenda que se vem arrastando, com certeza, desde a reencarnação anterior...

Preferiam que se pudessem dispor de fórmulas sacramentais ou cabalísticas que expulsassem o comparsa investido de justiçador, por ignorarem que ditas exóticas atitudes não recebem qualquer consideração dos Espíritos aos quais são dirigidas, considerando-se serem destituídos de valores morais que os modifiquem, alterando o quadro do problema existente entre a vítima atual — que resgata — e o momentâneo algoz — que impõe, por suprema ignorância e rebeldia, um corretivo que lhe não cumpre aplicar, apoiado no falso fundamento de que assim o faz por tê-lo sofrido antes...

Outrossim, gostariam de dispor, os recém-chegados ao Espiritismo, de falsas forças com que pudessem *prender* aqueles Espíritos perturbadores que os desagradam, expulsando-os do seu caminho e enviando-os para exílios punitivos, olvidados de que todo sofrimento provém de causas que permanecem vivas e atuantes, embora nem sempre recordadas.

Simultaneamente, não se dão conta que, ante a imarcescível misericórdia de Deus, os duelantes são ambos filhos carentes e amados pelo Pai, no trânsito da evolução, de momento sob a lapidação das mazelas que a dor se encarrega de burilar...

A vida se expressa conforme fomentada por cada ser.

Não se podem encontrar dois destinos com as mesmas circunstâncias e características, na Terra, como não se apresentam iguais duas mortes com os seus consequentes • idênticos despertamentos.

Cada um se depara, fora da matéria, com o patrimônio que reuniu enquanto viveu no labirinto celular.

Compreensível, portanto, que permaneça, sem o corpo, com as impregnações que dele procedem.

A simples mudança de domicílio não produz modificação intrínseca naquele que se transfere de lugar.

Hábitos e costumes, ideais e educação, crenças e anelos não se alteram, senão quando o itinerante se resolve por uma real transformação interior, que logra a esforço e tenacidade, libertando-se das antigas conjunturas a que se algemou, a elas adaptando-se por largo período.

Vestir-se de carne ou despir-se dela não altera, essencialmente, Espírito algum, da mesma forma que o uso do uniforme escolar, puro e simples, não fornece cultura a aprendiz nenhum...

Todo o contexto da filosofia espírita é estruturado num veemente convite à responsabilidade pessoal do candidato, que se deve compenetrar da magnitude da ensanxa que lhe é outorgada, conscientizando-se do que lhe cumpre ou não realizar em benefício próprio e intransferível.

O problema da responsabilidade pessoal, do despertar interior e da ação benéfica é de cada homem.

Diferindo de outras metodologias religiosas, o Espiritismo não delega aos seus profíctos comportamentos estranhos, tais o de fiscalizar o próximo, conduzi-lo, encarregar-se de viver-lhe a vida, decretar-lhe felicidade ou desdita, sofrer por ele, assumir-lhe os compromissos...

Igualmente não faculta nenhuma acomodação como forma de estímulo à leviandade ou ao desculpismo, à transferência do dever, desde que, ensinando como proceder e como conquistar a paz, a Doutrina Espírita arma o aprendiz com tudo quanto se lhe torna necessário para o seu cometimento felicitador.

A aquisição dos valores morais é pessoal, destituída de mecanismos favoritistas por pieguismo ou de transferência indevida.

Cumpra a cada qual o esforço da auto-iluminação, da auto-realização, a fim de avançar com o patrimônio próprio.

Impossível anestesiar os centros do discernimento *sine-die*, mantendo-se uma atitude parasitária ou frívola, longe da realização que todos devem promover em benefício de si mesmos.

Não cause, portanto, estranheza ou espécie a limpidez do Espiritismo, a ausência da parafernália exterior aos noviços que o abordam, quanto à falta das *técnicas* da astúcia, do protecionismo absurdo, dos mecanismos salvacionistas de emergência.

Plenamente fundamentado nos "ditos" e nos "feitos" do Senhor, é mensagem nobre de dignificação da criatura que se liberta das paixões inferiores, alando-se para seguir na direção dos rumos felizes da perfeição que a todos aguarda.

21 CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIUNIDADE

O correto exercício da mediunidade, conforme as instruções ponderosas de Allan Kardec e os resultados observados na prática, prossegue merecendo contínuos estudos e cuidados por parte de todos aqueles que desejam educar e desdobrar as possibilidades de registros psíquicos, particularmente no que dizem respeito aos fenômenos de psicofonia e de psicografia. Nas demais expressões mediúnicas, os cuidados não deverão ser menores. Se nos limitamos a algumas considerações em torno daquelas faculdades, fazemo-lo por considerá-las de mais fácil exercício e mais comuns.

Conceituam uns, erradamente, que a mediunidade constitui "um calvário" para a criatura humana, sendo, não raro, uma estrada de difícil vencida, onde se encontram sombras e dores superlativas... Outros, menos avisados e desconhecedores da sua finalidade, asseveram que os reveses da sorte e as dificuldades sócio-econômicas, bem como os problemas de saúde, resultam de encontrar-se a mediunidade "mal desenvolvida" ou porque o médium, incipiente, não tem desejado "trabalhar", a fim de libertar-se das injunções conflitantes, afligentes... Outros ainda ensinam que o não cultivo da mediunidade traz danos lamentáveis, desgraças ao lar e, às vezes, até a morte...

E a mediunidade passa a ser considerada uma punição de que se utilizariam as soberanas leis para justificar os infratores ou para convocá-los ao caminho da retidão.

Em verdade, tais conceitos são destituídos de base legítima e resultam da desinformação e de apressadas opi-

niões de pessoas passadistas, que arremetem com palpites, desejando fazer proselitismo pelo medo, através de ardis desnecessários, negativos.

Claro que uma faculdade psíquica preciosa, qual a mediunidade, que o Espírito recebe como concessão da Divindade para o seu progresso — exceção feita à mediunidade atormentada, em razão de gravêmes pretéritos do próprio ser — requer disciplina, exercício correto, estudo, conhecimento das próprias possibilidades, moralidade... Relegada ao abandono, improdutiva ou usada irresponsavelmente, transforma-se em flagício para o seu possuidor, face aos deveres assumidos perante a vida e às ligações com os desencarnados, que se vinculam por naturais processos de afinidade.

Enxada à margem do trabalho, ferrugem inevitável.

Lentes e objetos à umidade, bolor em desenvolvimento.

Pouca movimentação e uso, problemas no equipamento.

São efeitos naturais nas circunstâncias em que as imposições do trabalho não são consideradas.

A mediunidade à luz do Espiritismo é bendita prova para o Espírito liberar-se de problemas complexos, ou ainda sacerdócio de amor e abnegação, que somente raros estóicos e denodados conseguem, atingindo o mediumato, tornar-se verdadeiros missionários de valiosos recursos espirituais.

A faculdade de prova, conforme muito bem a conceituou o Codificador, geralmente é experiência ditosa, a cujo exercício o ser se alça das baixas vibrações para as faixas superiores da vida. As dores e dificuldades a vencer não decorrem do fato mediúnic, mas antes dos débitos do médium, efeito da sua leviandade, invigilância e ações negativas, que ora lhe pesam como justa carga de que se deve liberar como as demais criaturas, mediante esforço e sacrifício, renúncia e amor. Ainda aí, a mediunidade se lhe torna porta valiosa de alforria, em se considerando os benefícios que pode oferecer aos companheiros de jornada terrena, aos desencarnados aflitos, ou, mesmo, facultando aos seus como aos Benfeitores da Humanidade a promoção do progresso do homem pelo ensino, pela revelação, por meio do intercâmbio feliz, genuíno...

Por vezes, quando não se pensa pessimistamente sobre a mediunidade, salta-se para o exagero, em que o indivíduo se considera o "vaso escolhido", o "único", o "reformador", o "melhor dotado", anelando pelo reconhecimento público, pelo destaque, pelo aplauso enganoso, pelas rodas de altas personagens que lhe valorizem as qualidades, caindo em dolorosas obsessões por fascinação.

Alguns invigilantes desejam transformar a mediunidade em campo de exibicionismo circense, quando não se atiram à disputa com outros companheiros de labor, exalçando as suas em detrimento das possibilidades alheias. De desequilíbrio em desequilíbrio, se não

conseguem o "estrelato", que perseguem, tornam-se fiscais impénitentes dos outros, anotando erros, apontando deslizes, sem se darem conta do próprio estado de semi-subjugação por parte de mentes desditosas da Erraticidade inferior.

A gradação dos recursos e dos registos mediúnicos é quase infinita, tendo-se em vista a programática divina, as provações individuais e coletivas, as conquistas morais e espirituais de cada um. Daí não se dever aguardar médiuns iguais, proclamar médiuns herdeiros de outros médiuns, ou realizar avaliações mediúnicas por processos comparativos, sempre de resultados insatisfatórios.

Cada médium é um Espírito em luta com as suas conquistas e deficiências.

Levá-lo à ribalta das lutas e pô-lo a exame é medida descaridosa que não tem lugar nas anotações consoladoras da Doutrina Espírita.

Mede-se o homem pela sua capacidade moral e não pelo brilho transitório, advindo das circunstâncias extemporâneas.

Bom médium é aquele que tem consciência das suas responsabilidades e dos *seus* limites, tudo fazendo por burilar-se à luz do pensamento cristão, agindo na ação da caridade incessante, com que bem se arma para vencer as próprias imperfeições.

A Humanidade sempre exibiu pessoas superdotadas em todos os campos, as quais, por presunçosas e precipitadas, sem disciplina nem respeito aos próprios e aos alheios valores, quantas vezes não se atiraram a fundos abismos, donde não conseguiram erguer-se?

Por isso que a mediunidade, para o desempenho da relevante tarefa espírita, requer homens que se desejem educar no bem, disciplinar-se e oferecer-se, no anonimato, se possível, ou discretamente, quando as oportunidades assim o exigirem, ao trabalho do amor e da iluminação da Terra. Para tanto, o estudo consciente e sistemático, o trabalho metódico — na vida social cumprindo com os seus deveres, sem transformar-se em parasitas a pretexto da *missão* que devem desempenhar, como nos serviços espirituais com pontualidade e assiduidade —, o cultivo da oração e da vigilância, a par da prática da caridade no seu sentido elevado, constituem os antídotos à obsessão, ao desequilíbrio, em prol da própria paz e da felicidade entre todos.

Nunca será demais que os médiuns se voltem para a reflexão, o silêncio interior e o mergulho mental nas lições do Evangelho em que haurirão inspiração e resistência para as contínuas lutas contra o mal que, afinal, reina dentro de todos nós.

Nem é miserabilidade espiritual, nem instrumento de jactância e orgulho a mediunidade.

Conhecer-lhe os recursos, cada dia descobrindo novas sutilezas e novas possibilidades, e fazer-se médium do bem em todo lugar são medidas providenciais para o bom uso da faculdade, com excelentes resultados para si próprio e para a sociedade.

22 ESCOLHOS À MEDIUNIDADE

Como é perfeitamente compreensível, a mediunidade, para ser nobremente exercida, defronta inumeráveis escolhos.

Faculdade que procede do Espírito e se manifesta pela organização fisiológica, a mediunidade requer cuidados e metodologia especiais, a fim de lograr o fãnal a que se destina.

Desvestida: dos aparatos exteriores com que as credices e superstições a apresentavam através dos tempos, surge hoje ocupando o lugar de respeito e consideração que merece, no estudo das ciências que se preocupam com a paranormalidade humana.

Não obstante as austeras diretrizes com que o Espiritismo a nomeia, não raro se vê o exercício da mediunidade em lamentáveis demonstrações circenses e teatrais, quando não se expressando por meio de exotismos e superficialidades que confundem o fenômeno puro e simples com a prática espírita, dando origem a imagens danosas e ilegítimas da última.

No entanto, alega-se que o fenômeno mediúnico, na sua generalidade, deixa muito a desejar, especialmente por parte daqueles que esperavam encontrar, na faculdade, uma ponte para o fantástico, o maravilhoso, o sobrenatural...

Teimam outros observadores da mediunidade em afirmar que o fenômeno escapa aos seus controles e que os resultados nas experiências que se permitem são insuficientes para conclusões seguras, quando os mesmos se mostram decepcionantes.

Há, todavia, como é óbvio, inúmeros escolhos ao exercício nobre da mediunidade.

Uns, de natureza moral, como consequência do estado evolutivo do próprio médium, que se compraz em manter as paisagens íntimas perturbadas e vulgares, atraindo Espíritos afins, portanto, idênticos emocionalmente às suas aspirações e comportamentos.

Outros apresentam-se de caráter educacional, como decorrência da falta de disciplina mental e física do próprio mediano, que prefere estagiar na rebeldia sistemática ou na indiferença, esperando prodígios que lhe suplantem o estado interior, por se negar a uma mudança de atitude perante a vida.

Tantos outros são resultantes físicos, decorrentes dos excessos da mesa, das extravagâncias dos costumes, das acomodações insensatas...

Não existem técnicas de aprimoramento mediúnico sem o contributo sacrificial do mediano.

Nenhum resultado bombástico, como efeito de momentâneos estados de dedicação ou decorrentes de planos que não se consumam em realidades verdadeiras.

Os escolhos morais, porque muito vinculados ao Espírito, são os mais difíceis de ser erradicados, sendo necessária a sua evangelização, de modo a que ocorra uma transformação interior que possibilite o perfeito intercâmbio entre as duas situações vibratórias: fora e dentro da matéria.

Não poucas vezes aparecem médiuns que chamam a atenção e cujo conteúdo de dignidade parece antagônico ao que afirmamos, insistindo em demonstrar que a mediunidade nada tem a ver com os valores ético-morais da criatura...

Sem dúvida, a mediunidade, em si mesma, é apenas faculdade, mas o fenômeno que dela procede, se não possui suporte de elevação, degenera, levando de roldão o insensato, que se deixou arrastar pelos complexos mecanismos que ora o constroem.

O exercício da mediunidade, nas tarefas espíritas, exige larga disciplina mental, moral e física, gerando condicionamentos de ductibilidade indispensável à condução por parte dos que a utilizam, tendo em vista o relevante mister para o qual deverá ser colocada.

A vigilância contra os defeitos que afetam o caráter, perturbando a lucidez psíquica e dificultando os *registos* espirituais, é de primacial importância.

O hábito dos pensamentos otimistas e o cultivo das ideias superiores fazem-se recursos saneadores da faculdade que se libera das fixações deprimentes, ensejando perfeita sintonia com os Benfeitores Espirituais, encarregados de fomentar o progresso da Humanidade.

O estudo da faculdade é indispensável, pois que possibilita o conhecimento do mecanismo mediúnico, através de cuja identificação torna-se possível educar e corrigir as expressões anímicas da personalidade.

A ação da prece constante é fator decisivo, do que decorre uma sintonia mais tranquila e correta, pelo impregnar a *aparelhagem* mediúnica de sutis e poderosas vibrações que lhe dão potência e versatilidade.

A mediunidade não pode produzir fenômenos autênticos de improviso, senão em raros e rápidos casos de exceção, que funcionam como chamamento, advertência, como *escândalo*...

As expressões da alta mediunidade se iniciam numa reencarnação para lograrem plenitude noutra, oferecendo como qualquer outra faculdade de aptidão artística, de tendência cultural, ética ou intelectual, a realização completa...

A mediunidade é somente faculdade daquele que se encontra no meio.

Conscientizar-se das finalidades superiores do seu exercício, aplicar as forças para o bem e conhecer-lhe a procedência são compromissos de que se devem desincumbir todos aqueles em quem repõem os fenômenos da paranormalidade mediúnica, de modo a poderem marchar na via humana com equilíbrio, no rumo da ascensão moral e da felicidade real.

Em todas as situações, porém, colocar as forças mediúnicas no ministério da caridade é impositivo essencial para o aprendiz da vida, o qual se engrandece e se agiganta, após vencer os escolhos que o desafiam, dentre os quais a obsessão é o mais grave, no curso de todo e qualquer tentame mediúnico.

O anticorpo para esse tremendo adversário do médium — a obsessão, cujas matrizes estão no seu passado espiritual, quando delinuiu, reencarnando-se para expungir-la — é a prática do bem sob a luz estelar da mensageira caridade, que a todos libera do mal que carregam na alma, pelo serviço que operam em prol de todas as criaturas.

23 A SERVIÇO DA MEDIUNIDADE

A seara mediúnica é largo e expressivo campo a trabalhar, exigindo cuidados especiais e acurada dedicação.

As dificuldades a vencer, desafiadoras, não são poucas, impondo valiosos investimentos da paciência, no exame crítico da sincera análise dos resultados obtidos.

Abstraindo-se os casos de mistificação consciente e irresponsável, que podem e devem ser enquadrados como desarranjos do comportamento moral, há sempre os desavisos e distonias, os problemas da filtragem psíquica e, principalmente, as delicadas colocações da identidade dos Espíritos.

Não sendo o médium senão um Espírito encarnado, em processo de conquista de valores morais e intelectivos, as comunicações de que se torna objeto quase sempre estão em correspondência com a sua própria capacidade, tendo-se em vista a questão da sintonia.

A mediunidade exige esforço, conhecimento, realização, perseverança, a fim de se poderem colher resultados opimos.

Cresça o médium e mais amplas serão as suas possibilidades de registo, de influenciação, interessando aos Espíritos Superiores o intercâmbio para o qual se coloca espontaneamente.

Nenhum programa de violência por parte dos desencarnados devem esperar os candidatos ao exercício da mediunidade, senão quando provocados pela insensatez ou perversidade daqueles com os quais sincroniza.

Aprimore-se o servidor e mais fáceis ser-lhe-ão as tarefas a executar.

Afastando-se o *fantasma* do animismo, que tem mutilado admiráveis servidores da mediunidade, que se sentem atormentados pelo receio da fraude inconsciente, surge a difícil colocação da mediunidade lúcida, passível, sem dúvida, de equívocos.

A continuidade, no entanto, dos esforços no exercício das faculdades latentes em todas as criaturas consegue facultar uma superação do aparente prejuízo, em decorrência da facilidade com que o médium, conhecendo as *leis dos fluidos*, identificará se se trata de uma comunicação anímica ou de Entidades Espirituais.

Muitos gostariam de lograr transmitir dados que identifiquem os comunicantes de modo irrefutável, e assinalam que a lucidez mental perturba-os, impedindo-os de localizar corretamente nomes, datas, detalhes informativos que bem caracterizem as mensagens de que se fazem instrumento.

Ainda aí, o próprio contínuo exercício da faculdade torna maleável o médium, que logra anular a própria personalidade enquanto assomado pela que lhe interfere psiquicamente...

Toda esta problemática pode ser amenizada e até superada por meio de uma perfeita sintonia e, paralelamente, através da conquista dos valores íntimos, da concentração, do equilíbrio, da paz.

A mente em repouso reflete com eficiência as *imagens* que se lhe projetam.

Neste capítulo, não se descurem os servidores da mediunidade do exame das comunicações retumbantes, anunciadoras de acontecimentos futuros, recheadas de dados tendentes a uma reformulação dos conceitos vigentes da Ciência e que, para melhor impressionarem, trazem firmas de personalidades célebres, de outras que se santificaram, dos Evangelistas e até mesmo do Mestre galileu...

Examinadas sob criteriosa lógica, não resistem essas mensagens ao bisturi do bom senso, em face da trivialidade, da insensatez e até mesmo do ridículo de que se revestem, traduzindo

a intenção irresponsável e infeliz dos frívolos desencarnados, que se utilizam da vaidade dos que os aceitam, a fim de confundirem e amesquinharem com intentos perturbadores.

Não tem maior importância o nome que subscreve uma página mediúnica e sim o conteúdo de que a mesma é portadora.

A mensagem sadia deve sempre colimar o progresso moral da criatura humana, conclamando de forma simples e clara ao auto-aprimoramento e à conquista dos bens espirituais.

Em face da necessidade, às vezes, de uma averiguação de identidade, é imprescindível, quando se trata de personalidades conhecidas, o cotejo do estilo, da forma, sem nunca perder-se de vista o conteúdo que deve primar pela qualidade e intencionalidade positiva, objetivando esclarecer, amparar, promover o homem.

É certo que a morte desveste as criaturas dos atavios com que se apresentavam.

Muitos conceitos, hábitos e características que constituíam bens e valores perdem o significado, não mais importando-se os Espíritos por preservá-los, conforme o faziam anteriormente.

Desse modo, em retornando do Mundo Espiritual, alteram-se os caracteres e o modo de se expressarem, seja na literatura, na música, na pintura, na poesia, o que constitui, de certo modo, impedimento para os críticos rigorosos aceitarem-nos.

Já não têm os Espíritos esse tipo de preocupação, esse interesse pela glória terrena...

Mesmo no corpo físico, o fenômeno é equivalente.

Uma pessoa que se transfere de um para outro centro cultural, onde os valores são diversos e outros os hábitos, após uma temporada de largos anos assimilando os novos condicionamentos, ao volver ao local de origem, apresentar-se-á diferente de quando partiu. Só uma convivência mais próxima com alguém que o conheceu fá-lo-á desvelado.

A nossa questão vincula-se ao cuidado, ao pudor que deve assinalar o médium que, de momento, seja atirado ao redemoinho das comunicações de efeito retumbante, que o bom senso espírita repele, impedindo-se a vaidade — ponte pênsil de acesso à obsessão por fascinação —, que tem levado à queda, ao desequilíbrio e à alucinação os que transitam por esse espaço livre e perigoso.

A humildade real, sem os disparates do fingimento, e a prece ungida de ardor, no trabalho da caridade ao próximo, mediante atos sacrificiais e abnegação, constituem, por um lado, a terapêutica curadora e, por outro, a preventiva, a fim de que as futuras florações do bem venham a produzir em abundância, tornando a seara da mediunidade um campo de paz e de esperança com trabalho libertador para todos.

24 O PROBLEMA DA INSATISFAÇÃO

A insatisfação, que medra, assustadora, numa avalanche crescente, em todos os arraiais da Sociedade terrena, procede, de certo modo, da programática educacional das criaturas que,

desde cedo, recebem orientação e adestramento em moldes eminentemente imediatistas, como se a vida devesse abraçar, apenas, o estreito limite entre o berço e o túmulo...

Centralizando todas as aspirações no trâmite carnal, o triunfo, conforme os padrões hedonistas, tem como finalidade a aquisição de valores para o gozo, o destaque na comunidade, a tranquilidade que decorra de um estômago saciado, um sexo atendido e as vaidades estimuladas...

No entanto, mesmo quando tal ocorrência vem de ser lograda, acompanhada de emoções estésicas, eis que o sonhador da roupagem carnal se depara com outro tipo de necessidade que deflui do espírito, no seu processo de reeducação pelo impositivo reencarnacionista.

O homem não são, exclusivamente, as suas necessidades orgânicas e emocionais que se enquadram na argamassa fisiopsicológica.

O berço e o túmulo representam, no processo da evolução, meios de que se utiliza a Sabedoria Divina para que o ser indestrutível entre e saia do corpo, adquirindo experiências, fixando aprendizagem, modelando caracteres, crescendo na fraternidade e santificando o amor, que arranca das expressões do instinto de posse para a sublimação através da renúncia e do sacrifício...

Concebendo a vida como um jogo fugaz de sensações, em que o homem dotado de recursos amoedados mais é feliz porque mais consegue, coloca todas as ambições no estreito condicionamento da posse material, que amargura, quando escassa e frustra, quando farta.

De forma alguma os valores de rápida aquisição conseguem produzir no homem a verdadeira harmonia, tendo-se em vista que, impelido pelo próprio instinto de preservação da espécie, se não vigia, mais ambiciona, quanto mais detém.

A posse, no entanto, de forma alguma faculta equilíbrio emocional. Quando é abundante, produz o receio da perda, estimulando a existência dos fantasmas do medo de perder a posição e os recursos que lhe significam a vida... E, quando é exígua, favorece a escravidão ao que se "gostaria de possuir", como fuga psicológica às inquietações quase sempre injustificáveis.

O homem deve arrimar-se nos valores éticos, que ele próprio constrói a pouco e pouco em si e à sua volta, compensando-se no ideal altruísta, com que desata as emoções superiores que lhe jazem em gérmen, crescendo moralmente e superando as injunções do cárcere físico, mediante cuja ascensão consegue a lucidez que lhe dá a perfeita visão da vida e lhe dilata os horizontes em torno do que lhe convém e do que deve fazer.

Situando as metas da existência além dos prazeres transitórios e frustrantes, irmanado à fé libertadora, com que se arma de resistências para a dor, para o mal, para os distúrbios de qualquer natureza, logra superar-se e plainar além de quaisquer vicissitudes negativas, através de cujo comportamento fruirá a real felicidade.

Não cobiçando mais do que lhe é lícito reter; não se afadigando em demasia pelas aquisições transitórias; não se antecipando sofrimentos advindos do receio do futuro; não vivendo exclusivamente para o corpo, os insucessos aparentes são convertidos em lições que o amadurecem para os próximos empreendimentos, fixando o bem em si mesmo, com que se

ala nos rumos do Bem Incessante após a vilegiatura orgânica, libertando-se das vestes físicas com a alegria do escafandrista que retorna à tona, concluída a tarefa feliz no seio das águas profundas...

A insatisfação que a tantos amargura, enferma e conduz a distonias de largo porte, pode e deve ser combatida através de uma pauta salutar de objetivos e de diretrizes evangélicas, conforme Allan Kardec extraiu dos conceitos morais das insuperáveis lições do Cristo, fazendo do Espiritismo o mais completo compêndio de otimismo e de sabedoria conhecido nos tempos hodiernos.

Reflexionando em torno dos valores reais, como dos aparentes, o homem de bem, inteligente, que sente necessidade de mais profundas e nobres aspirações para ser feliz, mergulha a mente e o sentimento no exercício do amor, em seu sentido mais elevado, defrontando a grandeza da vida e realizando-se por fim em paz.

25 A LEI DO TRABALHO

Multiplicam-se colocações sofistas, atiradas em oposição à Doutrina Espírita, falsamente apoiadas em suporte de aparente lógica.

Inquirem, não poucos negadores da sobrevivência do Espírito, sobre questões que gostariam de ver solucionadas, sem o contributo do esforço pessoal, que pertence à criatura humana.

— Por que — interrogam com inteligência — não se materializam os Espíritos, que tudo podem, à luz meridiana do dia, a fim de demonstrarem, sem sombra de dúvida, a imortalidade que dizem existir?

Por que não trazem, os Mortos, que podem penetrar no futuro, as fórmulas eficazes para acabar-se com as enfermidades que dizimam as multidões, minimizando as dores que se abatem coletivamente sobre os homens?

Porque os Orientadores da Humanidade não elucidam a patogênese das neoplasias malignas, nas suas variadas manifestações, modificando as paisagens da saúde, no planeta terrestre?

Por que os Benfeitores da criatura humana, já desencarnados, não apresentam fórmulas hábeis para os graves problemas da alienação mental, que atulha os Manicômios com seres que vegetam e milhões de outros que deambulam hebetados ou agressivos pelas avenidas e antros escusos da Terra?

Por que não apresentam os Guias do humano destino fórmulas parar a superpopulação, impedindo que se corporifiquem novas criaturas, mediante cujo comportamento evitariam as coletivas calamidades sociais, econômicas e morais, que estiolam dezenas de milhões de esfaimados e enfermos?

Por que os Instrutores Espirituais não atuam diretamente sobre os chefes de Estado, impedindo que os mesmos acionem as armas de guerra, com as quais domam Nações e vitimam incalculável número de criaturas?

As interrogações, que primam pelo comodismo mental, em processo de transferência de responsabilidade e ação, alongam-se em inumeráveis itens.

No entanto, as respostas se encontram no corpo da Doutrina que teimam por ignorar, a que não se permitem conhecer por meio do estudo nem da meditação.

O Espiritismo ensina, através da sua lógica de bronze, que a morte não modifica intrinsecamente ninguém.

Morrer, como reencarnar, significa sair do corpo ou entrar nele sem alteração real de valores morais e de comportamento pessoal.

Outrossim, elucida que não há fórmulas mágicas para soluções de ocasião, longe do esforço de cada qual e sem o contributo da ação de cada um.

O Espírito é o ser-base no corpo reencarnado ou fora dele pela desencarnação.

O que pretende a Doutrina Espírita é a transformação interior do ser, onde se encontre, assim crescendo em benefício próprio, como do seu próximo a serviço da vida.

O que aos homens cumpre realizar não se transfere para os Amigos Espirituais.

Realizassem os educadores as tarefas dos discípulos e os candidatariam à inutilidade, à ignorância...

Pelas suas conquistas e conforme as necessidades que lhe são compatíveis, permite a Divindade que, periodicamente, se corporifiquem como missionários da evolução e do progresso humano um Einstein e um Gandhi, um Pasteur e um Flemming, um Plane e um Miguel Ângelo, um Bach e um Francisco de Assis, ensinando beleza e conclamando à luta sem quartel do trabalho e da renovação pessoal.

A verdade, entre os homens, à semelhança de uma luz coada por vidros de tonalidades diferentes, varia muito. Nem todos a podem enfrentar e viver por enquanto.

Se milhões de criaturas defrontassem, ainda na carne, a face desmitificada da vida-além-túmulo, sem diálogos diretos com os imortais corporificados entre eles, enlouqueceriam de pavor, atirando-se a suicídios infelizes, em tentativas desditosas de fugas espetaculares da realidade...

Apresentassem os Espíritos respostas prontas para os problemas que fomentam o progresso, e a paralisia inutilizaria braços e mentes que se atrofiariam, perdendo a finalidade a que se destinam no mecanismo da evolução.

Os homens fruem conforme merecem, recebem de acordo com o que operam e colhem a sementeira deixada no passado.

No seu processo inevitável de crescimento, o Espírito, no corpo e fora dele, é o autor do seu destino.

Não são possuidores de toda a sabedoria os desencarnados. Se isso fora possível, em face do fenômeno puro e simples da morte, tornar-se-iam *deuses*, conforme as concepções da ortodoxia mitológica do pretérito.

Jesus é o Senhor que a todos nos emula, convidando- nos às conquistas superiores, portador, Ele sim, do conhecimento pleno.

Revelando-nos o Pai, em momento algum traiu desejo de igualá-lo, como a ensinar-nos a adorá-lo, na condição de Entidade máxima, e a Ele, nosso Mestre e Benfeitor, seguir imitando-o em todos os trâmites, através de cujo comportamento adquiriremos a paz.

Honrando o trabalho, como lei que fomenta a evolução, afirmou que também "o Pai trabalha até hoje", legando-nos a honra do serviço intransferível como suporte resistente para a vitória sobre as vicissitudes pessoais e a libertação de todas as conjunturas afligentes e dolorosas por nós mesmos engendradas.

26 TECNOLOGIA E O EVANGELHO

Ante o esplendor da Tecnologia colocada a serviço da comodidade humana, exaltamos, no Evangelho, a técnica profunda para a libertação do homem.

Não desconsideramos os preciosos recursos da ciência tecnológica aplicados para a decifração dos perturbadores problemas que vêm desafiando os séculos, na condição de enigmas aparentemente insolúveis.

Em face do aguçado olhar dos microscópios eletrônicos, foram surpreendidas colônias de organismos e vidas úteis e perniciosas, adentrando-se o homem na profunda mecânica das células, das moléculas, dos átomos e das expressões subatômicas; as grandes lunetas de radioastronomia detectam o agitar de "quasares" azuis e de Universos outros pujantes no Infinito dos espaços; pousam em outros mundos os engenhos interplanetários...

A Terra diminui de expressão, enquanto as distâncias desaparecem; os acontecimentos televisionados, via satélites artificiais, invadem os lares com expressivas cargas de informações rápidas que, de certo modo, aturdem as criaturas. Há conforto, música, beleza, ordem, limpeza e programação em quase todos os lugares do mundo.

Poder-se-á mesmo dizer que o triunfo tecnológico teria mudado as paisagens do planeta, não fossem as ermas ou frias, revoltadas, tristes ou miseráveis paisagens do mundo moral do homem, que prossegue, genericamente, sem rumo, no bártro das realizações exteriores.

Simultaneamente, o orgulho dizima os poderosos, que se olvidam dos fracos, enquanto necessidades sócio-econômicas aniquilam os pobres, que olham, revoltados, a abastança dos ricos...

Abraça-se a opulência com a miséria, não obstante as aparentes segregações. Todos, porém, sob o açodar de íntimas aflições sem nome, se arrojam a guetos de exteriores diversos, quais imensos abismos de angústias e sombras onde buscam os prazeres fugidios que os não saciam.

De um lado, a opulência vã, que não ultrapassa os limites das necessidades morais urgentes, e de outro, a frieza, a indiferença, o cansaço das criaturas que supõem haver conquistado o mundo, quando, em realidade, apenas triunfaram por fora...

As montras, que exibem os mais aperfeiçoados aparelhos eletrônicos, jóias sofisticadas, móveis de alto luxo, confundem-se com as que convidam ao sexo aviltado, em multiforme expressão, que escapa às imaginações mais exacerbadas — de inspiração procedente das

baixas regiões do Mundo Espiritual — , com os cassinos e bares onde as paixões e ilusões não conseguem evadir-se à constrição devastadora, antes abrindo brechas mais profundas...

Sob a mesma inspiração afoga-se a juventude no pântano dos tóxicos ou engaja-se, alucinada, às experiências da velocidade, da aventura, da criminalidade. E muito mais...

Não olvidamos os inestimáveis serviços prestados à saúde do corpo e da *psique*, que resultam das laboriosas conquistas científicas, expulsando enfermidades crueis e que cedem lugar a novas técnicas, aliás, raramente ao alcance das bolsas pouco nutridas dos aflitos.

A Ciência sem Deus é loucura e morte. A Tecnologia sem o apoio do Evangelho é passo largo para o desespero e a insensatez.

A Tecnologia melhora a forma, dá beleza, enquanto o Evangelho reforma o homem e dá-lhe sentimento.

A ciência tecnológica programa o mundo, enquanto a sabedoria evangélica edifica o homem que, renovado, modifica o mundo.

A primeira trabalha para o exterior; a segunda promove o interior.

Uma é claridade, atuando de fora para dentro; outra é luz, a exteriorizar-se de dentro para fora.

Para o materialismo não há saída. O futuro se encarregará de mudar-lhe as atuais estruturas conceituais e tecnológicas, impelindo o homem, inevitavelmente, para Deus.

Certamente, nenhum desdém pelas nobres conquistas do cérebro; todavia, sem a eloquente contribuição do sentimento renovado em Cristo Jesus, o homem não se encontra consigo mesmo, não indo além de uma forma bem equipada e perigosa, a caminho das sombras do túmulo.

Por isso, reverenciamos na Doutrina consoladora dos Espíritos a Ciência da crença, sob o Sol sublime que é Jesus, Astro de primeira grandeza a sustentar o equilíbrio do Sistema, fecundo e soberano, que espera por nós há milênios, sem pressa nem angústia.

27 TECNOLOGIA E CARIDADE

A empáfia materialista, ensoberbecida pelas conquistas da Ciência no desabrochar das suas investigações, fascinada pelas apressadas conquistas, investiu desesperadamente contra Deus e a alma, numa tentativa de *revanche* às perseguições sofridas graças à intolerância religiosa em épocas passadas...

Usando argumentação mal urdida, assacou contra o homem espiritual os seus mais violentos libelos, asseverando que o futuro da Humanidade seria tecnológico e que a criatura não teria necessidade de fé, nem de crença religiosa.

Os seus mais bem informados investigadores, atribuindo-se condições quase divinatórias, estabeleceram pseudo-seguras diretrizes para os dias provindouros, em que a alma, relegada a plano secundário, não mereceria qualquer respeito ou consideração...

Vaticinou-se um período de felicidade entretecido pelos postulados hedonistas, numa reação à "negação do mundo para a afirmação de Deus", dos pensadores religiosos de

antanho, ensejando a elaboração de colégios negativistas e dialéticos com que anelavam por realização superior.

Remoques ácidos e reproches amargos, em arrazoados de verbalismo apaixonado, foram atirados nos sentimentos de fé da criatura, estiolando-lhe as mais belas florações da alma.

Sem dúvida, as conquistas modernas lograram, através da Ciência, resultados dantes jamais sonhados. Céus e terras foram descobertos, ampliando as dimensões do Cosmo ao entendimento intelectual, enquanto a mãe- Terra, devassada em todas as direções, transformou-se numa "aldeia global" pequenina e quase inexpressiva ante a grandeza do Universo, que ao homem deslumbra e aturde...

Nas últimas décadas, as realizações dos laboratórios científicos ultrapassaram todas as expectativas e superaram todas as aquisições anteriores dantes logradas, mesmo que somadas...

O homem esteve investigando nos vários departamentos do corpo e da psique. Foi possível dilatar-lhe a vida, na Terra, ampliando-lhe as possibilidades de permanência no escafandro carnal. Transplantes de órgãos promoveram a técnica, microcirurgias audaciosas religaram vasos e delicadas colônias celulares, favorecendo a organização fisiológica... As realizações farmacológicas encontram antídotos para quase todas as enfermidades então conhecidas, alargando a existência planetária que nem sempre vem sendo utilizada com sabedoria.

Métodos de educação inovados, técnicas sociológicas e de serviço social, na promoção humana, têm sido apresentados em vitoriosas tentativas de oferecer felicidade, modificando a paisagem moral do planeta...

Nos mais diversos campos da Ciência, aliada à Tecnologia, o pensamento experimental tentou e conseguiu arrojados empenhos que ainda não são necessariamente conhecidos.

A Física Nuclear e a Ciência Atômica renovaram completamente os conceitos em torno da "partícula indivisível", propiciando extraordinárias descobertas e engenhos ainda não necessariamente controlados.

O utilitarismo temerário e tendencioso levanta usinas de fissão nuclear e atômicas para suprir as necessidades de energia, num momento de dificuldades crescentes a respeito de combustível para impulsionar e manter a máquina galopante do progresso... Não obstante, a arbitrária realização ameaça milhares e milhões de vidas que dela retiram conforto e comodidade; todavia, poderá padecer-lhe a lamentável contaminação destruidora.

É certo que há glória tecnológica; no entanto, simultaneamente, irrompem crescentes as misérias morais.

As ciências da mente, valiosas e bem estruturadas, não conseguem deter a onda terrificante das alienações e dos paroxismos que induzem ao suicídio.

O homem moderno, guindado às culminâncias exteriores, jorreada nos bátratos do mundo interior, insatisfeito e inquieto quanto aqueles que o precederam nas aventuras enobrecedoras.

Em verdade, cultivamos nas Ciências modernas altas expressões da Divindade para a felicidade e o progresso humano. Não há por que censurar-se o esforço de milhares de homens e de mulheres notáveis que se sacrificam até a exaustão nos laboratórios da investigação e da pesquisa, tentando melhorar as metas e realizações vigentes em benefício do ser.

... Todavia, o homem sofre.

Civilização não significa felicidade, tanto quanto técnica não representa aquisição de paz, pelo menos nos termos em que hoje se expressam.

Nos grandes centros, considerados supercivilizados, os altos índices de suicídio e de loucura são estarrecedores, isto porque o homem no sentido integral, embora apresentado numa expressão fisiológica, é mais do que uma máquina que elabora o pensamento. Esvaziado de ideais transcendentais, imortalistas, perde o rumo e tomba, inerme, nas depressões aniquiladoras, gênese dos suicídios espetaculares que atestam o primitivismo das bases da civilização, que é apresentada como o ápice das conquistas da razão...

O instinto de conservação da vida leva o ser animal a atinar com a rota a seguir e adverte-o dos perigos à frente...

O *homo sapiens*, sem embargo, na vacuidade das suas realizações, quando contrariado nas suas paixões, resolve-se por desfechar golpes na sociedade com ira e revolta, autodestraindo-se.

Por mais avançadas se expressem as conquistas modernas da inteligência, foi inoperante o tentame por matar a alma, apagar Deus da consciência individual e coletiva.

Mais do que nunca, a sede de Deus e as interrogações sobre o destino das almas após a morte se apresentam perturbadoras, demonstrando que as conquistas chanceladas de gloriosas não atenderam à ânsia de felicidade.

A resposta, única aliás, para a grande problemática, para as exulcerações que afligem a Terra, encontra-se no Evangelho de Jesus, conforme se depreende das leis morais, naturais, sintetizadas no amor, a mais expressiva de todas, porque emanada de Deus e por Ele sustentada.

"Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas", responderam os Espíritos Excelsos a Allan Kardec, quando este os interrogou a respeito da excelência da Caridade — o amor na sua mais alta expressão.

Quando o amor conduzir a criatura ao exercício da benevolência, à indulgência, ao perdão das ofensas, baterão do mundo, em retirada, os males que galvanizam a Humanidade e vergastam o homem, fazendo-o rebel e angustiado.

Progresso, no seu sentido profundo, representa sublimação interior fomentando as conquistas do enobrecimento com que se levantam os edifícios da felicidade em toda parte, apressando a renovação do mundo e a sua real estruturação no pensamento do Cristo, que prossegue no leme da nau terrestre, conduzindo-a ao seu sublime fanal.

Equivocam-se os que esperavam um mundo de felicidade externa, portanto, utópica, já que a mesma é resultado de uma consciência tranquila e um coração pacificado, que se derivam de uma consciência reta.

O tentame somente se dará quando insculpidos no imo da alma a benevolência, a indulgência, o perdão e o amor, num excelso poema sinfônico de Caridade, conforme a conceituava e a viveu Jesus.

28 EXALTANDO A CARIDADE

As águas do oceano político ainda estavam revoltas, quando nos céus se desenhavam as fulgurações do século XIX. Ouviam-se as turbas guerreiras do *Corso*, ampliando as fronteiras da França e levando, em nome do poder, o fantasma da guerra, do crime e da desesperação.

Gemiam as cidades ultrajadas, choravam as crianças em orfandade, lamentava-se a viuvez em desalinho.

Ao fragor, porém, das últimas conquistas marcadas pela contínua hecatombe, uma Era nova tem início.

Antes, as ideias fomentadas pelos enciclopedistas abriram horizontes novos à indagação; as ciências arrebutaram os elos que as escravizavam nos porões escuros, redutos sombrios da ignorância triunfante.

A Filosofia abriu portas a novas perquirições e a Religião afrouxou as rédeas do pensamento, depois que a razão lhe aniquilara as velhas fábulas...

Ensaivavam-se conquistas nobres em todos os campos do cientificismo. Concepções antes achincalhadas recebiam a confirmação da Ciência que, em campo livre, podia examinar as hipóteses que lhe estavam ao alcance.

Luzes coruscavam nos céus do período que surgia esplendoroso.

... E o século XIX, que veria a navegação a vapor, a telegrafia e a telefonia, o átomo ser perseguido, a homeopatia triunfar, as concepções imponentes de Darwin, de Wallace, provocarem escândalo; que receberia o sol grandioso do Esperanto abraçando o mundo através da língua da fraternidade, que acompanharia o sacrifício de Pasteur, Koch, Hansen, na rude caça aos micróbios; de Semmelweis, incompreendido e abnegado; do casai Curie detectando o rádio; também recebeu dos céus, em Allan Kardec, o patriarca da era, a mensagem do Espiritismo ditada pelos Imortais, a fim de enobrecer a Ciência, aclarar a Filosofia, iluminar a Religião e exaltar a Caridade, porquanto Espiritismo, antes de tudo, é Nosso Senhor Jesus Cristo de braços abertos retornando ao seio da criatura humana.

Como outrora pelos caminhos da Palestina, quando abria os olhos aos cegos, lavava lepra, dirimia conflitos, cicatrizava feridas, curava paralisias, libertava os corações escravos do crime, alçava ao trono da honra as consciências entenebrecidas, purificava os seres infelizes com o banho da fé verdadeira, ressurgiu Jesus, em pleno fulgor do século XIX, para medicar as úlceras das idas eras de negação cristã, quando o homem, então cansado de sofrer, com o cérebro devorado pelo orgulho dos descobrimentos, honrava a máquina e desdenhava o

sentimento, precisava, mais do que nunca, de mão segura para conduzi-IO pelos milênios porvindouros.

No Espiritismo renasceu, abençoada, a caridade nobre e pura, a fim de consolar as vítimas da vaidade nos seus altos vôos pelos céus descampados do cepticismo e da negação.

Graças à harmonia da celeste musa, o século XX que ora apresenta tão nobres quanto dantescos quadros, na civilização moderna, não está fadado à destruição para a espécie humana, conforme se esperava e as tradições ensinavam, porque a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo volve a enriquecer o mundo com valores dantes não conhecidos: uma fé sem dogmas, uma Religião científica, uma ciência filosófica...

Espíritas, filhos da fé, cantai em toda parte o vosso hino de amor! Plantai em todos os solos as sementes sadias do Evangelho, enriquecendo de dádivas os celeiros do amanhã.

A era da máquina prenuncia o evo do Espírito. Os dias que virão serão os mensageiros do reino triunfante, preconizado pelo Evangelho.

Vivei a caridade excelsa, e servi desinteressadamente à multidão que caminha sem rumo, em nome do Senhor.

A Doutrina Espírita, que nos enriquece a vida, engalanando vossas almas, é o próprio Jesus, na feição do Consolador, que esperávamos desde o começo.

Ide e amai! O mundo espera por vós!

29 LIÇÃO DE VIDA

Por mais grandiosa e deslumbrante, a obra material humana marcha, inexoravelmente, para a destruição...

Os monumentos suntuosos, os edifícios imponentes, desafiadores, padecem o impositivo do tempo, das condições mesológicas, o desgaste e, ainda, das humanas paixões que, açuladas pelos ódios, nas guerras de extermínio, voltam-se contra eles, reduzindo-os a amontoados de pedras e os seus metais liquefeitos transformados em outros sonhos corporificadores de transitória realidade.

Mármore e granito, alabastro e ônix, bronze, ferro, ouro e gemas raras arregimentados para imortalizarem os fastos da História, os momentos de glória de homens e povos são transferidos de mãos, sofrem atentados, desaparecem... Ressurgem contando a história do passado, descobertos pelos seus antigos construtores e possuidores reencarnados, passando aos museus-santuários e templos- museus, onde a mensagem da forma substitui a do espírito, esta última, sem dúvida, mais duradoura, imperecível.

Tenha-se em mente, por exemplo, a mensagem da revelação espiritual dos tempos, que não obstante a descabida vaidade humana assumiu forma através de ídolos, altares, templos... O Cristianismo primitivo não poderia ficar indene ao culto da forma, como veio a ocorrer após Constantino.

Os templos pagãos foram readaptados, os metais refundidos e as imagens tiveram linhas fisionômicas apenas diversificadas, mantendo-se as mesmas imposições da dominação idólatra em que o homem se compraz.

Os tempos e a arte enriqueceram as Igrejas e os palácios, que se tornaram depositários da beleza, exaltação da forma, da opulência, na razão direta em que o espírito sucumbia...

Tudo se fazia em nome da fé, do poder, da glória, o que ainda se pretende fazer nestes dias de transição.

Muito justo que a arqueologia traga da noite do passado os alicerces das antigas civilizações e culturas, que se resguardem os tesouros da arte dos tempos, que se reúnam os despojos dos séculos em galerias e museus, igrejas e palácios; todavia, que não seja esquecida a criatura humana em si mesma, sua vida, seu valor como "gente", na estruturação de uma Humanidade melhor, mais feliz.

E não foi outra a preocupação do Cristo, senão a de convocar as mentes e os corações para os inalienáveis deveres.

Com a preocupação do exterior, ficam esquecidos os compromissos impostergáveis para com o ser em si mesmo. A azáfama de fora oculta ou distrai os difíceis labores internos de sublimação pessoal, de caridade e de fé renovadora.

Por isso, Jesus preferiu a Manjedoura, na sua singeleza e na sua realidade efêmera, a fim de iniciar o ministério, culminando-o na tragédia da cruz, rapidamente desmontada e esquecida...

Mas o conteúdo de Sua Mensagem perdura, inalterável, na verdadeira lição de vida eterna...

Combatida acirradamente pelo cepticismo e pela vacuidade humana, adulterada e confundida, Sua lição de amor tem sido, no entanto, o estímulo à vida de milhões de criaturas.

Não passarão suas palavras — conforme Ele próprio acentuou —, embora não fique das edificações da humana vaidade "pedra sobre pedra que não seja derrubada".

Antes, as arenas, as perseguições, as injustiças que ameaçavam os discípulos do Evangelho levavam-nos à honra do martirólogo e da glorificação... Hoje também. Com uma diferença: aquela, a morte em holocausto pela fé se fazia rápida, imediata, à exceção das penosas e excru-

cientes torturas promovidas pela impiedade, enquanto agora o testemunho é lento, sutil, agravado pelo transcorrer do tempo, injunções da emoção, da saúde, das circunstâncias, martirólogo redentor de que sairão livres os lídimos trabalhadores da "última hora", para rumarem felizes na direção da paz e da plenitude. Silêncios homéricos, renúncias espartanas, vigilância permanente contra o mal que reside em nós próprios, fazem-se indispensáveis para a realização das metas cristãs na Era Nova.

Grandes, colossais construções, monumentos de arte causam pasmo, deslumbramento, raramente sensibilizando almas, enquanto o Evangelho liberta e felicita.

Edificar, portanto, o Cristo vivo no templo do coração — humana materialização do templo da Natureza, bem diverso daquele de Jerusalém ou do Monte Garizim, a que se referiu no

inesquecível diálogo com a mulher samaritana eis o grande desafio da atualidade, a fim de ser revivido e restaurado o Evangelho em toda a sua grandiosa eloquência, no firme objetivo de tornar o mundo melhor.

Para tal cometimento, Jesus, que se encontra, pelas suburras do mundo, lenindo a dor, conta com todos nós, desencarnados e encarnados, que deixamos as igrejas, os monumentos, os templos e palácios para a arte, a história, a cultura, correndo apressadamente em socorro do homem, que se está esvaindo e deperecendo à míngua de amor, com os olhos fitos nas realizações exteriores do passado e sem vitalidade nova por dentro.

30 O SUCESSO

Em boa sinonímia, sucesso significa bom êxito, resultado feliz, no empreendimento encetado.

O sucesso, no mundo, não raro, faz-se acompanhado de complexas injunções de amargura e insatisfação.

O sucesso, na condição tradicional de triunfo exterior, dificilmente resulta da conquista dos valores legítimos, que compõem o quadro da felicidade real, digna de assim ser considerada.

Afadigando-se por conseguir alcançar a meta que se condicionou significar como êxito, o homem desprevenido e ambicioso atira-se por lográ-la, sobraçando problemas que o atormentam, sem dar-se conta do impositivo de os solucionar um a um, antes que arrojá-los à indiferença, no pressuposto de que importante somente é o objetivo perseguido.

Quando se culmina o sucesso através das arbitrárias colocações, pelo apressar dos desejos e represar das disposições de enobrecimento, esse triunfo é utópico, fantasioso, atormentador.

O patamar da glória, assim alcançado pela precipitação, quase sempre converte-se em alçapão que se abre, traiçoeiro, arrojando os seus conquistadores em sombrios abismos de dor, que os estiolam, amargurando-os demoradamente.

A escalada do sucesso, para ser verdadeira, deve realizar-se a penates de amadurecimento emocional e por meio das aquisições relevantes da paz íntima, com que vencerá cada etapa até o momento da culminância, que certamente, na Terra, nunca se consegue... Isto porque o apogeu humano é um passo sempre inferior à realização do Espírito, tendo em vista a sua próxima libertação dos condicionamentos carnis, como das ambições do carro físico...

O sucesso terreno normalmente faz-se sucedido de desaires, quando não do rememorar das condições que alçaram o conquistador ao estrelato que fulge e logo se apaga, melancolicamente, entre olvidos e descréditos.

Posição econômica, realização social, triunfo político, glória artística, exaltação cultural, são trâmites que não preenchem o ser inteiramente, porque a própria ambição atormenta o vencedor das conquistas mundanas de um lado, pelo medo de perder o lugar que domina, numa permanente competição, por outra razão em face dos impositivos do envelhecimento

orgânico, das enfermidades, fenômenos naturais que tornam o homem vulnerável à realidade da própria vida.

Enquanto dura o sucesso, a bajulação trêfega, bem como os rendimentos ilusórios, em forma de vantagens para os seus corifeus, presentes e sempre vigilantes para a debandada, tão logo se apaguem ou diminuam de brilho as lâmpadas da celebridade que desce, em declínio.

O amor à arte, aos ideais de enobrecimento, ao labor de edificação do bem, ao mister da ação relevante, confere o sucesso na instância da permanência pelo descortinar dos horizontes não atingidos e quiçá não atingíveis numa só vida, que os desafiam a insistir na usança dos métodos verdadeiros do bem com que se extasiam e triunfam...

O sucesso que se não insculpe nos metais sublimes da alma constitui verdadeiro equívoco a que se permitem as criaturas, sem se darem conta da errônea colocação.

Talvez, por sabedoria divina, os verdadeiros triunfadores no campo da arte e da ciência, dos valores éticos e das conquistas do espírito não foram compreendidos em vida pelos seus contemporâneos, ressalvadas nobres exceções, que não invalidam a regra geral. Pugnadores pelas excelentes láureas do bem, mergulharam nos dédalos da ação, renunciando aos equívocos testemunhos da admiração popular, sofrendo, ao inverso, a chalaça e o azedume, a incompreensão como o desprezo geral, estímulo com que se motivavam à afanosa realização do bem que objetivavam para o próximo, à sociedade antes que para si mesmos.

Desincumbiram-se com galhardia das tarefas que abraçaram e transferiram para o além as condecorações que os mantiveram firmes, na ação construtiva: a consciência tranquila, o objetivo logrado, o amor pela felicidade geral.

O sucesso, no entanto, que agita e emociona as mentes e os sentimentos comuns são a aquisição de moedas; a famigerada governança mediante os métodos da ilicitude, quando falecem os recursos próprios; a posição que estimula a inveja e concede permissão para abusos dos gozos extravagantes, comburentes, nos quais se consomem os próprios aficionados...

Sucesso real é termo base que se completa com harmonia interior na equação dos problemas da vida.

Bem "sucedidos" passaram pelos séculos os dominadores de povos, que a morte consumiu; os poderosos das finanças, que a velhice desarticulou; os adoradores da beleza, que a enfermidade modificou; os cultivadores do sexo, que o cansaço enlouqueceu; os fundadores de dinastias financeiras, que se envileceram; os arbitrários ases que submetiam destinos para facultar-lhes oportunidades, que ficaram na memória da animosidade geral; os "imortais", que a cessação da vitalidade orgânica levou ao túmulo em precário estado, para uma consunção dolorosa e um despertar tenebroso, na vida-além-da-vida.

Entre Jesus e Pilatos o sucesso estava com o último; na demanda pelo reino, César parecia superar o Cristo e, todavia, esses triunfadores de um dia passaram, enquanto o Senhor

da Vida prossegue na governança das consciências e da Terra, ensinando, com sabedoria: "Lembra-vos de mim: eu vend o mundo!"

Sucesso é a vitória que o homem logra quando vence as próprias paixões e o mundo.

As outras são as glórias infantis, do corpo putrescível, acionado por um Espírito ansioso, que ainda não se resolveu alcançar o verdadeiro sucesso, único, aliás, que lhe não será tirado nunca nem jamais deperece: a plenitude da paz!

31 CORAGEM E VALOR MORAL

A coragem real impele à ação contínua e tranquila. A temeridade, a seu turno, confundida com a coragem, conduz ao desequilíbrio e à intemperança.

O valor moral, porém, responde pelas conquistas do sentimento e da inteligência, nos relevantes tentames da Humanidade.

Colombo, enfrentando os mares procelosos na busca de novas terras, atestava a coragem de que se encontrava possuído.

Francisco de Assis, arrostando as consequências da sua renúncia, refletia o valor moral de que se encontrava possuído.

Santos-Dumont, pilotando o "mais pesado que o ar", diante de uma multidão entusiasmada, se encontrava emulado pela coragem do homem construtor do futuro.

Edite Cavei, preparando suas jovens enfermeiras para o ministério da saúde, ao caminhar para o fuzilamento infamante, refletia o valor moral que a sustentou até o último instante, estoicamente.

O homem corajoso joga a vida numa experiência.

O homem valoroso padece o ideal a que se doa por toda uma existência sem receio ou hesitação.

A coragem responde pela bravura.

O valor moral se revela mediante a perseverança.

Átila, na sua volúpia guerreira e sanguinária, exteriorizava a loucura, que os seus seguidores interpretavam como coragem e destemor.

Jesus, porém, acima de todos os homens, como protótipo do triunfador verdadeiro, através dos séculos, tem sido o mais eloquente exemplo de valor moral-espiritual de que se tem notícia.

Coragem, pois, para a luta. No entanto, valor ante as vicissitudes e sofrimentos, para colimar os superiores objetivos da vida.

32 ORAÇÃO E VIGILÂNCIA

O homem respeitoso, que curva o corpo no arado e sulca o seio virgem da terra, ora, porque arando está também orando.

A mulher, que se ergue e, tomando das mãos do pequenino, condu-lo através da experiência do alfabeto, ora, porque ensinar é orar.

O jovem, que renuncia à comodidade do prazer e oferece suas horas ao ministério sacrossanto da enfermagem, ora, porque atender à dor alheia é também orar.

O homem, que empreende a luta pela aquisição honesta do pão que lhe honra a estabilidade doméstica, ora, porque no cumprimento dos deveres morais também se está em prece.

Quem, buscando a fonte generosa, distribui água refrescante, ora, porque matar a sede do aflito é também orar.

Há, entretanto, fora do trabalho, uma forma diferente de orar.

A natureza é um templo, no qual o coração se faz altar, convidando o ser à comunhão com a vida.

Todo aquele que, depois da prece-ação, continua sentindo sede interior de paz, abandone, por momentos, o tumulto do mundo e mergulhe as antenas mentais no oceano de magnificentes cores da Natureza e repita no ímo, em murmúrio, a oração dominical, para receber da Divindade alento e força para a jornada na qual, muitas vezes, o coração desfalece enfraquecido. Ouvirá, então, no interlúdio, a voz do Senhor, mantendo com a alma ansiosa um diálogo e colocando uma ponte no abismo que a separa do seu Criador.

A boca, na disputa verbalista, que é tentada ao revide e silencia, humilde, *vigia*, porque calar uma ofensa é repetir um pequeno curso de vigilância.

A mão que, em se levantando para apontar um ofensor, na via pública, dobra-se reverente, quedando-se caída, *vigia*, porque não acusar é exercer vigilância em si mesmo.

A alma, que despedaça a cólera aninhada no coração e que antes se dispunha a saltar perigosa sobre o agressor ao seu alcance, *vigia*, porque perdoar o crime é colocar-se em vigília.

Os dedos nervosos, que ao tomarem da pena para escrever um libelo, no qual, em se defendendo acusam, indo, inadvertidamente, cometer o mesmo erro, mas, no justo momento do revide, espalma a mão sobre o papel alvo, conferindo ao tempo a oportunidade de esclarecimento, *vigia*, porque não revidar golpe com golpe é exercitar a experiência da vigilância.

Há, ainda, uma vigilância pouco exercitada e recomendada pelo Senhor, que é aquela que convida o crente a conduzir a alma de tal maneira, que se não deixe contaminar pelo veneno do mundo, mesmo quando os fortes elos das tentações se unirem em cadeia vigorosa, ameaçando despedaçar a atividade das boas intenções.

— "Está alguém entre vós aflito?" — indaga o apóstolo Tiago — "Orei!"

E o Divino Mestre recomenda: "Vigiai e orai, para não cairdes em tentação".

33 AOS DIFAMADORES DO ESPIRITISMO

Difamadores sempre os houve.

Jactanciosos e parvos transitaram, insolentes e atormentados, pelas páginas da História. Acomodados ao narcisismo pecaminoso ou feridos nos brios da insensatez, assumiram

atitudes quixotescas com que pretendiam lutar contra os moinhos de vento que a ilusão transformava em fantasmas ameaçadores.

Não obstante, açulados pela ira ou vencidos pela mordacidade em que se compraziam, arremeteram, furiosos e trêfegos, contra as construções superiores, sem, no entanto, conseguir obstar-lhes a marcha nas trilhas da evolução.

Jazem, hoje, todos eles, porém, no olvido, na condição de seres vencidos por caprichos inferiores, embora a seu tempo se hajam constituído estímulos para os veros trabalhadores dos ideais, como para os mártires das causas nobres da Humanidade.

Falsos cultores da verdade atribuíam-se o direito de fiscalizar os postulados superiores da vida, como se estes não possuíssem *subtractum* para a própria sobrevivência, medrando do imo para fora sem a necessidade da vigilância e da estroinice desses perdulários das causas vencidas, das paixões mesquinhas.

Lutaram contra a Ciência e, todavia, passaram à posteridade como réprobos. Apresentaram filosofias chãs e, apesar disso, asfixiaram-se na inutilidade. Dominaram nas religiões das mentes tardas e se enquistaram na ignorância, girando em círculo fechado de negociatas e vulgaridades comprometedoras.

O Espiritismo não poderia ficar indene à sanha deles. Todavia, cem anos já transcorreram sem que a água lustrai das fontes divinas de que procede recebesse do chavascal em que chafurdam os maus as nódoas que colocam nas próprias mãos.

Não os valorizemos, perdendo o tempo sadio em discussões inoperantes, em forma de lutas verbais com que pretendem distrair-nos, perturbando a atenção dos neófitos...

Muitos espiritistas imprevidentes e receosos, ante aqueles detratores, auscultam os céus e rogam que fenômenos contundentes venham testificar a procedência da verdade, olvidando que procedem de tempos imemoriais as manifestações mediúnicas de todo porte sem resultados mais eficazes.

Médiuns, portadores de faculdades espocantes e fenômenos bombásticos, sacudiram os alicerces da história dos povos sem conseguir modificar-lhes a planificação, dirigindo-os ao bem e à paz. No entanto, a balada que se escutou numa manjedoura e não silenciou numa cruz, toda feita de harpejos-atos e de modulatas-ações, conseguiu modificar os rumos do pensamento universal, conclamando ao amor, à concórdia, à dita.

Homens-fenômenos transitaram pelo incessante suceder dos evos e mensagens retumbantes estiveram presentes nos fastos de todos os séculos. Todavia, o conteúdo moral da Doutrina Espírita fez-se a pedra angular sobre a qual se alicerçam os ideais nobilitantes do porvir, conclamando o homem a voltar às origens do Cristianismo puro neste dealbar dos tempos novos, com o coração tranquilo e a mente asserenada.

Homens notáveis em comissões de sábios exigentes, cientistas de nomeada, pensadores de realce, têm-se dobrado sobre os fenômenos mediúnicos para atestar-lhes a legitimidade após exaustivas experiências.

Foi Allan Kardec, porém, o Embaixador encarregado de dirimir os equívocos, em nome do "reino de Deus", quem lhes penetrou o bisturi dos sentimentos elevados para 120

retirar, do corpo das informações, a ética viva dos postulados de Jesus, restabelecendo, no bátrio das anotações de gabinete científico, a mensagem exuberante do Consolador Prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo. E estua, hoje, excelente a filosofia superior do Espiritismo conduzindo milhões de seres aos portos da felicidade.

Ante os modernos difamadores, julgando-se representantes da Ciência oficial ou acobertados por nomenclatura confusa, petulante e sem significação, cuidemos de preservar a limpidez do contexto doutrinário porque, embora a respeitabilidade da fenomenologia mediúnica, devemos cuidar do fenômeno da transformação moral de cada um de nós que, acima de tudo, é a mensagem mais importante contida nas lições luminescentes do "Espírito de Verdade" como desafio que não podemos postergar.

Fenômeno consentâneo aos dias tormentosos do passado, a insensatez campeia em todos os quadrantes da Terra, em nossos dias, esperando os investimentos da verdade contra a ignorância e a má vontade. Assim, também, se encontra invadida pela pertinácia de ideais frustrados e de convicções superadas pelos modernos opositores e detratores que nada poderão como nada puderam os fariseus e adversários do Cristo que O detiveram numa cruz, esquecendo-se de que nas duas traves em que Ele balouçava, seus braços estavam abertos numa atitude generosa de confraternização universal, como tivera, antes, ensejo de enunciar: "E quando eu for erguido, atrairei todos a mim."

Erguidos na cruz da infâmia e da perseguição ou abraçados ao madeiro dos sofrimentos redentores, alçar-nos-emos à glória solar, demandando ao "país da paz" depois do nosso dever cumprido, enquanto os difamadores ficarão na retaguarda, acusando e acusando-se, na expectativa da nossa caridade e da misericórdia do Senhor.

34 ESPIRITISMO E RITUAIS

Pessoas bem intencionadas, no entanto, desinformadas, que se adentram no Movimento Espírita, surpreendem-se, graças ao atavismo de que são vítimas, trazido das ortodoxias religiosas do passado, por não encontrar práticas do culto externo, cerimoniais, comemorações rituais a que se acostumaram como mecanismo de apoio, fazendo crer que a falta de tais comportamentos impede a adesão em massa ao Espiritismo por parte das criaturas humanas.

Outros insistem, embora forçados em propósitos, que lhes parecem salutares, mas que resultam perniciosos, em promover, arremedos ritualísticos, em torno de *sacramentos*, sem qualquer valor à luz do Espiritismo, como batizados, núpcias, comemorações de noivados e outros, com que se supõem credenciados a conceder bênçãos, intercessões poderosas, sem se darem conta do grave risco do ridículo a que se expõem, no justo momento em que o Romantismo se despe dos atavios, tentando abandoná-los por absoluta desnecessidade de tais exteriorizações.

Lamentavelmente, o culto externo se encontra ínsito no homem, graças ao passado religioso donde provém, desde os tempos primeiros, em que a idolatria e a superstição lhes constituíam a forma de adoração.

Explorado na fé ingênua, de certo modo, por Espíritos zombeteiros que lhe impunham a medo as práticas esdrúxulas, sente aparente necessidade de apoio de tal monta, a fim de se firmar na convicção espiritual como se esse comportamento, em verdade, constituísse condição basilar.

São dignas de respeito todas as formas de culto, quanto as mais diversas expressões religiosas.

Não obstante, o Espiritismo é a Doutrina da libertação, que promove o homem, responsabiliza-o e o dignifica, auxiliando-o no empreendimento da renovação íntima e do seu crescimento para Deus.

Demonstrando que cada qual são as suas ideias, comportamento mental e atitudes, não as aparências, elucida que as fórmulas e as palavras destituídas do apoio do exemplo não trazem qualquer conteúdo de força moral, portanto, sem qualquer valor, se examinadas do ponto de vista espiritual; trabalha os recursos íntimos do discípulo que o estuda e o pratica, favorecendo-o com uma perfeita visão em torno da vida e de como conquistá-la; aclara que a Terra é Escola transitória e que as exterioridades deperecem quando sucumbe o corpo, não acompanhando o Espírito na vilegiatura transcendental para a qual todos rumamos...

Recordando o Evangelho, na sua ética moral austera, o Espiritismo isola as complexas colocações negativas do comportamento humano diante do processo evolutivo, sem imiscuí-las no seu corpo de Doutrina.

Os discípulos de Jesus, encarregados da vivência e do ensino da Boa Nova, no começo da divulgação, deixaram bem definidos os rumos do antigo Moisaísmo, das doutrinas locais que defrontavam durante as viagens de pregação, conservando puro o ensino do Mestre, que se não compadece dos enxertos que tentam impor-lhe, a ponto de aceitá-los...

Sem dúvida, a Mensagem Espírita é dirigida ao homem, ao povo em geral, mas não tem o objetivo de competir no emaranhado do proselitismo imediatista, nem da atração de crentes para fins estatísticos.

O conteúdo religioso do Espiritismo de forma alguma aceita as excentricidades elaboradas e estabelecidas pelos religiosos, já que se fundamenta em valores metafísicos: Deus, a alma, a prece, a divina justiça, o amor ao próximo, a caridade, e não na mecânica formal de vivenciar-se esse culto, que deve ser sempre íntimo sem qualquer ruído ou propaganda bombástica, impressionante.

O conhecimento espírita impregna o aprendiz de vigilância e fá-lo identificar-se com os títulos superiores do enobrecimento pessoal, sem que se distancie das demais criaturas com as quais deve progredir, por mais difíceis estas se lhe apresentem.

Não há lugar, no Espiritismo, para cerimônias, liturgias, formalismos ou cultos, práticas miraculosas, todas herdadas das Crenças do passado.

Allan Kardec, sob a superior direção das "vozes do Céu", com o escrúpulo que dele fez o discípulo por excelência, selecionou do próprio Evangelho a "doutrina moral", a que estava indene a qualquer interpolação, enxerto, adulteração ou perigo de tradução deficiente ou

proposital, que perseguisse interesses subalternos, a fim de que pudesse resistir a quaisquer dúvidas e sistemas filosóficos sofistas ou negadores.

Porfiem, os espíritas sinceros, na prática correta da Doutrina, sem se deixarem iludir com perspectivas de abrangentes conversões por arrastamento das massas, sob o grave deslize da tentativa de adaptar a Doutrina às circunstâncias e aos interesses dos grupos transitórios.

Sem intolerância, mas com segura coerência, vigiem-se os desvios que atraem, porque a Doutrina, como se encontra, não sofrerá perigo de alteração, de enxertia, podendo, porém, o Movimento, no qual os homens atuam, sair da trilha de segurança, responsabilidade e limpidez com que os Espíritos Superiores ofereceram o Consolador ao apóstolo de Lião e este o transferiu para a posteridade sem qualquer receio, embora reconhecendo a fragilidade das criaturas que iriam ser legatárias desse tesouro valioso, que é o Espiritismo, a Doutrina que fomenta o homem integral e que guiará a Humanidade para o fanal a que se destina: a perfeição!

35 ESQUISITICES E ESPIRITISMO

Ressumam com frequência nos arraiais da prática mediúnica esdrúxulas superstições que tomam corpo, teimosamente, entre os adeptos menos esclarecidos do Espiritismo, grassando por descuido dos estudiosos, que preferem adotar uma posição dubitativa, à coerência doutrinária de que sobejas vezes deu mostras o insigne Codificador.

Pretendendo não se envolver no desagrado da ignorância que se desdobra sob a indumentária de fanatismos repetitivos, alguns espíritas sinceros, encarregados de esclarecer, consolar e instruir doutrinariamente o próximo, fazem-se tolerantes com erros lamentáveis, em detrimento da salutar propaganda da Doutrina de Jesus, ora atualizada pelos Espíritos Superiores. A pretexto de não contrariarem a petulância e o aventureirismo, cometem o nefando engano de compactuarem com o engodo, desconcertando as paisagens da fé e, sem dúvida, conspurcando os postulados kardecistas, que pareceriam aceitar esses apêndices viciosos e jargões deturpadores como informações doutrinárias.

É natural que a expansão de qualquer ideia de enobrecimento experimente a problemática da superfície em oposição ao valor da profundidade, empalidecendo momentaneamente. Como consequência, todo ideal que se desenvolve celeremente sofre o perigo de desgaste e desfiguração, caso não se precatem aqueles que se tornam propugnadores das visualidades e ensinamentos do mesmo, especialmente com o porte que caracteriza a Doutrina Espírita.

De um lado, é a ausência de estudo sistemático, de autodidatismo espiritual, haurido na Codificação, de atualização doutrinária em face das conquistas do moderno pensamento filosófico e tecnológico; doutro, é o desamor com que muitos confrades, após se adentrarem no conhecimento imortalista, mantêm atitude de indiferença, resguardando a própria comodidade, por egoísmo, recusando-se a experimentar problemas e tarefas, caso se empenhassem na correta difusão e no eficiente esclarecimento espírita; ainda por outra circunstância, é a falsa supervalorização que se atribuem muitos, preferindo a distância, como se a função de quem

conhece não fosse a de elucidar os que jazem na incipiência ou na sombra das tentativas infelizes; e, normalmente, é porque diversos preferem a falsa estima em que se projetam ilusoriamente a desfavor do aplauso da consciência reta e do labor retamente realizado...

... E surgem esquisitices que recebem as manchetes do sensacionalismo da Imprensa mais interessada na divulgação infeliz que atrai clientes, do que na informação segura que serve como luzes do esclarecimento eficiente.

Médiuns e médiuns pululam nos diversos campos da propaganda, autopromovendo-se, mediante ridículos conciliábulos como "*status*" de fantasias vigentes no bátrio em que se converteu a Terra, sem aferição de valores autênticos, com raras exceções, conduzindo, quase sempre, a deplorável vulgaridade a nobre Mensagem dos Céus, assim chafurdando levemente nos vícios em que incorrem. Fazem-se instrumentos de visões extravagantes e dizem-se dialogando com anjos e santos desocupados, quando não se utilizando, ousadamente, dos venerandos nomes do Cristo e de Maria, dos Apóstolos e dos eminentes sábios e filósofos do passado, que retornam com expressões da excentricidade, abordando temas de somenos importância em linguagem chã, com despautérios, em desrespeito pelas regras elementares da lógica e da gramática, na forma em que se apresentam. Pareceria que a desencarnação os depreciara, fazendo-os perder a lucidez, o patrimônio moralintelectual conseguido nos longos sacrifícios em que se empenharam arduamente. Prognosticam, proféticos, os fins dos tempos chegados e, imaginosos, recorrem ao pavor e à linguagem empolada, repetindo as proezas confusas de videntes atormentados do pretérito, atormentados que são, a seu turno, no presente.

Utilizando-se das informações honestas da Ciência, passam à elaboração de informes fantásticos, fomentando débeis vagidos de "ciência-ficção", entregando-se a debates e provas inexpressivas retiradas de lacônicos telegramas das agências noticiosas, com que esperam positivar seus informes sobre a vida em tais ou quais condições, nesse ou naquele Planeta do Sistema Solar, ou noutra galáxia que se lhe torne simpática, como se a Doutrina já o não houvera oportunamente conceituado com segurança a questão, à Ciência competindo o labor de trazer a sua própria afirmação, sem incorrerem os espiritistas no perigo do ridículo desnecessário.

Outras vezes entregam-se à atualização de antigas credices e feitiços, enredando os neófitos em mancomunicações com Entidades Infelizes ainda anestesiadas pelos tóxicos da última reencarnação, vinculadas às impressões do em que acreditavam e se demoram cultuando... Estimulam, assim, o vampirismo, inconsequentes, aumentando o número de obsidiados, por meio de conúbios nefários em que padecem demoradamente...

Receitam práticas estranhas e confusas, perturbando as mentes que se encontram em plena infância da cultura como da experiência superior, tornando-se chefes e condutores cegos que são, a conduzirem outros cegos, conforme a lição evangélica, terminando por caírem todos no mesmo abismo...

O Espiritismo é simples e fácil como a verdade quando penetrada.

Deixá-lo padecer a leviana aventura de pessoas irresponsáveis, ingênuas ou malévolas, é gravame de que não se poderão eximir os legítimos adeptos da Terceira Revelação.

Como não é lícito fomentar debates ou gerar discussões improdutivas cabem, frequentemente, sempre que possíveis, as honestas informações entre Doutrina Espírita e Doutrinas Espiritualistas, prática espírita e práticas mediúnicas, opinião espírita e opiniões medianímicas, calcadas na Codificação Kardequiana, que delineou, aliás, com muita propriedade, as características do Espiritismo, conforme se lê na *Introdução* de "O Livro dos Espíritos", estando presente em todo o Pentateuco, que desdobra os postulados mestres em incomparáveis estudos de perfeita atualidade, a resistirem a todas as investidas da razão, da técnica e da fé contemporâneas.

A função de terapia moral do Espiritismo é incomparável. Tomá-lo reduto de banalidades e imediatismos, convertendo-o em mesa farta de frivolidades, seria conspurcá-lo dolosamente.

Doutrina comportamental imprime nos adeptos integridade e dignificação, constituindo rota e veículo de progresso a todo aquele que aspire mais fecundos horizontes, ambicionando perspectivas mais felizes para si e para o próximo.

Aprofundar, portanto, estudos, no seu organismo doutrinário, é dever de todo espírita consciente, que passará a lecioná-lo, como decorrência do auto-aprimoramento, com segurança e lucidez, não permitindo que a urze do absurdo ou o escalracho da fantasia se lhe imiscuam, gerando dificuldades compreensíveis nas mentes necessitadas e nos espíritos sofridos que pululam em toda parte, sedentos da água viva do *Consolador Prometido*, que já se encontra na Terra há mais de um século, inaugurando o período de felicidade que se avizinha e de que nos deveremos constituir pioneiros, pela forma como apresentarmos e vivermos o Espiritismo com Jesus.

36 NA DIVULGAÇÃO ESPÍRITA

Face à ciclópica movimentação da vida moderna nos seus variados aspectos, o espírita honesto e dedicado recorre não poucas vezes, por entusiasmo, à metodologia da Comunicação para mais ampla difusão dos postulados que abraça no Espiritismo.

Merece, no entanto, teçamos algumas considerações, a fim de que a necessária informação doutrinária não experimente o barateamento por parte da invigilância como da precipitação. Sem dúvida alguma o Espiritismo é doutrina comportamental, em cujos quadros a ética do Evangelho tem primazia, preparando o homem que se candidata ao futuro a exercer primacial papel de importância na coletividade onde foi chamado a lidar e viver. Fascinados, entretanto, pelos europeus da vacuidade hodierna, não poucas vezes, por falta de estudo acurado da Codificação, trabalhadores da última hora apresentam-se preocupados com o proselitismo de arrastamento e com o aumento de profíctentes apaixonados que viriam, segundo eles, enriquecer as fileiras da nova fé, mas se apresentariam sem a experiência superior, de qualidade especial.

A Comunicação, no seu valor científico, convida à informação exata e verdadeira da realidade que esclarece.

A propaganda bombástica conduz a mente do ouvinte ou do leitor a conclusões infelizes e incorretas, que não correspondem à realidade. Por este motivo, nem todos os meios, embora lícitos, devem ser utilizados, para que o Espiritismo logre maior penetração nas massas humanas. A problemática numérica não é relevante, nem essencial.

Não foi por outra razão que o Mestre, a princípio, convidou, de viva voz, reduzido grupo que lhe constituiu o Colégio, para depois, através de etapas e programação bem delineada, convidar os companheiros, na Galileia, e enviá-los ao mundo, a fim de, posteriormente, falar às massas fascinadas e comovidas, mediante linguagem capaz de se fazer entender corretamente.

Em nome da Doutrina, não é correta a utilização de conceitos complicados para chamar a atenção, nem à vulgaridade, através de imagens e figurações literárias deprimentes, que podem conduzir os nobres ensinamentos da Espiritualidade a uma conceituação extravagante ou ridícula entre os menos esclarecidos e os que, sistematicamente, se comprazem na adulteração, no descrédito das lições superiores da vida.

Não devemos manter a preocupação que caracteriza os precipitados. Os grandes ideais e os verdadeiros idealistas jamais serão ultrapassados. Quando aparentemente mortos ou vencidos, transferem-se para a história, nunca para o olvido. Alguns passam ignorados, porém, continuam vivendo.

É bem verdade que o Espiritismo ganha campo neste momento convulsionado, na história dos tempos atuais. Merece, todavia, nos precavermos contra o soerguimento de novos ídolos, que viriam substituir as antigas deidades, ora em escombros, esboroando-se. Ao fazer tal afirmação, não nos esqueçamos de ensinar retamente e apresentar os postulados idealmente.

Ao invés de colocarmos indivíduos e teorias transitórios em destaque, sobranceiros, fomentando a conseqüente veneração deles e situando-os nas paisagens da nossa alma em detrimento daquele que nos deve ocupar a província do espírito, acima dos homens e dos espíritos — Jesus! —, condicionemos líderes e líderes sob a égide de um único líder: Aquele que constitui e representa as mais altas aspirações da nossa vida e a quem palidamente todos desejamos, não obstante a necessidade de sacrifícios, dedicar a vida e servir sem cessar!

O Espiritismo é simples, fácil e claro, dispensando linguagem bombástica e terminologia complicada.

Se não pode ser entendido por um espírito singelo, em verdade, não conduz a verdadeira mensagem do Cristianismo autêntico, graças à prosápia ou presunção do expositor que fala ou escreve.

É indispensável conduzamos a inspiração que vem do Mundo Espiritual, na direção dos que choram e dos que sofrem, sem nos preocuparmos com a frivolidade do imediatismo ou com os aplausos perturbadores da ovação sistemática, daqueles que compactuam com a criminalidade e nos exigem o mesmo sorriso diante dos perdulários, como dos esmagadores impiedosos, dos provocadores das lágrimas, com eles concordando, em detrimento de quantos

padecem as constrictões lamentáveis da infância e do sofrimento de que se fazem responsáveis.

Criminosos não são apenas os que fazem correr o sangue, ou caminham sobre cadáveres, mas também os que subtraem nos preços, que geram infelicidade, que destroçam alegrias, fomentam viciações. Também o são as mentes que se refestelam na comodidade distante e ociosa e que detêm nas mãos as rédeas do poder, da dominação, e esperam de nós outros a submissão, o aplauso e o gáudio.

Jesus veio sobrepor-se ao *status* humano e a Sua Doutrina renascida pela mensagem kardequiana está por cima de todas as miserandas mancomunicações em que se comprazem os adoradores do "bezerro de ouro" e do triunfo terrestre, a concitar-nos aos gestos estóicos e audazes, para que a palavra de Vida Eterna permaneça límpida, cristalina e pulcra, transformando homens, modificando roteiros humanos, a fim de que, a seu tempo, retifique a estrutura social e emocional do planeta terrestre, ora enfermiça e descontrolada.

Não nos preocupemos, portanto, em competir com as doutrinas que passam a jazer nos próprios escombros, tentando tomar-lhes o lugar.

Não deve ser da nossa preocupação imediata substituir, tomar lugares vazios e exercer posições, tornando-nos novos condutores e líderes da Humanidade atormentada.

A informação espírita é um convite a maduras reflexões, não ao entusiasmo fugaz; é um apelo ao recolhimento, não à venalidade; é um impositivo à transformação interior, não à troca de rotulagem externa, não às posições rutilantes nem às situações de primazia na transitoriedade do mundo...

Cuidemos de aprofundar a mente e o coração nas preciosas palavras do Codificador e dos Espíritos da Luz, estudando o Espiritismo e fazendo não só que cada Casa Espírita seja um Templo, mas, sobretudo, se transforme numa Escola de iluminação de consciências e sabedoria, onde se criem hábitos salutaros e o amor mantenha sua substância, conduzindo as almas para o aprisco do Cristo, nosso eterno e incessante Conductor.

37 DUELOS

Felizmente, já não se realizam sob o amparo das legislações humanas.

Graves crimes contra a criatura foram os duelos banidos como hábitos selvagens que a Civilização logrou alijar dos seus estatutos.

Não havendo morte, senão vida, além da estúpida injunção do duelo em si mesmo, que não liberava o homicida legal do crime praticado contra a Consciência Cósmica, também não interrompia o ódio, os motivos do desforço, antes ensejava maior tramitação de intercâmbio dos fatores dissolventes elaborados pelo que tombava...

Como ocorreu com o duelo, outras graves heranças lamentáveis do passado cederão lugar, na Terra, a melhor compreensão entre as criaturas, embora ainda vicejem e proliferem em várias nações da Terra os pesadelos hediondos da pena capital, do aborto voluntário,

delituoso, e da eutanásia, por livre escolha do paciente ou de seus familiares, sob os auspícios de estranhas legislações...

Serão um dia fantasmas que documentarão, nos tratados especializados e nos museus, os estágios primitivos pelos quais passaram os homens, ao longo do seu processo evolutivo, saindo da treva para a luz.

Há, porém, ainda rudes duelos, graves disputas que culminaram nas guerras familiares, nas das comunidades, entre os povos uns contra os outros, sedentos de sangue, tresvairados...

Apesar das informações preciosas dos tratadistas da Higiene Mental, da Psicoterapia, da Educação, o homem

ainda prefere deter-se nas baixas regiões em que intercambiam as vibrações tóxicas, gerando psicósfera mefítica, deletéria.

As mentes desatreladas duelam em lutas verbalistas insanas, em que se esgrimem expressões grosseiras, ofensivas, dilaceradoras.

Duela-se, mediante a repulsa mental, agasalhando e arremetendo dardos venenosos de cólera e ódio por suposições injustificadas, produzindo vasa pútrida, contagiosa, nas paisagens psíquicas de uns e outros.

Duela-se, pelo atrito da intriga irresponsável, utilizando-se de pessoas afeitas ao contágio da insensatez, que se fazem excelentes instrumentos de destruição, nas lutas da maledicência inclemente e odiosa.

Duela-se através do impor ideias absurdas que, mesmo não rechaçadas externamente, são revidadas a golpes de pensamentos infestados do orgulho ferido e da presunção doente produzindo enfermidades sem mortes de difícil diagnose.

Duela-se por meio da projeção da inveja ardilosa, que se arma de suscetibilidades para o comércio e consunção dos ideais nobres...

Não apenas empunhando-se uma arma se dá curso ao duelo...

Quem já conhece Jesus, amortece no algodão da paciência os golpes que lhe são desferidos e no suavizar dos sentimentos nobres diminui a força dos petardos mentais venenosos da alucinação alheia, não se deixando atingir.

Informado da alta significação da vida, o espírita não duela, não revida ao mal, não mata nunca.

38 O SONO INIMIGO

A disciplina mental constitui fator decisivo para o êxito de qualquer empreendimento.

Sem uma equilibrada ordem de ideias, hábito salutar de meditação, exercício de fixação do pensamento nos informes, atenção cuidadosa, os tentames para a liberação do pessimismo e dos pontos de vista arraigados fazem-se precários, quando não totalmente inócuos.

Isto porque a acomodação natural ao "já sabido" predispõe o homem a uma indiferença pelo conhecimento novo, quando não lhe ocorre a obliteração do discernimento, através de uma anestesia nos centros da razão.

No que tange ao estudo e à assimilação do Espiritismo, o fenômeno amiúde se repete desanimador.

A quase generalidade de adeptos acostumados às expressões do culto exterior das religiões, ao transporem a ponte para a comunhão direta, sem as fórmulas nem os condicionamentos externos a que se habituaram, padecem estranhos mal-estares, inquietação e derrapam no sono dominador.

Ultrapassados os primeiros momentos de deslumbramento e entusiasmo, sutilmente a modorra se lhes instala e os desprevenidos aprendizes tombam vitimados pelos vapores entorpecentes.

A questão exige de imediato uma cuidadosa e contínua reação, a fim de impedir-se o agravamento do mal.

O estudo de qualquer doutrina impõe o contributo do esforço e da persistência. Para uma perfeita aprendizagem do conteúdo da Doutrina Espírita, uma leitura apressada e interrompida não produz o resultado desejado. Não obstante a quase totalidade das suas lições morais poder ser armazenada em decorrência de breves exames, os seus complexos mecanismos filosóficos e científicos — base para a valorização do comportamento religioso — exigem maior soma de esforços. Isto, porém, somente será possível mediante um estudo metódico, organizado, contínuo, através do qual se abarcam os conhecimentos libertadores, fonte da perfeita integração nas nobres informações de sabor insuperável que são os princípios doutrinários.

A inúmeros candidatos, dotados de fé natural, parece não interessar as complexidades doutrinárias, atendo-se, naturalmente, à elevada feição ético-religiosa com que se enriquecem de paz.

Dedicam-se à prática da caridade, por todos os meios possíveis, participam dos trabalhos práticos, promovem Cultos Evangélicos do Lar; todavia, logo se candidatam ao esclarecimento pela leitura ou audição das mensagens, nas conferências, são tomados pela insuportável sonolência.

De início, deve-se levar em conta o cansaço, a monotonia da voz que lê ou a falta de motivação do ensino dado pelo palestrante. Além disso, convém salientar-se a psicofera do recinto, saturada, quiçá, de fluidos perniciosos.

Todavia, não se deve considerar secundária a interferência de mentes viciosas do Mundo Espiritual, adversárias algumas dos candidatos à renovação, que o intoxicam, perturbam ou produzem hipnose de longo alcance com que os impedem de aprender, melhorar e progredir.

Apresentam-se esses companheiros loquazes bem dispostos, enquanto se movimentam. Logo, porém, se aquietam, ao invés da interação mental na concentração, assimilam o torpor que os invade, e dormem, avassalados pela força que lhes parece superlativa.

Pessoas asseveram que se encontram atentas e melindram-se quando admoestadas, informando "estar ouvindo tudo". Outras justificam que se trata de fenômeno de "desprendimento mediúnico para trabalhar em parcial desdobramento". Terceiras alegam que em "espírito aprendem melhor, adquirindo cabedal que retorna à consciência no momento próprio".

São alegações desculpistas, sem fundamento, carecentes de lógica.

Impostergável o esforço de combater a "epidemia da sonolência" nas atividades e estudos da Doutrina Consola* dora.

Ensejar-se um *relax* antes de dirigir-se à Sociedade Espírita é condição valiosa para predispor-se convenientemente.

Poupar-se à alimentação exagerada ou de difícil assimilação, a fim de não ser molestado pelo fenômeno orgânico da digestão.

Motivar-se interiormente para o que vai Ver ou ouvir, participando dinamicamente, ao invés de deixar-se apenas arrastar, reflexionando, discutindo mentalmente o assunto exposto.

Sentar-se bem, não, porém, comodamente em exagero, que propicia, pela má postura, o fácil adormecimento.

Orar antes dos sinais da indisposição, renovando a paisagem psíquica.

Sorver água fresca ou borrifar a face com água fria quando a ocorrência suceder no lar e reencetar a tarefa.

Acima de todas as regras expostas, insistir, porfiar, trabalhar-se até criar condições salutares, hábito novo para as ideias revitalizadoras e abençoadas de que não pode prescindir no compromisso da evolução espiritual.

O sono à hora em que se impõe a vigília torna-se inimigo cruel.

Nenhuma chance deve-se dar ao sono, nos recintos de estudo e aprendizagem, locais de meditação e prece. Santuários do intercâmbio mediúnico e de iluminação interior.

Ou o candidato vence o sono ou o sono desta ou daquela procedência, especialmente o produzido pelos Espíritos Inferiores, inutiliza e vence o aprendiz das lições superiores, impedindo-o temporariamente de avançar e com ele se comprazendo, retidos na retaguarda.

39 DÚVIDA

A dúvida ou "*suspensão do juízo*", essa incerteza entre a afirmação e a negação, deve ceder lugar à definição do comportamento, após o acurado exame das informações que chegam ao conhecimento.

Necessariamente a crença simples e ingênua, sempre respeitável, deve conceder lugar à ciência que decorre da experiência pessoal em relação aos fatos.

No que tange aos valores espirituais, o homem, não obstante as contínuas informações e testemunhos probatórios da vida espiritual, debate-se em incertezas bem cultivadas com que se compromete, assumindo atitudes infelizes e tomando decisões incompatíveis, inclusive, com o seu próprio estado de civilizado.

Nenhuma base dispõe o pensamento para a negação da vida espírita, embora os esforços dos filósofos niilistas, campeões do materialismo na sua expressão multiface.

Por mais amplos poderes se confiêm à mente encarnada, ligeiro exame da documentação histórica da Humanidade, em torno da fenomenologia espiritual, basta para demonstrar o equívoco a que alguns se afervoram, apaixonados, como impondo os trâmites, a seu talante, a que o "pensar e o existir" deveriam obedecer.

Quando se realizam experiências valiosas com animais irracionais, tentando-se demonstrar a não necessidade do espírito nas realidades existenciais do ser, olvidam, os pesquisadores, que ali defrontam, em fase embrionária, o princípio anímico em perfeito processo evolutivo...

Muitos animais podem, sem dúvida, operar matematicamente, transmitir informações à hora da morte por processos telepáticos muito sutis, dentro, porém, de uma mecânica estática, que lhes não faculta discernir em torno do valor de um algarismo ou do conteúdo de uma sílaba...

O homem — Espírito revestido de matéria — pela sua própria anterioridade, traz no inconsciente a reminiscência da preexistência ao berço e da supervivência ao túmulo, que o impele a uma ética de comportamento moral, condizente com o futuro que *sabe* lhe está reservado e que defrontará.

A cessação da vida, na morte, obviamente significaria a não legitimidade da existência no corpo.

O aniquilamento do Espírito, ao lado do corpo em transformação tumular, representaria um engodo, porquanto valeria como negação da inteligência e da razão — atributos do Espírito, manifestos, como outros, através da organização cerebral.

Insculpida em cada mente está a ponderável existência espiritual.

A fuga aos deveres maiores, coercitivos, imperiosos, indispensáveis à disciplina para a evolução; a leviandade que arrasta em direção às sensações mais fortes e voluptuosas; o esquecimento voluntário à reflexão, à busca interior; a acomodação aos condicionamentos envolventes da armadura somática no encharcamento dos desejos e aspirações respondem, dentre outras, pela dúvida em que se comprazem os que arrolam exigências e questões que gostariam de defrontar e de solucionar, a fim de se resolverem à aceitação da continuidade da vida após a morte.

Gostariam de ver, ouvir, dialogando com os *mortos*.

Necessitariam de informações científicas contundentes que equacionassem problemas graves da condição humana.

Prefeririam medir e pesar, constatar e fotografar os comunicantes espirituais...

...Quando, porém, isto ocorre, tentam as explicações complexas e pomposas, sempre subalternas à negação, comprazendo-se em permanecer numa "dúvida salutar" a uma "aceitação precipitada", conforme afiançam...

A afirmação da sobrevivência somente acalma, dulcifica e consola aquele que crê.

A galeria dos infelizes e atormentados sempre exhibe os espécimes mais comburentes dos céuticos e negadores, desarrimados de esperança e de paz.

A convicção espírita, em razão disso, é lúcida e balsamizante.

Não incita ao fanatismo que desarvora, não conclama à negligência que entorpece, não subalterniza a compromissos perniciosos.

Liberta toda paixão, emuiando para as aspirações da solidariedade com que arma o homem para uma perfeita visão dos objetivos da vida na célula individual e no organismo coletivo, onde se encontra em palpitante participação.

Ver, ouvir e dialogar com os *mortos* não são suficientes no que tange ao impositivo da fé.

Chamamento valioso, o fenômeno mediúnico deve fazer-se acompanhar, em caráter de urgência, do estudo sistemático e contínuo da filosofia espírita, no qual se haurem conceitos, conotações, informes de realce, que formam o contexto de uma fé sem conflitos a converter-se numa estrutura de amor, conforme preconizada pelas lições de meridiana claridade de que se fez protótipo insuperável Jesus Cristo.

40 A TAREFA DE ALLAN KARDEC

Gigantesca pela sua complexidade e difícil, graças aos muitos problemas, foi a tarefa de Allan Kardec, em plena metade do século XIX.

Exatamente no momento em que as mentes mais esclarecidas se libertavam da imposição dogmática, dando início à era da investigação racional com as armas da pesquisa científica, quando os postulados religiosos padeciam a pública desmoralização cultural dos seus aranzais metafísicos, ele se permitiu adentrar pelos dédalos das dúvidas, a fim de aplicar os recursos da época na constatação da experiência imortalista.

Munido de uma inteligência invulgar e profunda acuidade racional, caracterizado por um senso de observação pouco comum, agiu, com isenção emocional, no exame dos fenômenos mediúnicos, deles retirando a vasta documentação filosófica que integra o Espiritismo.

Atuando sem pressa, e meticulosamente, não se permitiu influenciar por pessoas, ideias preconcebidas ou fatos isolados.

Em todos os momemus, esteve sempre munido de vigilância estóica, a fim de permanecer indene às agressões de adversários e aos encômios de amigos.

Trabalhando sistemática e ordeiramente, a pouco e pouco, do fenômeno mediúnico puro e simples, arrancou a Doutrina Espírita, formulando questões momentosas, genéricas e específicas, sobre as várias e incontáveis inquietações em que se aturdia o espírito humano, recebendo significativas e sábias respostas que, transcorridos mais de cento e vinte anos, permanecem atuais, nada se lhes podendo retirar ou crescer.

Como é certo que os abençoados Mensageiros do Mundo Espiritual sempre deram esclarecimentos pouco comuns, em face da estrutura e profundidade dos conceitos emitidos, não menos notáveis são os assuntos propostos que fomentaram e inspiraram os diálogos que permanecem insuperáveis.

Respondendo à crítica honesta com a lógica dos fatos, Kardec desmistificou a mediunidade, estabelecendo uma perfeita metodologia para o seu exercício, oferecendo

instruções de segurança, ao mesmo tempo em que analisava os seus problemas e dificuldades com um critério absolutamente justo e seguro.

Situou muito bem, e distintas, as posições do médium e dos Espíritos, as diferenças entre opiniões isoladas e a universalidade do ensinamento espírita, não se arrogando quaisquer situações de relevo ou chefia, antes pautando a conduta em plano de nobreza invulgar, especialmente se considerarmos a época em que a presunção, a fatuidade e o orgulho descabido mais se exaltavam.

Cordial e acessível, não se fez vulgar nem comum a pretexto de uma popularidade que, afinal, nunca lhe interessou.

Sabendo, exatamente, qual a missão que lhe cumpria desempenhar, ateve-se ao ministério com reta austeridade, envidando todos os esforços até a consunção das forças para o seu desempenho.

Soube repelir com elevação de propósitos a mordacidade dos frívolos e a perseguição gratuita da ignorância, sem deixar-se espezinhar pela mesquinhez de combates e balbúrdias dos precipitados.

Manteve-se sóbrio no opinar e meditativo no exame das ruidosas ocorrências do campo das afirmações sem base. Tudo caldeou, confrontou e aferiu até que brilhasse no diamante da verdade o enfoque puro, em forma de lição libertadora de consciências.

Sem jactância, não se arreceava corrigir o que fosse necessário, e embora não se fizesse portador da última palavra, denunciava o erro onde este se encontrasse, mantendo-se digno, sem descer, porém, à disputa injustificável ou ao palavrorio insensato.

Não era fácil o empreendimento!

Num campo eivado de superstições, crendices e lendas, qual o que se referia aos Espíritos Desencarnados — por uns considerados deuses, anjos, demônios; por outros temidos ou envoltos nas confusas práticas da magia e do absurdo e ainda desacreditados e sempre confundidos por certa estirpe de pensadores presunçosos, que se tinham em tal posição cultural que lhes parecia humilhação qualquer envolvimento com eles — Allan Kardec demonstrou por processo claro e científico tratar-se simplesmente das almas dos homens que viveram na Terra, cada um prosseguindo conforme suas aquisições morais e intelectuais.

Desmistificou a morte, fechada em enigmas e cercada pelo conceito do sobrenatural, perdida no fantasioso e no absurdo, provando que morrer é somente mudar a forma de viver, sem transformação intrínseca por parte daquele que se transfere de um para outro plano vibratório.

Provou à saciedade a paranormalidade dos fenômenos, retirando das fantasias e do medo quanto dizia respeito à Vida Espiritual, comprovando que o inabitual é normal, jamais sobrenatural ou fantástico...

Corrigiu o conceito em torno do "Culto aos mortos", cercado que vivia esse culto por excentricidades e liturgias totalmente vãs, fundamentando as instruções libertadoras na informação correta dos próprios *mortos*, sempre vivos além da cortina carnal...

Antecipou, através do exame dos fatos e das informações, incontáveis labores da ciência, que os vem confirmando no suceder das décadas, havendo oferecido à Doutrina Espírita uma estrutura firme, científica, no contexto das suas afirmações.

Quando a fenomenologia medianímica, exuberante e farta, atraiu a atenção de sábios outros de várias especialidades científicas, estes, após demorados e respeitáveis trabalhos, apresentaram os seus relatórios, sem nada acrescentarem aos resultados publicados pelo gênio de Lyon, cuja probidade intelectual e científica o guindou à condição de verdadeiro criador da técnica metapsíquica de investigação, a princípio, e parapsicológica, depois.

Por essas e outras considerações, o Espiritismo veio e ficou, dirimindo dúvidas e tornando-se guia seguro no bátrio da vida hodierna, em favor de uma existência sadia e útil entre os homens, livre e ditosa no além-túmulo.

Ainda permanece incompreendido e sofre combate o insigne Codificador. Isto, porém, em nada o diminui ou desmerece, pelo contrário, mais o agiganta...

No momento em que variam as técnicas das "ciências* da alma", no estudo da personalidade humana e dos problemas que lhe são correlatos, o Espiritismo, conforme a Codificação Kardequiana, é a resposta clara e insofismável para as aflições que se abatem sobre o homem, dando cumprimento à promessa de Jesus, quanto ao Consolador, de que este, em vindo à Terra, não somente lhe recordaria as lições, como também esclareceria, confortaria e conduziria o ser através dos tempos....

Lárcarer-z

"ENFOQUE5 MI

Pac =sprito VIANN.DECâfl

cuja probidade intelectual e científica o guindou à condição de verdadeiro criador da técnica metapsíquica de investigação, a princípio, e parapsicológica, depois.

Por essas e outras considerações, o Espiritismo veio e ficou, dirimindo dúvidas e tornando-se guia seguro no bátrio da vida hodierna, em favor de uma existência sadia e útil entre os homens, livre e ditosa no além-túmulo.

Ainda permanece incompreendido e sofre combate o insigne Codificador. Isto, porém, em nada o diminui ou desmerece, pelo contrário, mais o agiganta...

No momento em que variam as técnicas das "ciências- da alma", no estudo da personalidade humana e dos problemas que lhe são correlatos, o Espiritismo, conforme a Codificação Kardequiana, é a resposta clara e insofismável para as aflições que se abatem sobre o homem, dando cumprimento à promessa de Jesus, quanto ao Consolador, de que este, em vindo à Terra, não somente lhe recordaria as lições, como também esclareceria, confortaria e conduziria o ser através dos tempos....

Lançamento:

"ENFOQUES ESPÍRITAS"

Pelo Espírito

Notas

[←1]

João XIV: 16

[←2]

João XIV: 1

[←3]

João III: 5

[←4]

"O Evangelho Segundo o Espiritismo" — A. K. Cap. XIX, item 12 - 521 edição da FEB.